

Paula Maria Lobato de Faria

2º Ciclo de Estudos

em

HISTÓRIA E PATRIMÓNIO
Ramo: *Mediação Patrimonial*

**Os Moinhos de Carrazeda de Ansiães. Inventário e
Estudo**

2012

Orientador: Helena Osswald

Classificação: Relatório/Projeto/PP:

Versão definitiva

Resumo

Os moinhos de Carrazeda de Ansiães são o objeto desta dissertação. Pretende-se fazer o reconhecimento desta realidade e analisar o seu papel no contexto de uma economia marcada pela produção cerealífera e indagar o seu desaparecimento no contexto das transformações da paisagem agrícola. A possibilidade de vir a transformar estes edifícios em espaços turísticos ligados ao património do concelho implica que se conheçam bem as suas características e as suas funções no passado destas comunidades.

Abstract

The subject of this dissertation are the mills of Carrazeda de Ansiães. It is intended to recognize this reality and analyze their role in the context of an economy marked by cereal production. Their disappearance is a consequence of transformations in agriculture and technique. The agricultural landscape of Carrazeda has changed recently in a way not sufficiently underlined. The possibility of eventually turning these buildings into tourism places, connected to the county heritage, implies that the decision takers have an accurate knowledge about the mills and their functions in past societies.

Resumé

Les moulins de Carrazeda de Ansiães font l'objet de cette thèse. On vise à reconnaître cette réalité et analyser leur rôle dans le contexte d'une économie marquée par la production de céréales. On se demande sur leur disparition dans le contexte de la transformation du paysage agricole. La possibilité de transformer ces bâtiments en espaces touristiques liés au patrimoine local implique que ceuz que sont en charge connaissent bien les moulins et leurs fonctions dans les comunautés du passée.

Agradecimentos

A concretização do trabalho que agora se apresenta só foi possível graças à ajuda inestimável de um conjunto de pessoas e instituições a quem quero prestar o meu mais sincero agradecimento.

À Professora Doutora Helena Osswald, a quem reconheço a *ciência*, admiro a *pedagogia* e me sensibiliza o *humanismo*, agradeço o voto de confiança ao aceitar orientar este trabalho, por mim proposto, e pelos serenos conselhos sobre os passos a seguir.

Com especial agradecimento ao Doutor Miguel Nogueira que me prestou esclarecimentos e elaborou todo o trabalho de Cartografia na Oficina do Mapa da Faculdade de Letras.

Um reconhecido agradecimento ao Sr. Presidente da Câmara de Carrazeda de Ansiães, Professor José Luís Correia, por me ter concedido o estágio no Município.

Um bem-haja aos funcionários do Município que, ao longo de uns meses colocaram à minha disposição, materiais indispensáveis ao meu estudo.

Ainda, um sentido agradecimento aos poderes locais, presidentes de freguesia, funcionários e população em geral que, se disponibilizaram a acompanhar-me aos locais de implantação das estruturas moageiras.

E por fim, aos meus amigos Carrazedenses, pela sua prestimosa ajuda a nível de conhecimentos pessoais, pois, através deles conheci uma geração que conviveu e falou sobre “Os Moinhos”.

Ao Bento, o meu filho, pelo tempo que para ele não tive e pelas férias que não passámos.

Índice

Apresentação	33
Metodologia	66
Objeto.....	66
Fontes.....	77
Métodos de análise	1818
Parte I	2121
O concelho de Carrazeda de Ansiães	2121
Território e clima	2121
Produções.....	2626
Parte II	3232
1. Os Moinhos de água e de vento em Portugal	3232
1.1. O Património molinológico no concelho de Carrazeda de Ansiães	3434
1.1.1 O Moinho de água de roda horizontal – rodízio	3939
1.1.2 Local de Implantação do moinho de rodízio	4141
1.1.3 A loja do moinho e seu aparelho motor – rodízio.....	4444
1.1.4 O aparelho motor	4747
1.1.5 No interior do moinho.....	5050
1.1.6 A picagem das Mós.....	5353
1.2 Os moinhos de rodízio identificados nas linhas de água do concelho.....	5555
1.3 Moinhos de água de roda vertical – As Azenhas.....	7676
1.3.1 Azenhas do rio Tua	7878
1.4 Moinhos de Vento.....	8484
1.4.1 Moinho de Vento de Carrazeda de Ansiães	8686
1.4.2 Estrutura e engrenagem do moinho de vento	8787
Parte III	9494
1. Proposta de visita a três núcleos de moagem	9494
1.1. Núcleo moageiro de Vilarinho da Castanheira.....	9494
1.2. Núcleo moageiro de Linhares – Rodo	9797
1.3. Moinhos e paisagem vinhateira do Douro – Seixo de Ansiães	9999
Conclusão	101101

FONTES E BIBLIOGRAFIA	104103
Fontes.....	104103
Bibliografia	105104

Apresentação

O estudo que se apresenta situa-se no âmbito do mestrado em História e Património – ramo Mediação Patrimonial, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e tem como objeto definido “Os Moinhos de Carrazeda de Ansiães”.

Na perspectiva de contribuir para a divulgação de uma realidade patrimonial que necessita urgentemente de ser redescoberta e valorizada, pretende-se apresentar o património cultural molinheiro, fruto das circunstâncias naturais e do aproveitamento que gerações de habitantes deste espaço fizeram das mesmas.

Trata-se pois de um património com características económicas, sociais e também culturais. O facto de os moinhos terem servido interesses sociais e económicos, em Carrazeda, por um tempo suficientemente longo, deixou marcas na memória das comunidades e transformou-os de bens eminentemente económicos em elementos que marcaram a cultura identitária das mesmas comunidades. Estes sentimentos coletivos hoje já não vivenciados diretamente, pois os moinhos deixaram de trabalhar, ecoam nas memórias de factos, espaços e ambientes de alguns mais idosos.

Para as novas gerações o sentido da utilidade dos moinhos pode parecer estranho e incompreensível, já que a atividade agrícola se transformou completamente. Já não há terras de pão em Carrazeda. Esta sociedade que atravessa mutações várias, precisa das referências das gerações anteriores para poder interpretar a cultura material que a envolve.

Contudo, vemos este património material e imaterial a ele ligado, em meio rural, a desaparecer. Daí propormos a sua identificação e divulgação. Não só dos edifícios, mas também dos saberes ancestrais da arte da moagem, da construção dos sistemas hidráulicos e do próprio espaço de habitar do moleiro, do domínio das correntes dos rios e ribeiras, das suas margens. De forma singular, moinho de água, azenha, açude, levada e casa do moleiro formam um sistema aparentemente simples, que representam, contudo, ao longo da história, uma vital relação entre agricultura, indústria e residência. Nalguns dos espaços de implantação pode observar-se, ainda, a existência de fornos de cozer pão, que vinham enriquecer o leque de atividades produtivas e de socialização.

A evolução do sector primário alterou-se devido à importação de combustíveis que fez penetrar o motor elétrico no trabalho rural. Os moinhos outrora movidos com a força motriz do vento, e no caso, sobretudo com as águas de rios e ribeiros, perderam a sua funcionalidade. Mas foi sobretudo a nova utilização do solo - a opção por uma produção mais rentável (plantação de pomares) em desfavor da cultura de cereais – o fator que mais decisivamente contribuiu para a realidade atual do concelho.

”As coisas simples e normais passam despercebidas ou quando muito, registam-se como meras curiosidades” (Van Bath, 1960, p.9). O encontro com os moinhos, estruturas simples, mas tão cheias de sentido, revela factos, memórias da vida quotidiana de outros tempos. Com este estudo não se pretende mergulhar na fantasia, mas ser um alerta para a existência de um território presente próximo de nós e que faz parte da nossa identidade. Os Moinhos em ruínas, abandonados ou mantidos pela teimosia e apego de proprietários, fazem parte de um mundo incompreensivelmente esquecido. Preservar a memória dos moinhos fará sentido? É útil valorizar este passado? Ajudará a salvaguardar a identidade da população do concelho? A memória deste passado representa a Cultura e Identidade deste concelho? Não basta afirmar que um moinho é património, é necessário que as populações possam compreender estas estruturas e o modo como se integram e ligam com a paisagem, enquanto território com uma vida própria, como uma herança. O valor económico dos moinhos em outros tempos, aliado ou transformado num valor de memória, num valor cognitivo, traço essencial do património (Choay, Françoise, 1982, p.12) não se decreta por definição institucional. É construído pela comunidade sobre o conhecimento, constituído pela apreensão da realidade material, mas também de toda a informação que permite a compreensão e interpretação dessa realidade. Importa pois, começar por reconhecer estes elementos, indagar da sua história e da história dos seus criadores e utilizadores para que as comunidades possam ter dados de informação que lhes permitam a interpretação da realidade molinológica. A partir daí poderá ser possível considerar os moinhos como património material em meio rural.

Ao orientarmos a nossa pesquisa para este património somos levados a interrogar-nos: Qual o número de moinhos? Onde se encontravam/encontram? Em que contexto surgiram os moinhos no concelho? A partir de quando há registos da sua existência? Que entidades os fomentaram? O que é que se moía predominantemente nestas unidades? Que capacidade detinham? Em que altura do ano trabalhavam? Quais as

características geográficas, culturais e económicas que estão subjacentes ao surgimento destas estruturas? Qual a força da água e como é que era potenciada? Que caminhos permitiam a acessibilidade?

Toda a pesquisa foi orientada no sentido de encontrar indicadores para estas questões mais específicas. Dentro deste universo material existem duas realidades complementares indissociáveis: património edificado e tecnologia a este ligada. Desde a construção do edifício, às estruturas que alimentam de água o mesmo, passando pelo cálculo do caudal de água necessário para mover as rodas, etc., tudo merece a atenção, de modo a perceber como estas duas componentes se interligam e originam o que hoje podemos classificar por património cultural.

Metodologia

Objeto

Este estudo sobre os moinhos pretende tornar possível uma leitura dos elementos materiais (património edificado) e também do património imaterial que lhe está ligado. O tratamento destes moinhos que pontuam as margens das linhas de água e os cabeços dos outeiros do concelho, não foi senão lacunar até à data e é imperioso que seja realizado, como base da possibilidade de redescoberta do património cultural e identitário dos habitantes deste espaço rural. Os traços identitários e culturais residem necessariamente em muitos outros elementos, mas é objetivo deste trabalho mostrar como, durante séculos, estas estruturas contribuíram para essa definição, num encontro entre a paisagem natural e o esforço humano.

Reafirma a importância, como elemento estruturador da paisagem rural, da originalidade de fazer convergir em simples edifícios arquitetónicos, saberes ancestrais sobre o domínio das correntes de rios e ribeiros e do regime dos ventos, bem como sobre a arte da moagem, da construção de sistemas hidráulicos e eólicos e das áreas de armazenamento dos cereais, farinhas e do espaço de habitar do moleiro. Define e aponta elementos singulares de particular significado e importância histórica, económica e cultural dentro do contexto estudado.

A partir da sistematização da informação recolhida (documental e recolhida em trabalho de campo) e das interpretações que propiciaram, aponta um conjunto de perspetivas para a orientação de trabalhos a desenvolver no futuro como continuação do que agora se apresenta, bem como para as ações de mediação com vista a apresentar as potencialidades deste património em meio rural, sensibilizar as populações para a sua importância, a necessidade de preservação de um recurso gerador de oportunidades na concretização de projetos de desenvolvimento local.

No entanto, deve dizer-se que a ambição com que se encarou esta investigação está longe de nos satisfazer plenamente. De fato, apesar de algumas limitações com que nos deparamos na recolha de dados documentais, cremos ser possível utilizar o conhecimento e materiais disponíveis de um modo muito concreto enquanto propostas de turismo alternativo, contribuindo para um possível desenvolvimento económico deste concelho. São três os estudos de caso que concretizámos. Esperamos que possam

servir de propostas a multiplicar para todo o concelho. A natureza e a delimitação do próprio trabalho e o tempo disponível determinaram que algumas hipóteses fiquem em aberto. Esperamos que outra oportunidade permita a sua realização.

O trabalho saldou-se pois em vários produtos:

1. Levantamento sistemático de todas as estruturas molinológicas do concelho.
2. Descrição das mesmas e dos acessos.
3. Historial dos moinhos.
4. Cartografia destes elementos.
5. Proposta específica de percursos em torno de alguns casos.

Fontes

Os diferentes produtos acima indicados implicaram a utilização de informação de diferente teor, desde a escrita à oral, passando, necessariamente, pela deteção da informação material inscrita nos próprios moinhos. Enquanto trabalho científico, não casuístico, impunha-se tentar criar critérios que permitissem a exaustividade da recolha de informação. Para além da pesquisa bibliográfica e arquivística, houve que tentar avaliar da possibilidade natural do território em análise poder comportar moinhos. Um levantamento dos caudais e perfis das linhas de água do concelho poderia permitir identificar os rios e ribeiras com um potencial para a movimentação de moinhos. O trabalho começou pela recolha de elementos relacionados com estes perfis na informação sistematizada disponível na página do INAG (Instituto Nacional da Água www.inag.pt). Infelizmente não foi possível, em virtude do teor da informação e dos nossos conhecimentos, aplicar qualquer tipo de cálculo, que nos permitisse aferir da lógica ou ilógica de certas construções ao longo das linhas de água. Mas, apesar disso e em conjunto com a carta militar 1:25000 constituída pelas seis folhas, (103,104,116,117,128,129)¹, foi possível avaliar do perfil hidrográfico do concelho, de modo a constituir uma base para o trabalho de interpretação de informação, colhida tanto em documentação escrita, produzida ao longo de séculos, com um grau de rigor muito variável, quanto em informações orais transmitidas durante o trabalho de campo.

¹ Instituto Geográfico do Exército - [Carta Militar de Carrazeda de Ansiães]. Escala 1:25.000. 1945, 1983. 6 f. 103,104,116,117,128,129. Acessíveis na Oficina do Mapa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e no Gabinete de Topografia do Município de Carrazeda de Ansiães

Na questão da própria denominação dos cursos de água e a eventual multiplicação de realidades hidrográficas, por a mesma linha de água receber designações diferentes ao longo de espaços vividos por distintas comunidades, este procedimento mostrou-se essencial.

Este levantamento de um mapa mudo quanto a moinhos, mas preenchido pelos cursos de água nas diferentes freguesias do concelho, realizado como trabalho preliminar foi coadjuvado pelo aproveitamento de dados já trabalhados por outros autores, com especial ênfase para a monografia de Cristiano Morais (Morais, C., 2006). Tentaram sistematizar todos os topónimos com o termo “moinho”, “azenha” e todas as variantes em torno destas palavras. A partir de documentação como as matrizes prediais e urbanas do Arquivo da Repartição de Finanças de Carrazeda de início do século XX, a lista de ocorrências para 16 freguesias (Belver, Carrazeda, Castanheiro do Norte, Tralhariz, Lavandeira, Linhares, Campelos, Carrapatoza, Marzagão, Mogo de Malta, Misquel, Pereiros, Codeçais, Ribalonga, Vilarinho da Castanheira, Pinhal do Douro) (Morais, C., 2006, 48-49) foi cruzada com a informação cartográfica, na tentativa de reencontrar pistas seguras sobre a existência dos moinhos, num passado mais próximo ou mais recuado. Do mesmo modo foram percorridas as Memórias Paroquiais de 1758 (Capela, J.V, 2007, pp. 344,347,353,353,356,368,374,377,379), encontramos referências de moinhos em algumas freguesias, embora os redatores das memórias, os párocos das freguesias, não quantifiquem as mesmas nos relatos. No conjunto, mencionam elementos indispensáveis como a toponímia, a hidrografia e hidronímia na qual se inserem as estruturas moageiras. Destaca-se a descrição do pároco de Amedo, tão pormenorizada que parece indicar ao “viajante” como chegar.

”E também indo deste lugar do Amedo para o lugar das Arcas, se passa outro ribeiro das Arcas o qual tem seu princípio nas concelheiras de Zedes e correndo do Nascente para o Poente se junta antes do sitio do Frarigo com o dito ribeiro Dama e assim nelles juntos se acham moinhos de moer pão centeio e assim juntos se sepultam no rio abaixo de Paradella como dirá o pároco de Pombal”.

Relativo às restantes freguesias a informação é mais parca, mas nem por isso menos elucidativa:

Ansiães *“No rio Douro há moinhos de moer pam e nam há outras moendas”.*

Castanheiro “ *No rio Tua tem alguns moinhos e azenhas de moer pão*”.

Fontelonga “*Tem dois pisoens e doze moinhos de pão chamado o Ribeiro Larguo e se recolhe no rio Douro, distancia no seu curso thé onde se recolhe este ribeiro duas leguoas*”.

Linhares “ *Tem algumas azenhas neste destrito*”.

Marzagão “ *Tem este Douro nesta distancia muitas azenhas de moer pam e muitas pesqueiras...*”.

Pinhal do Norte - No rio Tua “ *Tem bastantes açudes e cachoeiras, pelas quoaís se impede a navegação dele*”. “*Tem bastantes areniz (sic, por azenhas) de moer pam, os quais são borneiras e algumas, mas poucas, alveiras*”.

Pombal “*No destrito desta freguesia do Pombal tem cinco azenhas de moer pam, nam tem noras, nem pisoens, nem outro algum engenho*”.

Selores “ *Em o rio Douro declaro que há moendas de pam, de pessoas particulares e de presente terra este concelho, do senhor donatário o Excellentissimo porteiro mor Manuel Antonio de Sousa e Mello...*”

Vilarinho da Castanheira “ *Em distancia de huma legoa vulgar desta villa passa o rio Douro...*”. “ *Nelle há uma barca que hé do concelho desta villa, huma azenha de moer centeio que hé de Manuel de Sousa Cardoso...*”

Zedes “ *Neste destrito nam nasce rio algum, mas só sim há hum ribeiro perto das casa a que chamam o rio Baixo das Vasas...e mete-se em outro a que chamam o Frarigo*”. “*...e por todo elle tem quantidade de moinhos e muntos castanheiros que caiem sobre ele...*”.

A necessidade de proceder de modo sistemático levou, ao nível da informação atual, a dirigir uma solicitação de dados referentes a estruturas molinológicas a todos os responsáveis pelas autarquias. Essa solicitação foi acompanhada de informação sobre o objetivo deste trabalho e pedia para distinguir entre o ouvir dizer e recordação e o conhecimento direto da existência de. Partiu-se do pressuposto, baseado em conhecimento da realidade local, de que os autarcas são naturais e residentes nas freguesias e que, por dever de ofício, conhecem razoavelmente os seus territórios. Nas

freguesias em que ajuda dos autarcas e ex-autarcas foi preciosa destacamos as freguesias de Pereiros, Seixo de Ansiães, Vilarinho da Castanheira e Mogo de Malta. Nas demais freguesias e povoações contribuíram as populações com informações e deslocações até aos locais de implantação de moinhos e azenhas.

Alicerçada nesta informação foi possível tirar partido criterioso e crítico dos trabalhos monográficos já realizados, quer sobre as freguesias, quer sobre moinhos. A recolha da bibliografia relacionada com o tema que propomos desenvolver – os Moinhos, resultou de um percurso por diversas bibliotecas, em especial pela Biblioteca Municipal de Carrazeda de Ansiães, Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Biblioteca Pública Municipal do Porto. Os resultados desta pesquisa bibliográfica permitiram reunir informações acerca dos moinhos e do mundo envolvente, objeto de estudo, resultantes de uma análise diversa, conforme nos situamos nos domínios: hidrológico (Ribeiro, O., 1988); climático (Ribeiro, O., 1987); paisagístico (Ribeiro, O., 1987), e técnicas industriais (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B., 1983).

Foi o ponto de partida para se localizarem fontes informativas, que nos conduziram a etapas de pesquisas posteriores. Assim, no que se refere à orientação da pesquisa bibliográfica, a mesma obedeceu a três momentos diferenciados de seleção.

Num primeiro momento, houve de encontrar obras de carácter específico e que, de imediato, dessem respostas sobre os moinhos. Uma obra conjunta muito importante, de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B., 1983), dá-nos informação sobre tipologias de moinhos e técnicas, desde o Neolítico até aos nossos dias. Outra obra que selecionamos por dedicar um capítulo aos Moinhos Portugueses (Dias, J., 1993), é a de Jorge Dias, e refere as tipologias de moinhos no país e suas localizações, assim como apresenta plantas esquemáticas de interiores de moinhos.

Para a caracterização histórica do concelho, temos a obra de Cristiano de Moraes (Moraes, C., 2006), “Por Terras de Ansiães”, que achamos ser uma compilação de documentos bastante exaustiva em que o autor procura dar a conhecer a História Local.

O segundo momento da pesquisa bibliográfica, sugerida por estes autores nas suas obras, permitiu criar uma malha mais especializada de informação tanto sobre os moinhos nos seus diversos aspetos técnicos, como sobre possíveis fontes de informação

documental que permitissem reencontrar indícios da presença de moinhos em épocas passadas no concelho de Carrazeda. Foi possível elencar deste modo uma série de fontes que indicaremos adiante. Além disso permitiu este contato com a bibliografia especializada quer a nível da técnica, quer a nível dos espaços estudados, perceber que as soluções desenvolvidas pelos construtores dos moinhos em Carrazeda não poderiam ser idênticas às de outros espaços geográficos. De salientar neste caso tanto os trabalhos de Teresa Soeiro para o Sousa e Tâmega, (Soeiro, Teresa, 2006) quanto os de Inês Gonçalves para Cabeceiras de Basto (Gonçalves, Inês, 2011), Rogério Guimarães Matos (Matos, Rogério Guimarães, 2009) com o estudo “Património à prova de água: Apontamentos para a salvaguarda das azenhas e açudes nas margens do rio Ave, Vila Nova da Famalicão – Trofa” ou Joaquim Gonçalves Guimarães (Guimarães, Joaquim Gonçalves, 2000) que apresentou o trabalho “ Os moinhos do Côa – Introdução ao seu estudo”.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica em suporte de papel, foi possível encontrar na internet alguns trabalhos em suporte eletrónico, relativamente recentes e que se mostraram úteis para a formulação do inquérito realizado em trabalho de campo, tanto no sentido de sensibilização para alguns pormenores a incluir na observação (caso dos cortes longitudinais que fazem sobressair a questão da inclinação natural ou construída, incluídos por autores arquitetos em obras como as de Inês Gonçalves ou de Rogério Guimarães Matos.

Num terceiro momento centramos a atenção em obras relacionadas com o património, para poder fazer um balanço daquilo que à data já se foi constituindo em Portugal como resultado da atenção que os concelhos e outras estruturas têm dedicado aos moinhos. No estudo referente aos moinhos de Cabeceiras de Basto, (Gonçalves, Inês, 2009) retirámos contributos ligados a alguns conceitos relacionados com as técnicas de construção, que nos alertaram para a necessidade de fazer incidir a observação sobre esses aspetos, tais como os tipos de técnicas construtivas e os materiais usados em ombreiras, padieiras e paredes. Em relação ao trabalho de Teresa Soeiro (Soeiro, Teresa, 2006), Professora em Arqueologia na FLUP, sobretudo no estudo que fez sobre as moagens no rio Sousa e Tâmega no concelho de Penafiel, ficámos devedora a este estudo pela identificação de um leque de documentos, nos quais se apoiou para o estudo das moagens, e que serviram como o fio condutor em algumas pesquisas que efetuamos, como exemplo, a pesquisa no Arquivo Municipal de Carrazeda, nos livros de Concessão de Comércio e

Industria, onde fomos encontrar os moleiros. Colhemos ideias no estudo “Património à prova de água: Apontamentos para a salvaguarda das azenhas e açudes nas margens do rio Ave, Vila Nova da Famalicão – Trofa, do arquiteto Rogério Guimarães Matos (Matos, Rogério Guimarães, 2009). Este estudo evidencia como a salvaguarda do património molinológico pode ser vantajoso para o desenvolvimento turístico e cultural de um concelho. Num artigo na revista Còavisão, edição do Município de Vila Nova Foz Côa, com o título “Os moinhos do Côa – Introdução ao seu estudo” de Joaquim Gonçalves Guimarães que, embora sucinto, fez um périplo pelas moagens do Côa e nos forneceu alguns elementos que pela proximidade geográfica, pretendemos serem passíveis de comparação. E por último, a grande obra que serviu de base ao nosso estudo, “Sistemas de Moagens”, (Oliveira, E,V; Galhano, F; Pereira, B, 1983) da qual colhemos informação sobre tipologias de moagens e suas localizações; mecanismos motores e seus elementos, edifícios e instalações; conceitos e aspetos diversos, em traços largos, foi a coluna vertebral do nosso estudo.

No que respeita à informação documental, foram particularmente trabalhados os conjuntos de documentos contidos nos Arquivos Distrital de Bragança e Municipal de Carrazeda de Ansiães, e o Gabinete de Topografia do Município

As fontes sugeridas pelos trabalhos consultados e pela lógica da estrutura de organização económica e social de outros tempos levou a pesquisar especialmente.

- ❖ Os Forais de Ansiães. As Inquirições de D. Afonso III, para o concelho de Vilarinho da Castanheira, essencialmente por causa de possíveis taxam e imposições que pendessem sobre as estruturas de transformação e a monopolização ou não no concelho destas estruturas; os Tombos de Propriedade de alguns senhores que arrolariam, com toda a certeza, tais estruturas, se elas existissem entre os bens; os Livros de Registos de Concessão Industrial e Comercial do Concelho, e os Livros de Posturas do Concelho na mesma perspetiva da documentação anteriormente referida. Além disso houve a preocupação de verificar nas fontes corográficas e memorialistas que atenção é que os contemporâneos tinham dado aos moinhos nas suas descrições.

Das fontes consultadas, encontramos elementos que nos permitem perceber a existência de moinhos em Carrazeda, e definir três períodos de notícias da sua existência: a) as inquirições ao tempo de D. Afonso III em 1258 (publicadas em

Morais, C., 2006): b) - Foral Manuelino de 1510 (SILVA, J.R, 1997) – (que confirmou os anteriores forais do concelho de Ansiães, no que a este aspeto concreto diz respeito). O Tombo de Propriedades da Casa de Ribalonga, (Arquivo Distrital de Bragança) O tombo da comenda de S. Salvador de Ansiães de 1727 (publicada em Moraes, C., 2006), as Memórias Paroquiais 1758, (Capela, J.V, 2007) e c) um terceiro período, numa fase pós revolução liberal, quando o tipo de direitos banais desaparece, fica o “uso” e os concelhos acham que podem continuar a taxar toda a atividade industrial. Daí os licenciamentos serem uma fonte a procurar trabalhar, já que permitem reencontrar os moinhos descritos de forma sumária e os moleiros.

Só foi possível reencontrar menções à situação topográfica dos moinhos para o segundo e terceiro período. Os livros de posturas camarários que se poderiam ter revelado como fontes importantes, não existem, assim como grande parte da documentação camarária anterior ao século XIX, devido a revoltas da população que, segundo está averiguado, assaltou a casa da Câmara e queimou toda a documentação. Esta informação nunca foi materializada por escrito, foi passando oralmente através dos funcionários do arquivo. Talvez por ser conveniente!

Na pesquisa feita no Arquivo Municipal do Concelho, encontrámos os livros das licenças concedidas pela Câmara para o exercício de Comércio e Indústria no concelho. Estes livros só contêm registos do ano 1928 até 1943. Desta pesquisa foi possível elaborar uma tabela para a indústria da moagem onde constam: Nomes dos concessionários das licenças; moradas; ato que as licenças autorizam; datas das concessões (Dia/Mês/Ano) e quando terminam.

Estes documentos dão-nos conta de nomes e apelidos da pessoa a quem era feita a concessão; no entanto, não identificamos em todos os moinhos serem estes os proprietários, ou se era outra pessoa que não o proprietário a pedir na autarquia a licença de concessão para a indústria, e que pagava uma renda pela exploração. Em muitos dos casos, em relação à morada, alguns davam a do moinho (topónimo), conclusão a que chegamos através das visitas feitas aos mesmos, já que na mesma estrutura ou, noutra à parte, existia a casa do moleiro. Na maior parte dos casos mencionavam a aldeia.

Um terceiro tipo de fontes, as fontes orais, resultou do trabalho de campo levado a cabo. Este foi orientado a partir das premissas anteriormente descritas e planificado em função das visitas aos elementos existentes na área de estudo. Num caderno de trabalho tomou-se nota da data e condições da visita, dos interlocutores (presidentes das juntas de freguesia de Castanheiro; Vilarinho da Castanheira; Linhares; Mogo de Malta e Ribalonga) que serviram de primeiro contacto e de um segundo grupo de interlocutores, indicados pelos primeiros, em função dos seus conhecimentos da terra, ou sugeridos por conversas com homens e mulheres, encontrados nos locais de convívio ou de trabalho próximos aos moinhos identificados. Deste segundo grupo acabou por se destacar um terceiro grupo de informadores, aqueles que ao longo da sua vida experienciaram a vida de moleiro ou viveram em moinhos. A todos foram pedidas informações sobre a idade, a relação com a terra (naturalidade e/ou residência ininterrupta ou longa), o tipo de trabalho desenvolvido ao longo da vida, o grau de escolaridade. As perguntas sobre os moinhos variaram no que respeita ao grau de pormenor conforme o grau de proximidade e experiência revelada na conversa preliminar. Das informações obtidas foram feitas anotações no dito caderno de trabalho, tendo sido sempre explicado, no primeiro momento do contacto estabelecido, qual o objetivo do pedido de informação. O terceiro grupo de interlocutores, aqueles que nos deram informação mais pormenorizada sobre os moinhos próximos da sua aldeia e nos acompanharam até aos mesmos, foram doze homens e duas mulheres com idades compreendidas entre os sessenta e oitenta anos. Particularmente interessante, não só pelo seu conteúdo, mas também pela atividade e vivências em Carrazeda de outros tempos, foi a conversa tida com um moleiro de Beiragrande. (Em anexo segue a gravação áudio da entrevista ao último moleiro vivo da aldeia de Beiragrande).

❖ Observação e estudo in loco de elementos existentes na área de estudo.

O trabalho de inventário só foi possível aos fins de semana e quando as condições atmosféricas assim o permitiam. De carro ou a pé, por estradas e caminhos de terra batida muito irregulares, cheios de buracos e lama provocados pela forte escorrência de águas inverniais. Muitas das vezes nos embrenhamos por matagais de vegetação tão alta e densa que era difícil encontrar o caminho de regresso. O trabalho de campo passou por várias frentes, e neste âmbito começamos por:

- 1- Elaborar uma ficha dos principais cursos de água – rios, ribeiras (os pressupostos justificativos de tal procedimento já foram descritos acima).
- 2- Tentar verificar nas cartas militares se estavam assinaladas estruturas de moinhos. Completar a informação colhida deste modo com inquéritos junto dos informadores nas diferentes freguesias conforme explicitado anteriormente.
- 3- Desenhar as fichas para cada elemento a inventariar, onde consta a caracterização completa do mesmo. Estabelecer campos que permitam a identificação dos traços mais relevantes, assim como o historial de cada um dos elementos. A observação dos elementos que a bibliografia sugere como característicos guiou a conceção desta ficha base. Este desenho foi testado com as primeiras visitas/recolhas de informação no local, e na ficha foram introduzidas as modificações necessárias por se verificar que nem todos os pormenores faziam sentido. No trabalho de campo foram sendo preenchidos os campos com informação colhida em cada moinho inventariado. Começámos por dar um número a cada ficha de Sítio. (Uma ficha de sítio - pode conter várias fichas dependendo do número de estruturas molinheiras inventariadas na mesma linha de água). Cada ficha de sítio comporta os seguintes campos, com os seguintes propósitos:

ID	Nº dado à estrutura inventariada, para permitir a organização da informação e análise da mesma
Designação	Classificação da estrutura: moinho/azinha pelos próprios habitantes locais
Topónimo	Nome do lugar onde está implantada a estrutura
Freguesia/Concelho	Indicação da divisão administrativa
Coordenadas	Coordenadas geográficas do moinho
CMP nº	Número da carta militar que identifica a área geográfica onde constam vários elementos como: centros administrativos, hidrografia, toponímia, rede viária, etc.;
Tipologia	Identificação da tipologia da estrutura: moinho de rodízio/azinha/moinho de vento;
Cronologia	Indicação de informação inscrita no edifício ou na documentação recolhida
Enquadramento	Descrição da envolvente da estrutura

Descrição	Leitura pormenorizada da estrutura: planta do edifício e materiais de construção utilizados. Observação e relato do que se conserva no interior e exterior, respeitante à estrutura;
Linha de água	Nome do rio ou ribeira/ribeiro no qual está implantada a estrutura
Linha de água principal	Nome da linha de água para onde drena o ribeiro/ribeira identificado
Margem	Indicação da situação do moinho relativamente à margem esquerda ou direita
Proteção/Classificação	Indicação da existência e tipo de classificação
Estado de conservação	Indicação do estado em que se encontra a estrutura
Proprietário	Nome dos proprietários apurados na documentação escrita ou nas entrevistas
Acessos	Informação sobre: como chegar ao local. Cálculo das distâncias e indicação da rede viária de acesso;
Bibliografia	Existência de brochuras, panfletos ou material em suporte papel ou digital sobre a estrutura
Observações	
Registo cartográfico	Campo para inserir a informação cartográfica retirada do Google Earth
Registo fotográfico	Campo para inserir as fotografias tiradas no local referentes a diferentes perspetivas

Como se torna claro, foi necessário criar critérios prévios, que ao longo do trabalho foram sendo afinados. Assim no que respeita, por exemplo, ao estado de classificação optou-se por criar três categorias: conservado/ruínas/recuperado. Sem entender o campo observações como o grande apartado onde tudo pode caber, mas que depois torna impraticável a sua utilização numa pesquisa orientada, foi incluído por precaução. Há elementos que não se deixam arrumar facilmente, mas que pela sua singularidade, podem ser essenciais à interpretação.

4. Recolher registos fotográficos sempre que possível para inclusão na ficha e tomar nota das referências geográficas de cada estrutura para posterior cartografia, com a ajuda de um leitor de GPS (sistema de posicionamento global)
5. Proceder à elaboração de inquéritos junto de informadores, privilegiando as pessoas mais idosas que possam ter convivido com a utilização dos moinhos, para um melhor conhecimento das estruturas molinheiras.

Do trabalho de campo interessa realçar, os caminhos percorridos a pé ou de carro. Com base na carta militar, identificamos a rede hidrográfica, rios e ribeiras, as estradas municipais, nacionais e demais caminhos. Percebemos a topografia do território onde estão implantados os moinhos, anotamos informações sobre a acessibilidade e distâncias percorridas, convencidas que tal informação será necessária e útil para permitir que os moinhos, e o que deles resta, possam vir a ser transformados na tal mais-valia para o concelho, de que acima falamos. A riqueza da vegetação ou a sua falta, os indícios de ação dos homens e marcas deixadas na natureza nas imediações dos moinhos poderão permitir alertar o caminhante, visita deste espaço, para uma realidade total que vai além dos moinhos. Sempre que as condições o permitiram, ou seja, quando não havia perigo de derrocada e era possível desbastar a vegetação, tentámos entrar nos moinhos e observar a loja com o aparelho motor e o modo como estava definido o espaço da moenda, verificando se outras funções lhe eram atribuídas.

Na realização do trabalho de inventário há que destacar o modo como as populações locais e algumas das Juntas de Freguesia ajudaram a encontrar informações preciosas com dados sobre a localização dos moinhos. A toponímia e a hidronímia variam ao longo dos percursos, e a informação dos donos de propriedades tornou-se algumas vezes indispensável. Nalgumas aldeias tivemos a ajuda de pastores, alguns deles já sem gado para apascentar, que nos conduziram por locais mais abertos e limpos de matos. A sua experiencia permite-lhes ser os melhores guias para quem desejar conhecer os vales, as serras e os ribeiros, assim como tantos outros aspetos e tudo relacionados com a vida do campo e da natureza.

Ao caminharmos pelos trilhos já quase impercetíveis, pensamos como eles já foram percorridos por tantos homens, mulheres, crianças e animais que os palmilharam, vezes sem conta, para chegarem aos moinhos, às ribeiras e aos campos que amanhavam, de verão ou de inverno. Hoje, são locais solitários sem vida, só os mais idosos se lembram dos moinhos, muitos não têm memórias do seu funcionamento.

Os guias improvisados vão desfiando, pelo caminho, um rosário de histórias da sua infância, quase sempre tristes. Contam um pouco de tudo, das refeições feitas no campo, quase sempre constituídas por pão de centeio, muitas das vezes duro, azeitonas e figos secos. Frutas que apanhavam pelos caminhos quando era tempo delas, bebiam a água dos ribeiros e poços que armazenavam em cabaças. Os Invernos eram tristes, muito

frios e chuvosos, de dias curtos e noites longas, os agasalhos eram poucos e fracos. O verão abrasador, de dias muito longos, o trabalho do campo era sempre penoso. Não é o tom destas rememorações de infância e juventude, que é objeto de atenção, mas sim aquilo que desvendam: a importância do pão na alimentação tão frugal das gentes de um passado ainda tão próximo. A questão da produção do alimento base e a sua preparação liga-se diretamente com o objeto de estudo.

Métodos de análise

Relativamente às fontes escritas procedemos, enquanto historiadora, à crítica prévia das condições de produção da informação, tendo-nos socorrido de trabalhos já elaborados sobre as tipologias documentais em presença. Assim para as Memórias Paroquiais e Corografias utilizamos as observações feitas pelos autores responsáveis pela publicação das mesmas para o Distrito de Bragança (Capela, J.V, 2007) A Corografia do Padre Carvalho da Costa e O Mappa de Columbano Pinto Ribeiro de Castro mereceram trabalhos específicos como é o caso para o segundo de Amado Mendes (Mendes, J.M.A, 1983) e para o primeiro um pequeno estudo de mestrado da autoria de Henrique Monteiro (1997) Não é expectável, depois de consideradas as condições e objetivos que presidiram a estas obras, encontrar nelas informação detalhada e precisa de carácter estatístico moderno, mas está assegurada através do modo de questionário que presidiu a estas compilações, a certeza de ter havido o cuidado de basear as mesmas em observações de residentes locais e não na transmissão letrada e literária. A partir do século XIX, esta informação passa a revestir-se cada vez mais, em exclusivo, de carácter estatístico. Os dados relativos a culturas agrícolas predominantes e à estrutura económica, utilizados, garantem uma aproximação ao objeto, compatível com critérios de rigor e objetividade que se impõem a um exercício desta natureza. No que aos Tombos diz respeito, serviu de referência crítica o trabalho de Hélder Fonseca sobre o Senhorio de S. Marcos no século XVIII (Fonseca, H., 1981).

Em relação a toda a documentação houve sempre o cuidado de nada tomar como adquirido e inquirir sempre das razões e condicionantes da produção da informação. Se nem sempre o resultado permitiu tecer considerações absolutas sobre o valor desta informação, foi porém possível avaliar da pertinência e validade da informação.

O mesmo cuidado presidiu à elaboração dos questionários seguidos nas entrevistas com os informadores. Daí que em todos os casos se tomasse nota no caderno de campo do dia e hora da entrevista, assim como das condições em que esta decorreu. Relativamente aos interlocutores houve o cuidado de apontar idades, estado de saúde e elementos identificativos, conforme atrás se aponta, para garantir a possibilidade de avaliação do grau de conhecimentos que cada um podia deter sobre o assunto, mas também para poder pesar os efeitos da capacidade de memória/esquecimento sobre cada uma das observações feitas. Nas perguntas feitas houve o cuidado de não induzir valorações, externas a cada um dos interlocutores, relativas ao trabalho e vivências. Por outro lado foi possível através do cruzamento de fontes orais e do cruzamento com fontes escritas esclarecer situações menos claras ou contraditórias e até tratar com muitas reservas algumas das informações colhidas. Como este trabalho foi precedido de trabalho de pesquisa bibliográfica foi possível aproveitar informação técnica para a tradução de terminologia local e específica. No trabalho de campo realizado, em entrevistas realizadas aos nossos interlocutores apercebemo-nos de termos relacionados com diferentes partes do moinho, como exemplo: “*focinheira*” (orifício que expelle a água para fazer girar o rodízio), “*farneiro*” (orifício de formato retangular em pedra de granito, cavado no chão em frente às mós, tinha como função recolher a farinha depois de moída, antes de ensacada), “*algarrobas*” (nome atribuído às lentilhas, estas eram farinadas para engrossar a comida de animais – porcos e cavalos).

Depois de criticada a informação no seu estado bruto foi possível selecionar a mesma e tratá-la. Sempre que o objetivo era compatível com a agregação de informação passível de um tratamento quantitativo, procedeu-se com a ajuda de folhas de cálculo (em anexo) a operações estatísticas elementares. Este tratamento permitiu cruzar variáveis para proceder à interpretação subsequente. Quando o que estava em causa não parecia ser compatível, nem interessante para a interpretação, submeter a análise quantitativa, exploramos os dados recolhidos de modo qualitativo.

Em outro momento, com a ajuda de uma ferramenta importante para a visualização dos locais já visitados, o Google Earth, fizemos uma leitura global, por assim dizer. Voltamos aos mesmos locais sem sair de casa a partir das coordenadas geográficas obtidas na leitura do GPS, e desta forma conseguimos identificar linhas de água, construções, caminhos, aldeias e lugares fazendo o enquadramento espacial. Permite medir distâncias entre pontos, busca de endereços e sinalizar as construções que

identificamos e vê-las em outra dimensão, desta forma facilita a apreensão dos espaços e a análise da mesma realidade com outra perspetiva.

A leitura da realidade passou ainda pela feitura de alguma cartografia, também temática, que ficou a cargo do Dr. Miguel Nogueira da Oficina do Mapa da FLUP. Pressupôs este exercício a identificação das estruturas do ponto de vista geográfico, a transformação das coordenadas obtidas no leitor de GPS (WGS84 Format.Decimal) para o sistema (Militar) usado na carta militar e a informação detalhada dos diferentes elementos feita no trabalho de campo e na pesquisa bibliográfica. A exatidão exigida pela escrita cartográfica foi mais um fator de rigor científico a obrigar a tomar decisões a par e passo, criando critérios contínuos que estão plasmados na base de dados que se construiu a partir da folha de cálculo.

Os campos aqui apresentados são o resultado dessa definição. Assim para além do ID que atribuímos e da designação de cada moinho, procuramos num campo subdividido em: grau de precisão da informação (aproximada, precisa); coordenadas Google Earth latitude e longitude transformadas nas coordenadas de Longitude e Latitude em formato Militar, incluir as referências básicas para a cartografia dos dados. Num segundo grupo de campos preocupámo-nos com o enquadramento administrativo, subdividindo-o em topónimo, freguesia, concelho, distrito (tudo referido a 2008). Para permitir fazer a leitura destes elementos na carta base de que nos servimos, criámos o campo em que se apontasse a folha da carta militar 1:25000 de que nos servimos. Finalmente juntámos a esta informação um conjunto de campos com a designação linha de água, conforme ela consta nas cartas atuais e a indicação da margem em que se situa o moinho. Um último conjunto de campos serviu para descrever a tipologia, o estado de conservação, o número de pisos, a forma da planta, informação de acessos de como chegar ao local, proprietário, informação cartográfica retirada do Google Earth e imagem fotográfica da estrutura.

Parte I

O concelho de Carrazeda de Ansiães

Território e clima

O Concelho de Carrazeda de Ansiães situa-se no extremo sudoeste do distrito de Bragança, ocupa cerca de 283 Km², divididos por 19 freguesias, 43 povoações e algumas quintas viradas ao Douro e é habitado atualmente por 6 373 habitantes – (informação colhida, em abril de 2012, no sítio do Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt)).

A disposição geográfica do concelho resultou da configuração estrutural do Maciço Hespérico (Ribeiro, O, 1988, p.9) que se prolonga na parte setentrional, responsável pela cadeia montanhosa na qual está implantada Carrazeda de Ansiães.

Estendido entre o rio Tua e o rio Douro (Tavares, V, 1999, p.122), o concelho de Carrazeda confina a Sudeste com Torre de Moncorvo e a Norte/Nordeste com Vila Flor. O rio Douro, localizado a sul, nasce em Espanha, na serra de Urbion, Cordilheira Ibérica, é o terceiro maior rio da Península Ibérica, tem um curso de 927 quilómetros, 208 em território português, desagua no oceano Atlântico, na cidade do Porto. O rio Tua, com nascente a 4 km a norte de Mirandela, resultante da junção do Tuela e do Rabaçal percorre em extensão cerca de 50 quilómetros, desagua no Douro junto à povoação de Foz do Tua, freguesia de Castanheiro. Todo o concelho é atravessado por diversas linhas de água de menor dimensão que desaguam nos dois rios: nas monografias os autores costumam dar particular ênfase, dadas as funções que lhes atribuem, às ribeiras do Frarigo, Dama, Pontão ou Pranheira e aos ribeiros com alguma dimensão: Fonte do Videiral, Vale da Corsa, Moinho, Veiga e a Osseira (Moraes, C, 2006, p.29). Todos estes cursos de água sofrem grandes cheias, começam a correr depois das primeiras chuvas do Outono, mas secam no Verão.

com muita exatidão, deixando testemunhos de grande preciosidade. São estas informações, nas quais nos apoiamos para o estudo da rede hidrográfica e hidronímica do concelho. A cartografia atual conjugada com estes testemunhos ajuda-nos a compreender e a interpretar a hidrografia, a hidronímica e a topografia que estas linhas de água percorrem no seu trajeto. O facto de um mesmo curso de água receber vários nomes ao longo do seu percurso, por só ser perceptível às pessoas de um dado espaço através do alcance do olhar, situação que ainda hoje se verifica, mas que era comum em épocas passadas, torna a tarefa de reconhecimento das alusões que se fazem quer na memória escrita quer na memória oral, difícil. O cruzamento de diversas fontes de informação impõe-se.

De todas as correntes fluviais interessa-nos focar aquelas que parecem ter sido as mais significativas para a população, desde que há memória. Os rios desde sempre foram pontos de referência geográfica em qualquer localidade, e segundo os autores das Memórias: *“Passa o rio Douro pello lemite desta freguesia à parte do sul” ou “o Ribeiro de Artomil, hoje chamado val de Marzagam”* (Capela, J.V, 2007, p.357).

Era deste modo muito singelo que os párocos das freguesias de Carrazeda de Ansiães localizavam geograficamente as correntes de água. Uns descreviam-nas desde a nascente até à foz, as terras que irrigavam ao longo do seu percurso, a correnteza das águas, *“e vai com curso arrebatado thé o rio Douro”* (Capela, J.V, 2007, p.346), a cor clara ou escura, os tons das águas que podiam variar ao longo do percurso dependendo das margens e da época do ano, as cheias provocadas pelos grandes caudais. Os afluentes. O benefício ou malefício das mesmas, o pescado que nelas abundava, a navegabilidade, as terras que irrigavam e as produções agrícolas das suas margens, as águas na estiagem. As azenhas e os moinhos que faziam trabalhar.

As ribeiras e ribeiros, eram mencionados quando imprescindíveis para as populações como um bem económico ou pela admiração que estes recursos suscitavam. As lendas e crendices inventadas pelo espanto que alguns ribeiros causavam nas populações, quer pela sua beleza ou pelo sinistro e medonho dos locais de onde as águas se despenhavam, assim se referia ao ribeiro do Síbio o abade de Vilarinho da Castanheira, Manuel Guedes Pinto da Gama em três de abril de 1758: *“eminente e escorregadia que descendo por ella abaixo as águas do dito ribeiro quando chegam ao meio della vão desfeitas em tam meudas gotas que mais parecem huma nuvem cristalina ou fumo*

condensado...Hé sitio medonho e horroroso à vista que se cansa e pasma em ver a eminência desconforme da altura da lagem na qual dizem vão as feiticeiras de noite fazer as suas costumadas danças e folguedos”, (Capela, J.V, 2007, p.376). A bordejar estas linhas de água pontuavam árvores de várias espécies: salgueiros, freixos, amieiros e carvalhos e lódãos. No rio Tua: *“tem ao longo da sua corrente em muitas partes muito arvoredos silvestre, muitas lenhas” (Capela, J.V, 2007, p.370).*

Estas correntes de água atravessam relevo acidentado, de declives acentuados e os vales fluviais, fortemente encaixados favoreceram o aumento da velocidade do escoamento das águas dos rios e ribeiras, fatores fundamentais no aproveitamento hidráulico. As populações locais souberam tirar partido dos cursos de água à superfície, ao longo de séculos, ao mesmo tempo que os moldavam às suas necessidades, tanto quanto a natureza e os recursos técnicos de que eram detentoras o permitiam. A vida material dos habitantes do concelho, a sua maneira de organizar o espaço, modelara discretamente a paisagem.

Na área planáltica algumas povoações, a mais de 600 m de altitude, pertencentes ao que se cunhou como Terra Fria, clima e vegetação condicionaram o aproveitamento para explorações de gado e de centeio. A maior altitude (a mais de 800 metros), destaca-se o promontório onde está a capela da Senhora da Paixão, em Arnal; em Lavandeira, o Castelo de Ansiães; em Vilarinho da Castanheira, o cabeço da Senhora da Assunção; na Fontelonga, o monte de Santa Clara, no qual se encontra o marco geodésico, com 882 metros, e na Samorinha o Monte da Senhora da Graça, ponto mais alto do concelho, com 900. 029m. Pontos, como se percebe pela própria denominação, dedicados à defesa militar (Castelo de Ansiães) e à devoção religiosa (mariana por excelência, como se lê em Senhora da Paixão, Senhora da Assunção, Senhora da Graça).

Na Terra Quente, nos vales e na envolvente dos rios, nas encostas, no sul do Concelho, emergiram as quintas de vinhedos viradas para o Douro, pertencentes às aldeias do Seixo de Ansiães, da Beiragrande e do Pinhal do Douro, e o lugar da Senhora da Ribeira. A oeste e a Sul, sobranceiras ao rio Tua, ficam as aldeias de Foz-Tua, Fiolhal, São Lourenço (termas), Brunheda e Codeçais com as suas quintas de vinhas e olivais.

Nas escarpas viradas ao Douro e ao Tua sobressaem os xistos nas encostas, com os quais se fizeram os estreitos socacos, hoje, reduzidos, dando lugar a largos planos inclinados onde se pode lavrar com máquinas agrícolas.

Esta dicotomia foi percebida claramente por quem aqui viveu, os párocos solicitados a juntarem informações a partir das suas observações para os autores/coletores das diferentes memórias e corografias, ou por quem por aqui passou em funções, como o juiz demarcante em finais do século XVIII, Columbano Pinto Ribeiro de Castro (Mendes, J.M.A., 1981). Na *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal* (Carvalho da Costa, 1706-1712) sugere-se a ligação entre a altimetria, o clima e as produções agrícolas do seguinte modo, na referência à vila de Ansiães:

“os lugares de seu termo geralmente são terras frias, recolhem muito pão e algum vinho e só produzem azeite alguns lugares vizinhos aos rios Douro e Tua, por serem terras quentes... ; de gados e caças meudas tem mediania” (tomo 1, p.435) e continua neste registo para Selores “he terra quente e recolhe algum azeite”, para Coleja “he terra quente e de muito azeite” (tomo1, p.436). Para Tralhariz, Fiolhal, Foz do Tua e Ribalonga mantem-se a tónica “Tralhariz terra quente e abundante em azeite”; Fiolhal e Foz Tua terra quente e de muito azeite”; “Ribalonga: terra quente e abundante de azeite (tomo 1, p. 437). Claro que, esta terra quente implicava também outros traços menos simpáticos como se nota na descrição de Linhares “he terra quente, e enferma”. Esta discussão sobre o grau de salubridade transmontano haveria de continuar até ao século XX conforme se lê em trabalhos de geógrafos e demógrafos (referências várias em Mendes, J.M.A., 1981, p. 46) Ribeiro de Castro refere-se a Carrazeda deste modo “O seu clima, nos altos, hé áspero e frio; porem, nos baixos, hé aprazível e quente. Produz toda a qualidade de fructos e em que mais abunda hé em vinhos, nos sítios fundos e agoas vertentes para os rios Douro e Tua...” (Mendes, J.M.A., 1981, p. 252). Relativamente à terra fria não há tantas alusões na *Corografia*, talvez a denunciar o seu olhar apostado em fazer prevalecer o que era menos comum. Para Vilarinho da Castanheira diz “ he terra fria, e montuosa”, “recolhe muito azeite em huns valles junto do rio Douro, a que chamão Lobasim, huma legoa distante da Villa, o restante della, e seu termo produz bastante pão, e vinho, algum sumagre, muita castanha, medianos gados e caças meudas: tem criação de bichos da seda” (p.439). Columbano Ribeiro de Castro informa “o terreno he frio e o clima áspero, por ficar muito elevado. Por isso, a sua principal colheita hé pão centeio, á excepção dos lugares e quintas que ficão nas vizinhanças do Douro, em sítios abrigados, que nelles se colhe muito azeite e vinho” (Mendes, J.M.A., 1981, p. 314)

A expressão Terra Fria/Terra Quente, nota-se pela diferença de altitude, que provoca a variação do clima, tão bem evidenciada nos vários pontos do concelho. Nas zonas planálticas ou frieira o clima é rude, com inverno chuvoso frio e longo e um verão seco e quente. Os vales do Tua e do Douro integram os locais da Terra Quente, têm um clima mais suave, o inverno nestes lugares é moderado pelo abrigo das altas vertentes. Pelas encostas sobe o nevoeiro, que pode permanecer alguns dias em algumas localidades. No verão, tem dias tórridos que sucedem a noites abafadas (Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p. 1248).

Em todo o concelho, o verão tem temperaturas elevadas, luminosidade forte, grande insolação, carência de chuvas. O começo do outono é marcado por perturbações climáticas, acompanhadas de trovoadas e aguaceiros, curtos mas violentos. No inverno começa o período das chuvas. Carrazeda recebe de encontro às suas montanhas chuvas fecundantes que podem durar algumas semanas. Em *“Trás-os-Montes e Alto Douro separados do mar pela muralha das serras, a precipitação não desce a menos de 1000 mm e o número de dias de chuva a menos de 105”* (Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p.375). Nas terras planálticas a partir de 700 metros neva ocasionalmente.

Nos planaltos os ventos são frios e cortantes, a temperatura desce abaixo dos 0º e sobre este vento invernal que vem de Espanha o Carrazedense diz: “de Espanha nem bom vento...” Há noites de incomparável luar ou céu estrelado, e arrefece tanto que os campos despertam debaixo de um lençol de geada. Esta relação entre relevo, hidrografia e clima condicionou as produções agrícolas de modo muito marcado.

Produções

Conforme já apresentado, de modo sintético atrás, nas descrições memorialistas e corográficas, importa realçar, num trabalho que incide sobre estruturas moageiras, os aspetos da produção que as podem justificar e permitir a sua interpretação. O recurso a documentação variada como tombos, usos e costumes, pagamentos de dízimos permite uma imagem um pouco mais focada do que aquela que foi utilizada na descrição geográfica (topográfica, climática e hidrográfica) que acima se fez.

No foral concedido pelo rei D. Manuel, em 1510, à Vila de Ansiães, ficaram traçadas as medidas que disciplinaram as relações sociais dos seus povoadores ou habitantes, entre

si e destes com o outorgante. Não podemos deixar de mencionar e interpretar a informação respeitante aos produtos agrícolas de importância fundamental transacionados na feira do concelho: os cereais. A eles estão ligados os instrumentos de produção agrícola ou industrial, como é o caso das mós. O centeio, cereal produzido em maior quantidade no concelho era o pão do povo e moeda de troca corrente da época: *“que homem que tevesse no dito luguar mulher casa herdade paguasse cada anno por decreto real dous paaes, hum de trigo e outro de centeo, e hum almude de vinho, e outro de cevada, pollas quaaes cousas foi interpretado e assy se compriraa daquy por diante. Covem a saber que cada huma das ditas pessoas que tiver molher e fazenda posto que nom tenha casa, pagaraa hum alqueire de centeyo e outro alqueire de vinho desta medida daguora corrente. E os paaes contheudos no foral paguarao de tal cantidade que quinze deles possa fazer hum alqueire do dito pam. “* (Silva, J.R.,1997, p.130). No entanto, o que respeita à portagem para o cereal a moer, *“a qual portagem se não pagará de Nem de pão que trouxerem ou levarem ao moinho (entre a vila e o termo e o termo e a vila)”* (p.135) . Portagem relativa a mós: *“E de mós de barbeiros dous reais e das de moinho ou atafona um real. Mós de casca ou azeite 6 reais. E por mós de mão pera pão ou mostarda 1 real. E quem trouxer ou levar as ditas mós pera seu uso não pagará nenhuma cousa de portagem”* (p.142).

Nos tombos e outra documentação das comendas, publicados por Cristiano Morais (Morais, C, 2006), há muitas notícias sobre produções. No que toca aos bens das comendas todas as terras são descritas na sua capacidade de produção (p.379 a p.444). Na de S. Salvador de Ansiães, por exemplo, indica-se sistematicamente o centeio como produção principal de pão. Em algumas terras como a Lameira da Arcam em Arnal diz-se explicitamente que a capacidade é medida em trigo! (p.382) E há informação sobre outras produções como azeite, vinho, alguma fruta e hortalíça.

Relativamente ao que se deve pagar de dízimos há também bastante informação sobre as produções. Sirva de exemplo (p. 379) no que toca a Sta Cruz de Samorinha *“e que nesta freguesia senam paga dízimos de alhos, sebolas, frutas, hortalíças e uvas de dependurar, nem de pam que deixam os lavradores em molhos pra os bois, nem de uvas que se secam...”*

Entre a Corografia do Pe. Carvalho da Costa e esta documentação há diferenças no que toca ao pormenor, que se devem às escalas utilizadas e à intencionalidade dos escritos:

uma informação compacta e que importava que fosse genérica, como a da Corografia, não podia conter os detalhes das medições de terras nos tombos ou das descrições de pagamentos de dízimos. O Padre Carvalho da Costa pretende criar uma imagem impressiva para o leitor que nunca visitou, e não visitará o concelho. Interessam-lhe as cores e as pinceladas mais fortes. E segue por isso o essencial da arte da corografia. Na documentação dos tombos de propriedades das comendas, nas definições dos usos e costumes das igrejas paroquiais das ditas comendas, o objetivo é outro. Importa a precisão da informação, o detalhe.

Nas Memórias Paroquiais a informação sobre as produções locais é obrigatória, porque formulada especificamente num dos itens do inquérito. As respostas são, como já foi tantas vezes notado, quase estereotipadas. Mas não deixam de dar notícia do essencial! Como a grande preocupação desta sociedade, em termos económicos, é a questão do pão, necessariamente que as respostas não podem deixar de o incluir antes de qualquer outro fruto da terra.

O pároco de Seixo de Ansiães fazia em 1758 assim o relato das produções da freguesia: “*Os frutos da terra que os moradores desta freguesia recolhem hé pam senteo, trigo, cevada e azeite e milho grosso e meudo, e vinho e algumas castanhas*” (Capela, J.V, 2007, p.372). Para o mesmo assunto, o pároco de Pombal descreve quais as produções agrícolas da sua freguesia, aqui, o rio Tua era o limite de separação entre concelhos: “*Tem ao longo da sua corrente em muitas partes muito arvoredos silvestres, muitas lenhas e mais são as partes donde as terras que nelle pegam estão plantados de vinhas e em muitas se colhe algum pam trigo, cevada, centeio, isto na distancia de seis legoas que dahi para riba tem em algumas partes, algumas margens, donde tem olivais e colhem muita ortaliga, melloens, repolhos e tudo o que mais lhe botam*” (Capela, J.V, 2007, p.370).

Segundo Columbano de Castro, em 1796, na distribuição da população da vila e lugares do termo, “*havia em Carrazeda e termo 1692 fogos com 6172 pessoas maiores das quais 3251 eram mulheres*”. O autor continua a sua apreciação estatística no que toca à atividade, descrevendo-a nestes modos e com estas categorias: *Clérigos:44; Pessoas literárias:10; Sem ocupação:188; Negociantes:11; Cirurgiões:3; Barbeiros:3; Boticário:1; Alfaiates:45; Sapateiros:32; Carpinteiros:52; Pedreiros:10; Ferreiros:4; Ferradores:7; Caçadores:14; Lavradores:731; Jornaleiros:738; Criados:157; Criadas:92 e Pastores:169.* (Castro, C. P. R, 1796, p.250-251). Ou seja, 731 lavradores

que em conjunto com 738 jornaleiros e 157 criados e 92 criadas trabalhavam a terra. Se a estes se juntarem os 169 pastores obtemos um total de 1887 pessoas dedicadas à agricultura de forma direta no universo de 2317 pessoas para as quais se conhece a ocupação (81%).

Vilarinho da Castanheira figura na mesma época, na estatística, no seguinte modo: *“distribuição da população da vila e lugares do termo em 1796, havia em Vilarinho e termo 927 fogos com 3326 pessoas maiores das quais 1566 eram mulheres. Em termos profissionais/sociais: Clérigos:27;pessoas;literárias:8;semocupação:66;Negociantes:1;Cirurgiões:5barbeiros:3boticário:1;Alfaiates:29;Sapateiros:21;carpinteiros:24;pedreiros:14;ferreiros:6;ferradores:3;pintores:1;moleiros:2;Lavradores:213;Jornaleiros:509;Criados:50;criadas:35”*, (Mendes, J.M.A, 1981, p.313). Ou seja, 807 pessoas dedicadas à agricultura de forma direta, no universo de 1034 pessoas para as quais se conhece a ocupação (78%). Sobressai desta estatística o peso esmagador da ocupação agrícola.

Do confronto entre as Memórias de 1721 e as de 1758, o Mappa de 1796, a Corografia do Padre Carvalho da Costa, assim como da documentação das comendas e paróquias, extrai-se a ideia de uma terra dedicada à produção de cereal, essencialmente de centeio, mas com um aproveitamento de vinha, oliveiras e castanha. Sobre as transformações posteriores e a predominância de certos bens na província transmontana ao longo do século XIX remete-se para o trabalho de José Maria Amado Mendes (Mendes, J.M.A., 1981, 67-78). Sobre a produção de cereais, *“muito mais generalizada estava a cultura do centeio.”* E *“Cereal que encontra no nordeste transmontano um lugar ideal para a sua cultura”* Relativamente à indústria de moagem, de que o autor faz a quase cobertura de toda a província, não há, para Carrazeda, indicação de alguém com a profissão de moleiro nesta estatística de finais do século XVIII.

Dos estudos efetuados sobre cerealicultura no país, no século XIX, Conceição Andrade Martins, refere que, *“a generalidade dos agricultores cultivava cereais com duas finalidades: o autoconsumo e a alimentação de gado”* (Martins, C.A, 2005, p.223). Outros autores são unânimes e consideram que a produção cerealífera decaía consideravelmente desde finais de setecentos até ao meio do século seguinte e que, existiu uma articulação com outras produções – que no norte foi o caso da vinha. Nas primeiras décadas do XIX, começaram as *“importações de cereal para abastecer a capital devido à sua escassez provocada pelos sucessivos maus anos agrícolas, mas que*

a província conseguia sustentar-se mesmo nos anos de maior infertilidade” (Martins, C., 2005, p. 224), e que só Trás-os-Montes, as Beiras e o Minho estariam em condições de dispor de excedentes para exportarem para o litoral onde predominava o milho e o centeio (em 1850). Com a entrada em vigor das leis protecionistas de 1889 e 1899 e o aumento do preço dos cereais no Mercado Central de Lisboa contribuiu para alargar a área da cultura dos cereais, o que deu um novo impulso à produção de trigo, suplantando ligeiramente a produção do centeio e do milho. A produção seria em 1896-1906 suficiente para suprir o défice nacional (Martins, C.A, 2005, p. 227,229).

Para o século XX, o centeio é cultura predominante nos planaltos do Nordeste: “*cultiva-se nas áreas elevadas e nos solos mais pobres, onde é o único cereal*”, (Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p. 973). E ainda “*a área de centeio do norte de Portugal divide-se entre o Alto Douro, e os planaltos de Trás-os-Montes e da Beira Transmontana, em que os planaltos estão cobertos de centeio, às vezes em rotação com o trigo*” (Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p.978). Conclui o autor que a paisagem agrária sofreu modificações estruturais ao longo dos tempos para os quais aponta fatores diversos. A tabela que apresentamos sobre a utilização do solo em Portugal (Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p.950) data dos anos coincidentes com o período para o qual há dados de licenciamento de moinhos. Da leitura efetuada concluímos que, no distrito de Bragança, o centeio ocupava a maior percentagem (7.8%) da superfície total de utilização do solo. É o único distrito no país em que a cultura do centeio é predominante para os anos 1923-27. Lembramos que Carrazeda de Ansiães pertence administrativamente ao distrito de Bragança, e que decerto a sua quota de produção de centeio contribuiu para a estatística.

TABELA 27^a
UTILIZAÇÃO DO SOLO EM PORTUGAL
(em % da superfície total)

Distrito	Superfície total (ha)	Campos (%)						Árvores de fruteira				Matas de fruteira				Florestas				Total	Flocos (%)
		Matos	Trigo	Cebola	Outros	Pasta	Total	Oliveira	Alfeneiro	Alfeneiro	Alfeneiro	Silvestre	Alfeneiro	Alfeneiro	Total	Pinheiro	Carrizal	Outros	Total		
Viana do Castelo	2221	16,8	0,3	2,0	0,3	0,4	19,8	8,1	0,9	—	0,9	0,1	—	0,0	0,1	22,0	9,0	0,7	31,7	39,4	
Braga	2693	20,4	0,3	5,8	0,3	0,8	27,6	12,6	1,0	—	1,0	0,1	—	0,1	0,2	38,1	9,2	1,6	50,9	27,3	
Porto	2312	21,7	1,0	6,9	1,6	0,0	31,2	12,3	0,2	—	0,2	0,3	—	0,1	0,6	43,7	0,4	0,7	46,8	8,7	
Aveiro	2758	11,5	0,3	0,9	2,1	23,1	37,9	2,9	0,4	—	0,4	0,1	—	0,0	0,1	40,1	0,0	2,9	43,0	15,7	
Coimbra	3907	11,6	0,7	0,5	1,7	31,6	46,1	2,2	6,0	1,1	7,1	1,1	—	1,8	2,9	31,0	0,0	2,2	33,2	8,5	
Leiria	3412	3,0	2,3	0,2	2,0	17,3	24,8	7,8	10,1	0,0	10,1	0,8	0,1	0,2	1,1	50,0	1,6	1,6	53,2	3,0	
Vila Real	4273	2,0	0,4	5,8	0,5	14,6	23,3	5,6	2,2	0,1	2,3	0,2	0,0	2,5	2,7	10,3	0,8	0,3	11,6	54,5	
Bragança	6318	0,0	1,6	7,8	0,4	34,9	44,7	1,2	3,8	0,6	4,4	1,8	0,0	3,4	5,2	1,3	2,0	0,1	3,6	38,9	
Guarda	5482	0,9	1,1	7,3	1,1	10,2	20,8	4,0	2,0	1,0	3,0	0,1	0,1	2,8	3,0	12,0	2,1	0,4	14,8	24,4	
Viseu	5019	4,8	0,3	3,3	1,2	16,8	26,6	6,4	3,1	1,6	4,7	0,9	0,6	2,1	3,6	21,0	1,2	0,3	22,5	34,2	

Tabela – Utilização do solo nos anos 1923-27: Fonte: Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S, 1991, p.950

Carrazeda de Ansiães no que respeita à cultura do centeio, parece ter sido autossuficiente ao longo de vários séculos. Apoiamo-nos em diversos autores, já referenciados e, baseamo-nos na análise da documentação produzida em diferentes épocas para esta constatação. Desde os anos sessenta tem vindo lentamente a modificar a produção agrícola predominante, em favor de pomares que ocuparam as terras desta cultura nos planaltos e encostas da terra fria. A justificar a cultura cerealífera e a ela associada restam os moinhos em ruínas, ponteando as linhas de água do concelho, pois foi o pão desde sempre a base da alimentação da população em geral.

Segundo as estimativas de produções para o ano de 2011 da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, no concelho de Carrazeda a produção de pomóideas rondou as 4859 toneladas ocupando uma área de 412 hectares. Para o mesmo ano, referente aos cereais praganosos (centeio, trigo, aveia, cevada) a estimativa de produção é de 91 toneladas para uma área de 98 hectares. Com esta informação justifica-se um quase abandono de uma agricultura cerealífera, pois a mesma fonte adianta que os cereais aqui produzidos são pouco rentáveis (produzem pouco grão, 900 Kg por hectare). Os agricultores continuam a produção para colherem algum grão, mas o essencial desta cultura é a palha para forragens. Deste modo, uma vez mais, está justificado o abandono da cultura dos cereais em detrimento de outra agricultura mais rentável.

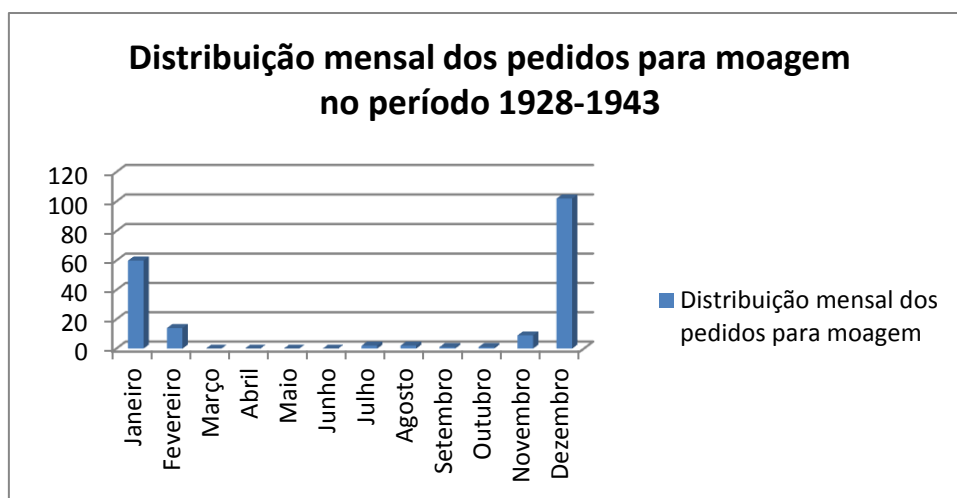
Parte II

1. Os Moinhos de água e de vento em Portugal

No nosso país ainda é possível encontrar muitos moinhos movidos a água, principalmente no norte de Portugal. Este facto deve-se a vários fatores: o primeiro de ordem geográfica, o relevo e a hidrografia propícios à implantação destas estruturas. Um segundo fator e que entra em sintonia com o primeiro, é o da cultura de cereais, o centeio, trigo, aveia e milho, a base da alimentação humana nestes períodos.

Estas estruturas puderam sobreviver, e chegar até aos nossos dias, dado o modo como se deu o desenvolvimento agrícola e industrial português. Os historiadores não são unânimes quanto à sua introdução em terras lusas. Temos conhecimento através de documentação medieval, que os moinhos de água, a partir do século X eram abundantes em Portugal, *”registados como ”molinos” ou indicadas apenas as bases onde seriam edificados (sesegas, sessecas, sesigas, etc.), surgem já em cerca de 13% dos documentos dos séculos X e XI que compõem o volume dos Diplomata et Chartae dos Portugaliae Monumenta Histórica”* (Marques, O.A.H de, 1978. p.193).

As estruturas moageiras, na época feudal, costumavam ser monopólio de senhores, tendência progressiva a partir do século XII. A difusão destes engenhos deve-se, em parte, às ordens monásticas. Os monges como técnicos em hidráulica, potenciaram os recursos dentro dos mosteiros e nas propriedades contíguas. A partir do século XIII, a documentação é abundante no que se refere a moinhos de água de rodízio e de roda vertical – azenhas de rio (Serrão, J; Marques, A.H de Oliveira, 1996, p.485). Segundo Oliveira Marques *“Os moinhos de água e as azenhas estavam normalmente instalados nas margens dos rios e dos ribeiros, empregando a força da corrente para o trabalho da moagem. Praticavam-se levadas e açudes. Alguns destes moinhos eram conhecidos por moinhos de enxurrada, porque, instalados em ribeiros que secavam durante o verão, apenas trabalhavam na época invernal”* (Marques, A.H. de Oliveira, 1978. p.194). Esta realidade foi observada no concelho de Carrazeda, num período bem posterior. Nos pedidos para a concessão de licenças de indústria de moagem, existentes no arquivo municipal de Carrazeda, verifica-se que os meses com maior relevância eram os de maior precipitação, ou seja, meses de inverno.



Fonte: Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães, gráfico elaborado com dados colhidos nos Livros de “Imposto de Comércio e Indústria” 1928 a 1943

Como notam os autores do livro *Sistemas de Moagem*, “*Os sistemas hidráulicos de moagem, moinhos e azenhas foram os mais espalhados e numerosos de todos, no país e no passado, podendo dizer-se que não existia um só curso de água, rio ou ribeira ou mesmo regato, com caudal suficiente, em que eles não existissem, isolados ou, mais correntemente, seguidos em cadeia, ao longo das levadas conduzindo a água represada nos açudes que os atravessam*” (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, Benjamim, 1983, p.79). Segundo os mesmos autores estas moagens pontuam em zonas serranas, zonas propícias à sua implantação, “*É no Minho, nas Beiras e em Trás-os-Montes, regiões montanhosas recortadas por cursos de água, que se concentra o número mais elevado de azenhas e rodízios. Assim, nos distritos de Viana, de Braga, do Porto, e de Vila Real, laboram mais de 12 000 moinhos de água; nos da Guarda, Viseu, Bragança e Castelo Branco, cerca de 8 000, existindo menos de 300 em qualquer dos distritos alentejanos e algarvios. O distrito de Setúbal não chega a ter 50 moinhos hidráulicos, entrando neste número uma dezena de moinhos de maré*” (p.96). Estas prospeções foram feitas no século XX.

Como exemplo de moinhos em cadeia são observáveis no concelho de Carrazeda os moinhos da ribeira de Marzagão; os moinhos da ribeira do Couto em Vilarinho da Castanheira e na aldeia das Areias na ribeira da Regada.

Quanto a moinhos de vento, é através de documentação do século XII que temos conhecimento da sua existência no país. Encontravam-se na região de Lisboa e em Alcobaça e eram pertença de mosteiros, segundo nota Oliveira Marques, o moinho de

vento constituiu uma raridade, um marco digno de ser assinalado, (Marques, A.H. de Oliveira, 1978, p. 196). Para o século XVI e seguintes até ao século XIX a documentação é mais abundante no que se refere a moinhos de vento, há autores que vão enumerando os moinhos na zona de implantação dos mesmos (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.243).

Encontramo-los no “*litoral onde os ventos são dominantes e nos cabeços dos outeiros das terras mais afastadas da costa*” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p. 251), mas também os podemos encontrar em terrenos abertos de modo a ficarem sujeitos ao vento, localizam-se geralmente no centro de um terreiro circular. Segundo os autores do livro *Sistemas Primitivos de Moagem* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p. 246), o inquérito industrial, no que se refere à zona do Porto, em 1881, regista 176 mós espalhadas pelos concelhos litorais. Não menciona o dito inquérito de 1881 para a zona transmontana moinhos de vento, embora existam em número reduzido no concelho como se prova pelo nosso trabalho.

1.1. O Património molinológico no concelho de Carrazeda de Ansiães

No concelho de Carrazeda de Ansiães, sabe-se que existiram desde a Idade Média moinhos de água, estruturas referenciadas quando se pretendia assegurar a propriedade, fazer doações ou regulamentar o uso dos mesmos através de documentos legais: nos forais, nas inquirições, nos tombos de propriedade, nos testamentos e mais tarde nos livros de impostos do município. É através destes documentos que é possível estabelecer uma cronologia e tipologias de moinhos.

Pelas inquirições de 1258, sabe-se que no julgado de Vilarinho da Castanheira houve um moinho que estava na posse de um local, mas, que a população o teria destruído: “*Martinus Stephani de Villarino iutatus et interrogatus dixit quod scit quod quidam homo de ipsa uilla fecit calumpniam et habebat unum molinum et deitauerunt eu min regalengo et modo et modo ipsum molinum iacet ex populatum et nichil inde habet Domnus Rex et si ipsum molinum fuisset populatum darent inde Dommo Regi suum fórum*” (Morais, C, 2006, p.109). Encontra-se neste documento medieval, a mais antiga referência a este património.

Pelo foral, outorgado em 1510 por D. Manuel ao concelho de Ansiães (Silva, J.R da, 1997, p.90), entre os produtos que deviam ser tributados na feira de Ansiães constavam as mós, conforme atrás já deixamos dito. O mesmo documento não faz referência a outros artefactos que possamos associar como fazendo parte da engrenagem de moinhos ou azenhas. Nos Tombos das Comendas de Cristo, como S. João de Ansiães/Marzagão, S. Salvador de Ansiães, S. Miguel de Linhares assim como em mais documentação referente aos bens destas comendas, publicados excertos em Morais, (Morais, C, 2006,) obtém-se informação sobre vários moinhos. Assim, foram encontrados moinhos e azenhas no arrolamento de propriedades (1727-1731) em terras de comendas no concelho em estudo, e que passamos a transcrever: *“E desta crus a demarcacam ao ribeyro e o passa com a mesma direitura por entre o moinho dos herdeiros de Bernardo Lopes de Moguo de Freixiel e o cabouco de outro moinho disbaratado que fica por sima, que he de Antonio de Afonsequa e Miguel Gonçalves do Mogo deste Ansciaens...”* (Morais, C, 2006, p.399); Na continuação da demarcação da Comenda de São Salvador com a Comenda de Freixiel e a Abadia de Vilarinho da Castanheira, em arrolamento de abril de 1731, encontramos a referência de um açude e moinho com descrição da toponímia e indicação hidronímica: *“...declararam que desde a ultima demarcacam retro que fica ao Ribeyro da Lagoa dece a ditta damarcacam pelo ditto ribeyro abaixo athe onde se junta a ele o Ribeyro dos e pizones e vem dahi correndo pelo meyo de todo o ribeyro abaixo athe este citio do Porto de Villarinho antes de pasar o asude de hum moinho em hum penedo...”* (p.405). Na mesma fonte, há alusão a azenhas, que deduzimos que estivessem implantadas nas ilhas existentes no rio Douro; estas ficaram submersas aquando da construção da hidroelétrica da Valeira. *“... aonde se avista a fos do Ribeyro do Lobazim e águas do Rio Douro e dahi dece em direitura a ellas a mesma fos pelo cerro abaixo águas vertentes para o Ribeyro do Lobazim e para a parte de Colleija ao poente athe a fraga que chamão a Pallinha que se acha no dito cerro arimada ao caminho que nelle dece para as azenhas de Manoel de Souza e na ditta frágua louzinha ao sul ele (...)”* (p.407). No mesmo arrolamento de propriedades nas proximidades dos lugares de Miskuel e Arnal é mencionado o Ribeyro da Azenha e a indicação da existência de uma azenha: *“junto ao Ribeyro da Azenha e ao pé de Miskuel, pella ditta azenha, para Arnal,..”* (p.431). Outra fonte de informação é o Tombo da Casa de Ribalonga de 1684 (Arquivo Distrital de Bragança – Tombo de propriedade da Casa de Ribalonga, f.232-233). Nesta documentação há referências, a uma escritura de emprazamento de umas terras e um moinho, a um casal do lugar de

Marzagão, sito no vale de Marzagão, junto da ribeira de Linhares com terras na sua envolvente. Na descrição das confrontações desta propriedade lemos a indicação de um outro moinho, de que era proprietário um homem do mesmo lugar de Marzagão. Os ditos moinhos confrontavam com o caminho do concelho e com a ribeira de Linhares. Pela descrição das propriedades, percebemos a toponímia e a hidronímia, assim como outros dados importantes sobre o que se produzia, e as habitações existentes.

Em 1683 foi feita uma louvação às propriedades do Morgadio da Senhora da Graça (Morais, C, 2006, p.142), também pertença da Casa de Ribalonga e, através deste arrolamento temos conhecimento que no limite da Sentrilha com o Pinhal do Norte, ao traçarem as confrontações das propriedades fazem alusão a um “Moinho do Castilhano” (Morais, C, 2006, p.142). Para o mesmo arrolamento de propriedades, temos para o lugar da Brunheda a existência de uma azenha no rio Tua. No Lugar de Fontelonga o Morgadio possuía um “moinho no lugar dos Temões” (Morais, C, 2006, p.144).

Nas Memórias Paroquiais 1758, informação prestada pelos párocos das freguesias de Carrazeda de Ansiães, é possível fazer um levantamento da existência de moinhos de moer pão nos ribeiros e no rio Douro, e azenhas e moinhos de moer pão de centeio no rio Tua. No que se refere a moinhos nos ribeiros e azenhas nos rios Douro e Tua, apenas um pároco dá a contagem das azenhas no rio Tua *“no distrito desta freguesia do Pombal tem cinco azenhas de moer pam”* (Capela, 2007, p.370). Na freguesia de Fontelonga, o redator do inquérito foi mais extensivo na descrição ao enumerar os moinhos no ribeiro da Osseira *“Nasce nas faldas da serra na Quinta da Penna Fria hum ribeiro que dizcorre por hum valle chamado a Osseira, bravio nas suas correntes (...) tem dois pisoens e doze moinhos de pao chamado o Ribeiro Larguo e se recolhe no rio Douro”* (Capela, 2007, p.354). Os demais informadores referem haver muitas azenhas e moinhos nos rios que delimitavam o concelho, mas não os contabilizam.

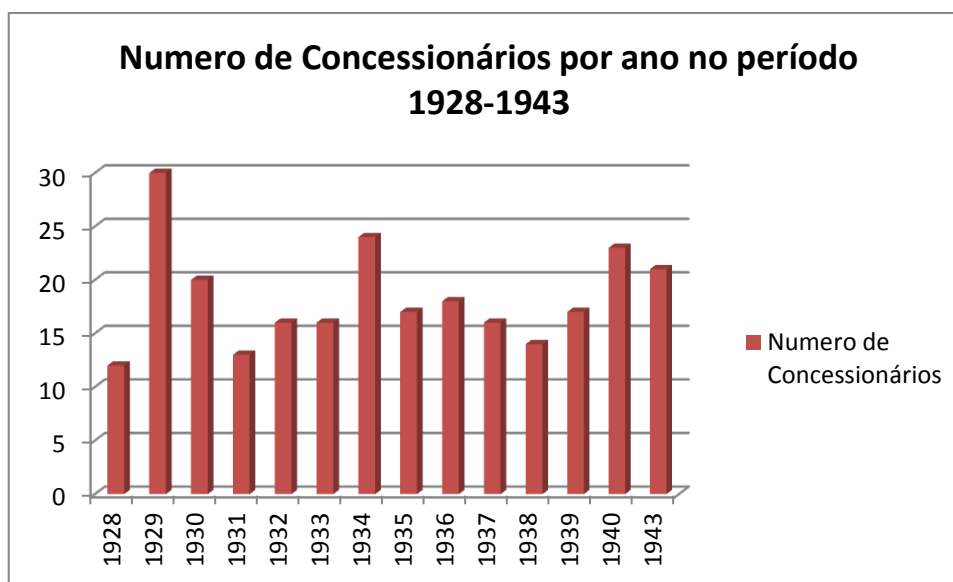
Linha Hidrográfica	Tipologia	Freguesia
Ribeira da Veiga	Rodízio	Marzagão
Ribeira de Linhares	Rodízio	Marzagão
Ribeira de Linhares	Rodízio	Marzagão
Ribeira de Linhares	Rodízio	Marzagão
Ribeira de Linhares	Rodízio	Marzagão
Ribeira de Linhares	Rodízio	Marzagão
Ribeira do Frarigo	Rodízio	Pombal
Ribeira do Frarigo	Rodízio	Pombal
Ribeira do Frarigo	Rodízio	Pombal

Linha Hidrográfica	Tipologia	Freguesia
Ribeira do Frarigo	Rodízio	Pombal
Ribeira do Barrabáz	Rodízio	Pombal
	Moinho Vento	Carrazeda
Ribeira do Requeixo	Rodízio	Pinhal Norte
Ribeiro das Vinhas	Rodízio	Pinhal Norte
Ribeiro da Moreirinha	Rodízio	Pinhal Norte
	Moinho Vento	Mogo de Malta
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeira do Couto	Rodízio	Vilarinho Castanheira
Ribeiro da Gricha	Rodízio	Beiragrande
Ribeiro da Gricha	Rodízio	Beiragrande
Ribeiro da Gricha	Rodízio	Beiragrande
Ribeiro da Gricha	Rodízio	Beiragrande
Ribeira das Lages	Rodízio	Pereiros
Ribeira das Lages	Rodízio	Pereiros
Ribeira das Lages	Rodízio	Pereiros
Ribeira das Lages	Rodízio	Pereiros
Ribeira das Lages	Rodízio	Pereiros
Ribeiro da Osseira	Rodízio	Seixo de Ansiães
Ribeiro da Osseira	Rodízio	Seixo de Ansiães
Ribeira de Fontelonga	Rodízio	Fontelonga
Ribeira da Pena Fria	Rodízio	Fontelonga
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Ribeira da Regada	Rodízio	Areias
Rio Tua	Azenha roda vert	Codeçais
Rio Tua	Azenha roda vert	Codeçais
Rio Tua	Azenha roda vert	Brunheda
Ribeira Tábuas	Rodízio	Pinhal Douro
Ribeira Tábuas	Rodízio	Pinhal Douro
Ribeira Tábuas	Rodízio	Pinhal Douro
Ribeira Tábuas	Rodízio	Pinhal Douro
Ribeiro do Moinho	Rodízio	Belver
Ribeiro Dama	Rodízio	Amedo
	Moinho Vento	Vilarinho Castanheira
Ribeira da Cabreira	Rodízio	Mogo de Malta
Ribeira da Cabreira	Rodízio	Mogo de Malta

Linha Hidrográfica	Tipologia	Freguesia
Ribeira da Cabreira	Rodízio	Mogo de Malta
Ribeira da Lameira	Rodízio	Parambos
Ribeira de Linhares	Rodízio	Linhares
Ribeira de Linhares	Rodízio	Linhares
Ribeira de Linhares	Rodízio	Linhares
Ribeiro de Ribalonga	Rodízio	Ribalonga
Ribeira Grande	Rodízio	Castanheiro
Ribeira Grande	Rodízio	Castanheiro
Ribeiro da Osseira	Rodízio	Seixo de Ansiães
Rio Tua	Azenha	Castanheiro

Tabela de Inventariação dos Moinhos no Concelho de Carrazeda de Ansiães

Para o século XX, a pesquisa efetuada no arquivo municipal nos livros de “Imposto de comércio e Indústria”, documentos produzidos pela autoridade que tributava e regulamentava o uso dos moinhos, permitiu-nos estabelecer uma cronologia que abrange os anos de 1928 a 1943 como anos em que um número avultado de moinhos se encontrava em funcionamento, não havendo registos para outros anos. Desta recolha de informação foi possível saber quantos moleiros laboravam no concelho neste período, os seus nomes, e o lugar de implantação e a tipologia de moinho.



Fonte: Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães, Livros de “Imposto de Comércio e Indústria” 1928 a 1943

1.1.1 O Moinho de água de roda horizontal – rodízio

Pelos documentos consultados e pelas pesquisas feitas no terreno foi possível inventariar três tipologias de moinhos no concelho. Os moinhos de água de roda horizontal e vertical, as azenhas, e os moinhos de vento. Embora existam três tipologias de moinhos no concelho de Carrazeda de Ansiães, a mais representativa é o moinho de água de rodízio de roda horizontal, com 61 elementos, de estruturas inventariadas. A inventariação das estruturas ainda existentes foi, realizada nestes últimos meses (desde dezembro de 2011 a junho de 2012), nas ribeiras e ribeiros do concelho.

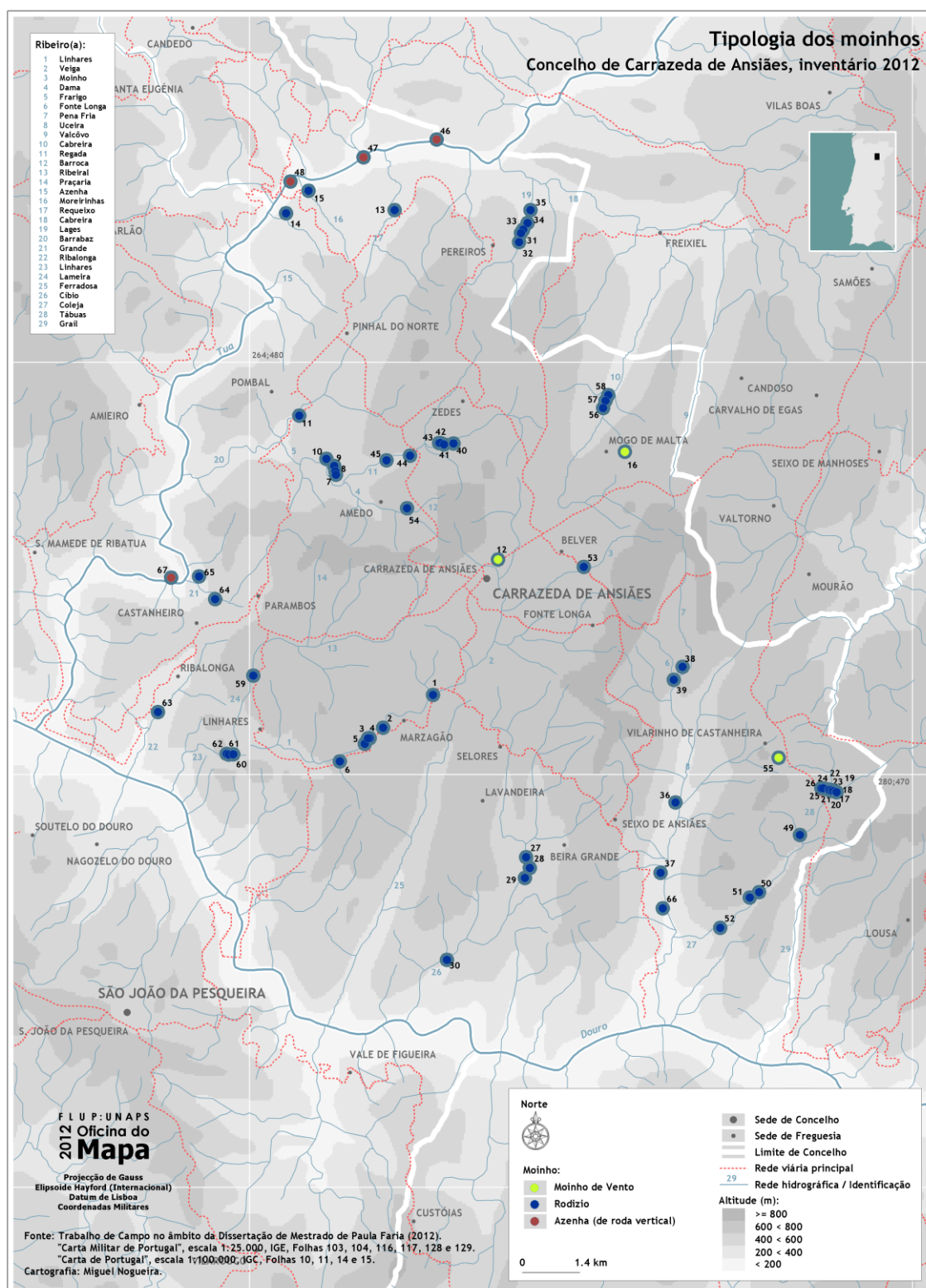
O mapa 1 Tipologia dos moinhos, identifica todas as tipologias de moagem representativas no concelho, num total de 67 moagens, implantadas na rede hidrográfica e nas zonas planálticas.

São observáveis três tipologias de moagens, moinhos de água: moinhos de rodízio (total de 63), implantados nas linhas de água de menor dimensão, ribeiras/os. As azenhas de roda vertical (total de 4) implantadas no curso de água de maior dimensão, no rio Tua.

Os moinhos de vento (3), implantados em áreas planálticas a altitudes compreendidas entre os 600<800 m.

Na carta foram assinaladas a sede de concelho e sedes de freguesias. A rede viária está delineada a tracejado de cor vermelho. A malha hidrográfica do concelho não está toda pontuada com moinhos como é observável na carta molinológica, nem todos os ribeiros possuem características que permitam o implante dos moinhos. As razões que apontamos são várias: falta de acessos devido aos vales muito encaixados e rochosos; caudal fraco e distâncias longas do povoado.

Mapa 1 – Tipologia dos moinhos, Concelho de Carrazeda de Ansiães, inventário 2012

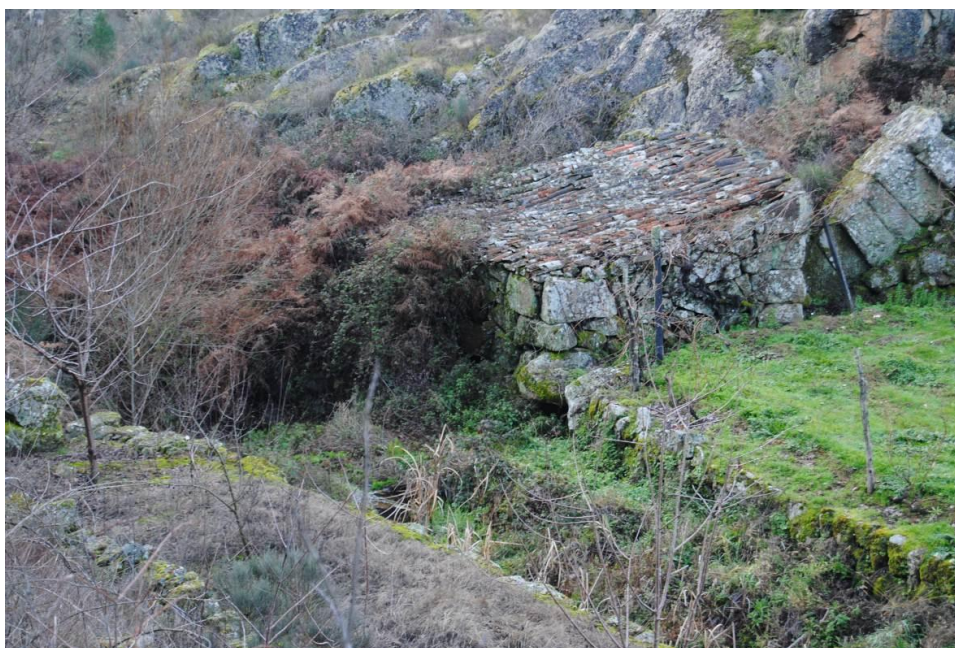


No concelho de Carrazeda de Ansiães não existem moinhos em funcionamento. Na aldeia de Vilarinho da Castanheira, foram recuperados, em 2004, dois moinhos de rodízio. São património da Junta de Freguesia. Na recolha da informação sobre os mesmos, foi-nos dito

que para a sua reconstrução copiaram as peças do que restava dos anteriores, são os únicos desta tipologia, passíveis de serem visitados.

1.1.2 Local de Implantação do moinho de rodízio

Para acionar um moinho de água, de roda horizontal – rodízio, o princípio fundamental é o local da sua implantação. “*A estrutura moageira deve estar assente em terrenos declivosos, onde seja possível formar um socalco, correspondendo aos dois níveis de água, o nível a que a água entra para o moinho e o nível de saída*” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.116). A água deve ter corrente suficiente para fazer movimentar a engrenagem.



Moinho de rodízio no ribeiro do Barrabaz - Pombal

Nos moinhos de rodízio instalados junto de ribeiras, encontramos o processo mais comum do represamento das águas. O *açude* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p. 118), muro em pedra com altura suficiente, que atravessa o curso de água de uma margem à outra e concentra grande quantidade de água na ribeira formando barragem. A edificação do açude é feita no ponto mais conveniente, tanto para a sua construção como para a do moinho.



Açude no leito da ribeira do Frarigo

Os açudes são de construção forte e grosseira, de pedras e terra, aproveitando um recanto na margem do ribeiro. As rochas naturais do leito são aproveitadas como alicerce ou como elemento de apoio. É a partir do açude que a água é canalizada pela *levada* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.118), estrutura de pedra ou de terra que transporta a água por um canal até ao *cubo* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.118). Este canal, a levada, é de construção mais cuidada, e mais ou menos extensa, conforme a inclinação do leito do curso de água e a localização do moinho, *para dar ponto*, como se diz por terras de Carrazeda. Este desnível é variável de moinho para moinho.



Levada no moinho de rodízio na Ribeira da Regada - Areias

Este canal, cavado em terra firme segue quase sempre junto ao ribeiro, sobre um soccalco especialmente construído para esse fim. Este percorre um caminho bem longo até chegar ao moinho. Nas ribeiras em que o declive é pouco acentuado, constatamos a construção de moinhos em cadeia, alimentados por uma única levada, como exemplo, temos os moinhos na ribeira de Marzagão, na aldeia do mesmo nome e os moinhos na ribeira da Regada, na aldeia de Areias. A água que sai da loja do moinho anterior, situado mais acima, entra no cubo do que se lhe segue. A levada segue até junto da entrada do cubo.

O cubo, estrutura de pedra granítica, construída em blocos sobrepostos, de formato circular ou quadrangular, com uma inclinação muito acentuada, recebe a água transportada pela levada e deixa cair a água, em quantidades controláveis através da abertura de parte ou totalidade do orifício na roda motriz, o rodízio. Na entrada do cubo era colocada uma grade em madeira ou em ferro para travar a entrada de folhagem, ramos, pinhas ou outros detritos, afim de não entupir o orifício de saída da água para o rodízio.

Quanto à captação e condução de água para as moagens, verificou-se que em todos os casos o moinho se situa na margem do curso de água. A condução desta para o moinho era através de levadas em pedra e em alguns casos (raros) regos por terra. O comprimento da levada é determinado pelo caudal da linha de água que alimenta o moinho e pelo seu comportamento na estação chuvosa e seca. O declive das linhas de água também influencia o comprimento das levadas, quanto menos acentuado for, mais longa terá que ser este tipo de condução, até atingir o desnível conveniente. As levadas, sendo apenas canais de condução de água até aos moinhos, terminam junto destes.

O cubo sucede à levada, situa-se junto da parede do moinho, entra pela parede e segue até à loja ou cabouco deste, vai estreitando o seu diâmetro e termina na parede próximo do rodízio. Verificou-se que na construção dos cubos, predominantes nos moinhos do concelho, foi utilizada a pedra de granito de grande massa. Percepcionamos dois formatos: retangular – em maior número. De formato circular foi percepcionado apenas em dois casos.

O cubo é um reservatório de água; quando cheio, o volume de água faz pressão e ao sair pelo orifício, na loja do moinho, em jato, bate no rodízio fazendo-o girar.



Cubo de formato quadrangular no moinho da ribeira da Regada - Areias



Cubo de formato cilíndrico no moinho recuperado na ribeira do Couto - Vilarinho da Castanheira

1.1.3 A loja do moinho e seu aparelho motor – rodízio

A loja do moinho, fica rasa ao solo, nela se situa o cabouco onde funciona o rodízio. Neste local era rasgado o solo para construírem uma, duas ou mais entradas – os caboucos, aqui funcionam um, dois ou mais aparelhos motores – os rodízios. Constatamos que no concelho houve moinhos que funcionaram com um ou dois rodízios, mas não mais.



As lojas do moinho Novo na Ribeira da Uceira – Seixo de Ansiães

Na aldeia de Vilarinho da Castanheira, no vocabulário das populações locais relacionado com os moinhos usam-se as designações de *focinheira* e *copo*, são as peças pelas quais sai a água concentrada do cubo, para a loja do moinho. O orifício (um ou dois) na focinheira, tem semelhança com o nariz do porco, *os copos*. A pressão da água saída pelos copos na focinheira depende da relação existente entre a pressão de água que alimenta o moinho, em função do volume do caudal e da altura entre o cubo e o rodízio.



Rodízio e focinheira no moinho recuperado – Vilarinho da Castanheira

A saída da água dos orifícios da focinheira também é regulada. Se a levada tem água que encha o cubo, os copos podem estar abertos, pois há pressão suficiente para fazer girar o rodízio, mas se a água *canta no cubo* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.151), se este vai vazio, perde pressão, logo os orifícios devem ser diminuídos com uns paus, tipo cunhas amovíveis.

Nos moinhos inventariados podemos observar que o material usado na construção da focinheira vai variando. Nos moinhos reconstruídos do Vilarinho da Castanheira, no caso do primeiro moinho, o orifício, com a designação de copo, está aberto num bloco de madeira (a focinheira). No segundo moinho, a água sai por um orifício feito num bloco de pedra. Em outros moinhos visitados, e nos quais foi possível entrar nas lojas, constatámos que os orifícios foram feitos num bloco de granito.

Como já dissemos, a movimentação do moinho é iniciada ou interrompida abrindo ou travando a água na entrada do cubo. Noutros, porém, a água continuando a sair da focinheira pelo copo, em vez de ser impedida de correr, é desviada à saída do cubo, evitando que ela bata nos tacos do rodízio (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.106). É através do pejadouro (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.106), que se opera este desvio. O pejadouro é uma peça em madeira que serve para desviar a água do rodízio.

No concelho de Carrazeda, a forma mais usual de pejadouro consiste numa tábua situada na orientação da focinheira, basculante de frente, no topo mais afastado desta, presa a um pau que faz de eixo perpendicular à focinheira e suspensa no outro topo de um arame que vai até ao piso superior, donde, para pôr o moinho a funcionar é puxado para cima; desprendendo-o. A tábua descai pelo seu peso, intercepta o jato de água, impedindo-o de bater no rodízio, e o moinho pára. O arame que suspende o pejadouro prende-se no sobrado ou em qualquer barroto na parte superior do moinho.



Pejadouro em madeira de travar a água no rodízio – Vilarinho da Castanheira

1.1.4 O aparelho motor

O aparelho motor instalado na loja do moinho, é formado por peças que se interligam. Começamos por descrever a *pela* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.163), esta construída por um pau grosso e redondo, é o eixo vertical que o rodízio aciona, o seu comprimento é variável, apresenta espessura maior na extremidade inferior onde está seguro o rodízio. A pela termina em dois braços em cruz, que sustentam o rodízio.

O rodízio é a peça em forma circular com mais de um metro de diâmetro, este pode ser com aro e *tacos* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.159). Este modelo, segundo os autores do livro *Sistemas de Moagem*, encontra-se em várias zonas no norte do país. O modelo mencionado, foi observado na aldeia de Vilarinho da Castanheira. As peças são construídas em madeira de pinho. O rodízio, construído num aro em madeira, onde os tacos são pequenos troncos de pinho desbastados de um lado e pregados no aro, este comporta vinte e sete tacos. A água ao sair dos copos com pressão bate na parte que foi desbastada dos tacos, e faz girar o rodízio.



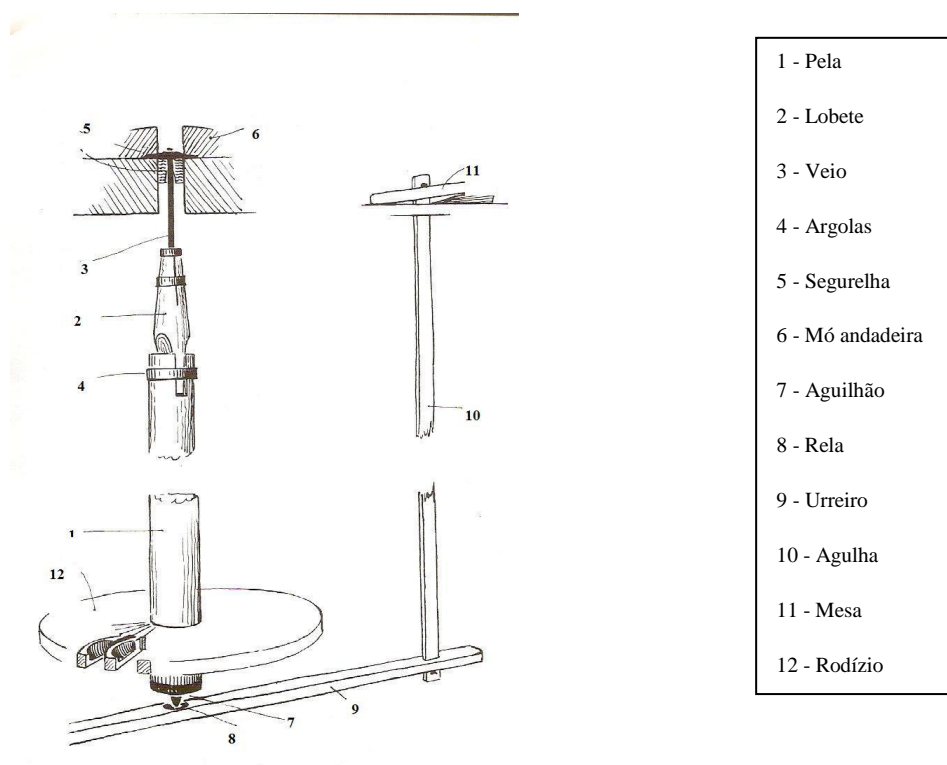
Rodízio de tacos no moinho recuperado – Vilarinho da Castanheira

No entanto, constatamos que na região se podem encontrar formatos diferentes de rodízios. Estes podem ser também de penas. No trabalho de campo realizado no moinho da Ponte da Vila, na Beiragrande, o moleiro do moinho, fez-nos uma visita guiada, e mostrou-nos o que restava do aparelho motor. Informou-nos que o rodízio era formado por conjunto de peças dispostas radialmente em forma de concha, acionavam velozmente o aparelho motor com o bater da água sobre as mesmas às quais chamou de penas. As *penas*, como são descritas no livro de *Sistemas de Moagem* (Oliveira, E.V;

Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.98), são peças fabricadas em madeira de amoreira, por ser mais resistente á água. O moleiro, Sr. Clarimundo Araújo, explicou-nos como tivera conhecimento deste modelo de rodízio com penas “*o moinho tinha sido visitado por um louvado, que ao reparar no rodízio informou que havia um modelo de rodízio no Pousado – Fontelonga, mais eficiente. O pai, também moleiro, deslocou-se ao moinho indicado, e trouxe uma peça em madeira, a pena, que serviu de modelo ao novo rodízio que construíram*”². Dos restantes moinhos inventariados, desconhecemos qual o formato do rodízio em cada um deles, visto estarem abandonados há muito tempo. Pelo testemunho do nosso interlocutor ficámos a conhecer que é possível encontrar rodízios de formatos diferentes no concelho de Carrazeda.

Na pela encaixa o *lobete* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.118), este é de madeira. O *veio* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.118), é um ferro direito, terminando, na parte inferior, numa pá achatada, que entra na fenda do lobete; este encaixe, é apertado com umas argolas em ferro. Na parte superior, o veio que se prolonga até ao sobrado vai unir com a *segurelha* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.118), é uma peça de ferro muito robusta que abre em leque, encaixa num rasgo cavado à sua medida no centro da face inferior da mó andadeira, impedindo-a de encostar à mó fixa, e imprimindo-lhe assim o movimento que recebe do veio. Ela é a peça do aparelho motor, que o liga ao aparelho da moagem.

² Entrevista efetuada em 4 de abril de 2012, ao Sr. Clarimundo António Araújo (moleiro), 80 anos, natural da Beiragrande.



Des. 57 (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B, 1983, p.119)

Na extremidade inferior da pela está cravado um aguilhão, que gira na rela, esta está encaixada no urreiro. O aguilhão é um ferro de ponta redonda que gira na rela. A rela é uma pedra de seixo, apanhada no rio ou num ribeiro, é de cor alaranjada com formato ovalado tem uma concavidade onde gira o aguilhão, estas peças também são substituídas quando necessário. Foi possível ver nos moinhos recuperados de Vilarinho da Castanheira que em redor da rela foram espetados pregos para que esta não se desloque.

O urreiro é uma peça de madeira simples em que se fixa a rela. Esta serve para o apoio do conjunto pela-veio que tem que se manter na linha do eixo da mó, e perpendicularmente à superfície desta. Apoia numa das pontas, no fundo da loja do moinho, e é suspenso, pela outra, do *aliviadouro* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.167). Esta peça é em ferro, vai terminar na parte superior no sobrado, perto das mós, a mesa. Este dispositivo permite o levantamento do conjunto motor, rodízio – pela – veio, que por sua vez levanta ou baixa a mó superior, quando necessário.

Este dispositivo que aciona a agulha é simples: pelo soalho entra o ferro da agulha que atravessa uma tábua, neste ferro entra uma anilha que aperta ou dá folga, este ergue mais ou menos o conjunto motor, que por sua vez levanta ou baixa a mó andadeira.

1.1.5 No interior do moinho

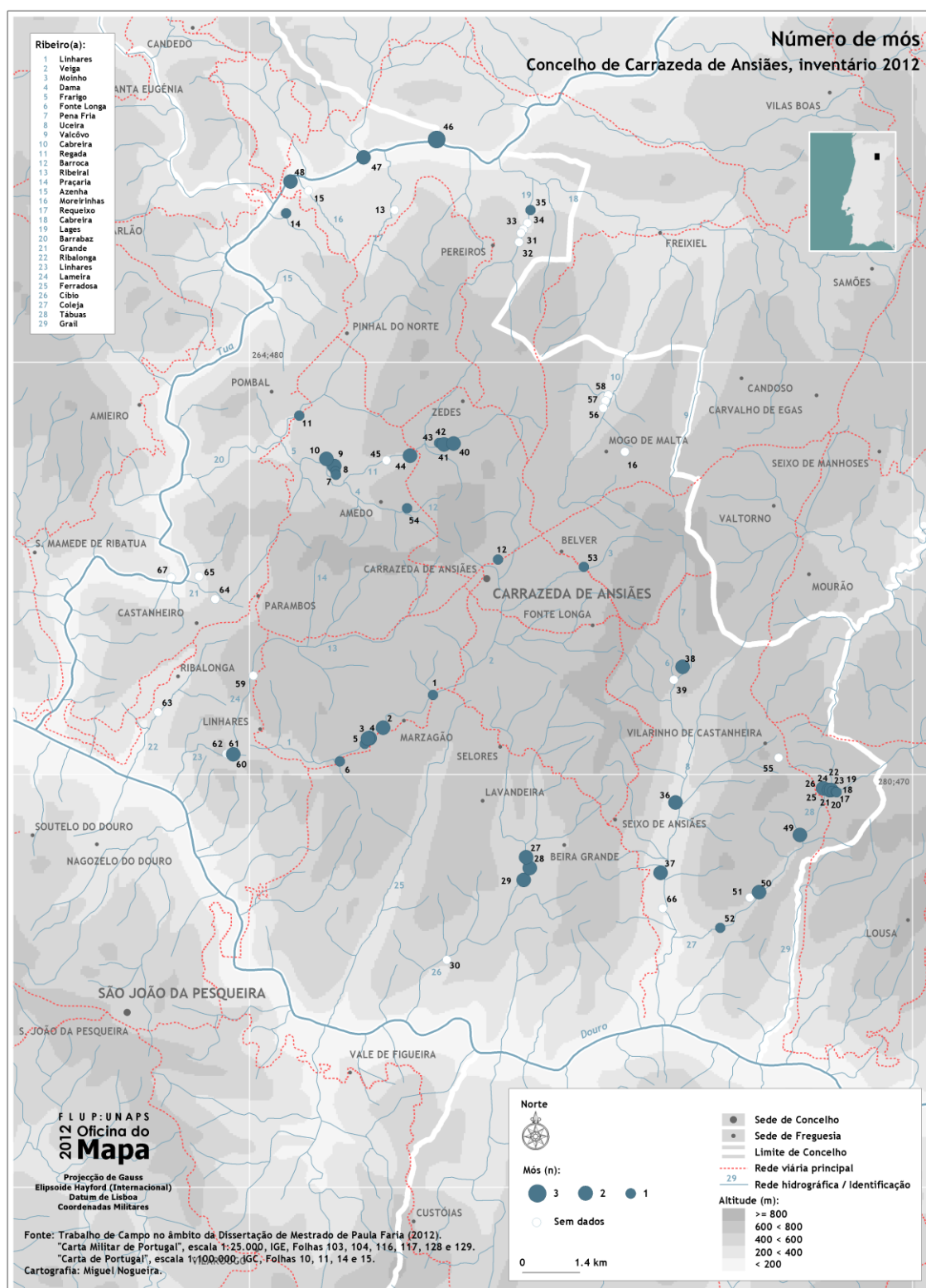
A engrenagem no interior do moinho onde é feita a farinação é composta pelo casal de mós: a fixa ou dormente, que assenta no chão e a andadeira que gira sobre esta. Estas pedras são de formato circular, a inferior é mais alta, pode chegar a pesar mais de cem quilos. A mó andadeira terá entre 15 a 20 cm de espessura. As duas pedras têm o mesmo diâmetro. Em redor destas, existe uma cinta em pedra com certa altura para que a farinha não caia para o chão, esta vem cair pela abertura da cinta, em frente das mós para um pio em pedra de forma rectangular a que chamam o farneiro. Este, está ao nível do sobrado, é aqui que o moleiro apanha a farinha que depois mete em sacos.



Casais de mós no moinho dos Temões na Ribeira da Fontelonga – Fontelonga

A foto que apresentamos com dois casais de mós, foi colhida no moinho do Sr. Lopes no lugar dos Temões – Fontelonga (abril de 2012). Na aldeia de Vilarinho da Castanheira, no lugar dos moinhos estão implantados ao longo de 500m na ribeira do Couto dez moagens de rodízio. No inventário às estruturas contabilizamos onze casais de mós, não sendo possível determinar o número de mós em dois moinhos, devido ao estado de ruína em que se encontram.

Mapa 2 – Número de mós, Concelho de Carrazeda de Ansiães, inventário 2012



Como é observável na carta molinológica 2, existem símbolos de diferentes tamanhos para identificar as moagens que apresentam: um, dois ou três casais de mós. As

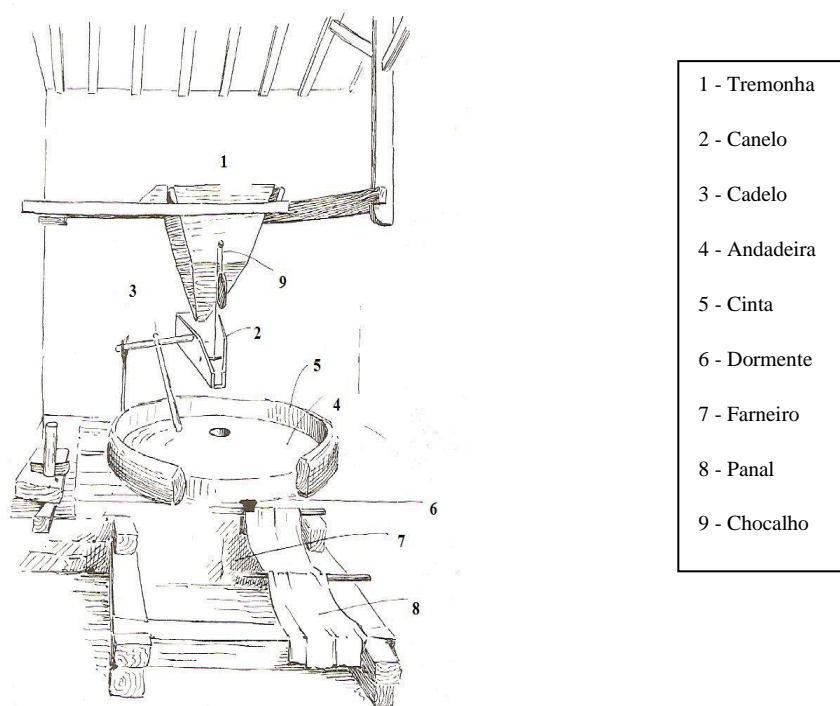
moagens que podemos considerar “profissionais/industriais” são as azenhas do rio Tua. Numa foram identificados três casais de mós, nas restantes, dois casais de mós.

Nos moinhos de rodízio, nos que foram identificados nos licenciamentos para moagem, foram identificados dois casais de mós, mas também identificamos moinhos com um casal de mós e que funcionavam com a categoria de indústria. No total foram identificados no concelho 65 casais de mós.

Ao longo da margem esquerda do rio Tua, inventariamos três azenhas de roda vertical de propulsão inferior. Duas estruturas estão no perímetro da aldeia de Codeçais e a terceira na aldeia da Brunheda. Aquando do inventário contabilizámos no conjunto das três moagens sete casais de mós. Temos conhecimento de ter existido uma outra azenha no rio Tua no lugar da Alvela – Castanheiro, da qual não há vestígios.

Por cima das mós está suspensa a tremonha a uns barrotes do travejamento do telhado. É um objecto em madeira, assemelhando-se a uma pirâmide invertida, é usada para colocar o cereal que vai caindo para o canelo, este é de madeira em forma de cano, está suspenso em uma das pontas à tremonha. A outra ponta fica com uma inclinação direccionada ao olho da mó para que através dele caia o grão. É neste local central da pedra andadeira que cai o grão, para ser estrinçado e moído. O processo para a queda do grão só é possível devido à trepidação de um pau ligado ao canelo e à mó andadeira quando em funcionamento, que o faz cair com uma certa cadência.

Na tremonha, existe uma peça de cortiça em forma de estrela, presa a um baraço que desce ao fundo da tremonha. Este dispositivo permite a saída controlada do grão da tremonha para o canelo. Na extremidade do fio o moleiro coloca um chocalho, quando o grão está a acabar na tremonha, e por essa razão o seu peso sobre o chocalho se torna superior, cai sobre a mó que gira provocando o barulho próprio de aviso que o cereal na tremonha acabou e é necessário voltar a enchê-la.



Des. 55 (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B, 1983, p.115)

1.1.6 A picagem das Mós

As mós, tem um tempo de duração limitado, devido à fricção das pedras. *A mó andadeira pode ter a duração de dois anos, enquanto a fixa pode levar dez ou mais anos para ser substituída, dependendo da quantidade de cereal transformado* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.359). Contribui para o seu desgaste o rodar constante a triturar os grãos e os próprios grãos as vão polindo.

Para uma boa moagem as pedras têm que ser desmontadas e picadas. O picar das pedras é uma técnica que só o moleiro domina, é um trabalho aperfeiçoado, que faz a boa farinha – macia. As pedras do trigo são as alveiras, este cereal depois de transformado é branco, nestas pedras não moíam outro cereal, são picadas de quinze em quinze dias, enquanto as negreiras, assim chamadas por estarem ligadas aos cereais que produzem

uma farinha mais escura, como o centeio, a aveia, o milho e algarrobas³, eram picadas de três em três dias ou de semana a semana, conforme o uso.

No concelho, observamos que as pedras no geral são de granito, e como foi dito a picagem varia em função das quantidades de cereal transformado. Para a picagem ou substituição das pedras, é necessário remover a andadeira de cima da fixa – ou dormente, libertando-a das peças dos aparelhos de moagem e motor a ela ligados. O moleiro começa por tirar o cadelo, peça de madeira que fica em cima da andadeira, esta ao girar, faz vibrar o canelo, objeto de madeira pelo qual o grão vai caindo aos poucos para o olho da mó. Depois é a vez tremonha, peça em madeira que recebe o grão a ser moído.

É o moleiro que realiza esta tarefa, embora seja difícil e arriscado fazê-lo sem ajuda, é neste processo que se pode apreciar o domínio da técnica da profissão. Com a utensilagem própria o moleiro pica as mós segundo a técnica que aprendeu, fazendo as incisões necessárias para que as pedras fiquem com aspereza suficiente para estraçalhar o grão e o reduzirem a farinha. Deste processo de picagem, foi-nos dito que era executado sempre do olho da mó para o bordo da pedra. A recolocação da andadeira em cima da fixa era um trabalho moroso e minucioso.

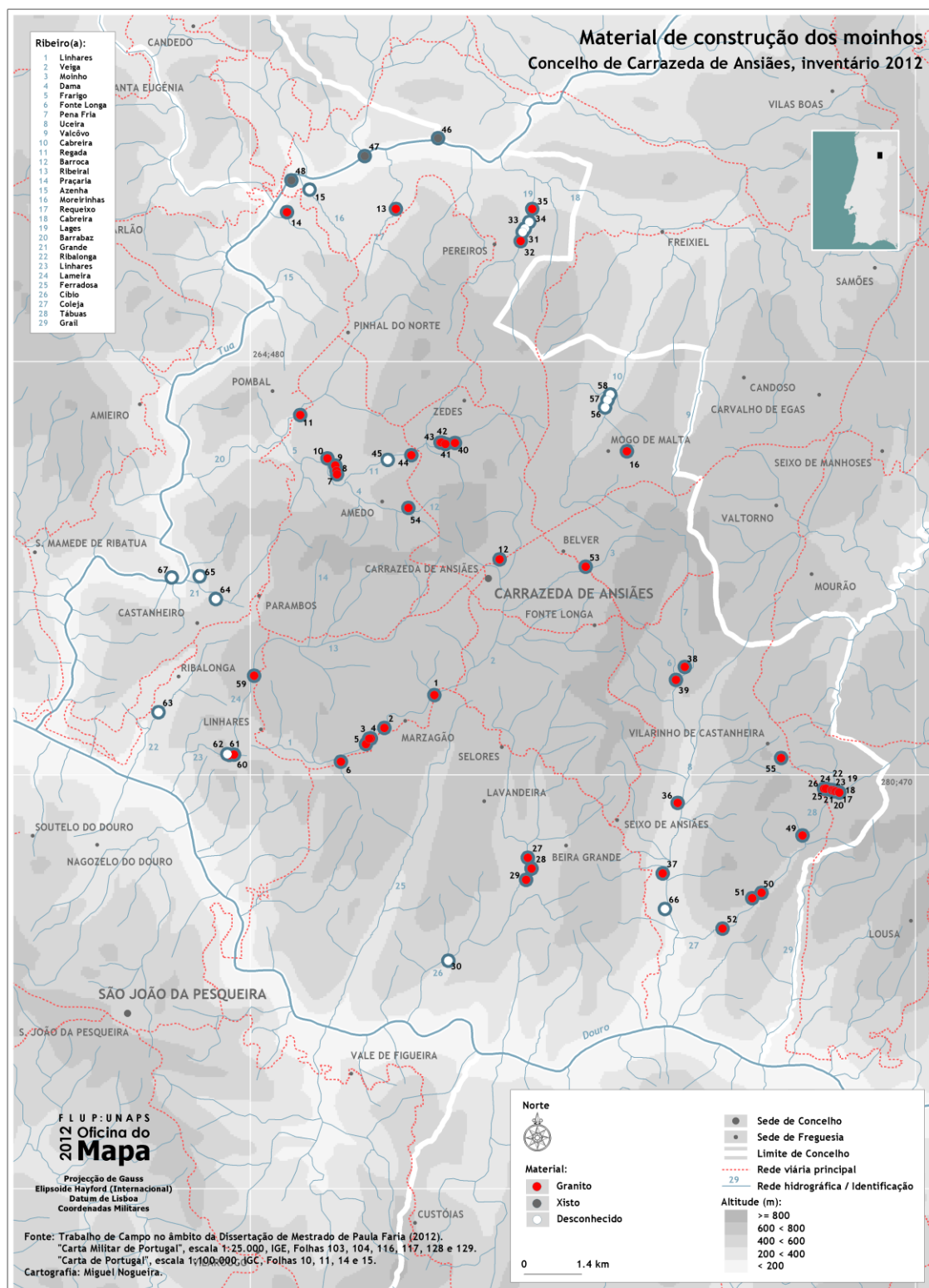
A compra das pedras requer algum tato, o Sr. Clarimundo Araújo contou, que as pedras vinham de Condeixa-a-Velha e eram em granito, iam comprá-las ao Cachão. Era necessário conhecer o material que se adquiria, era através do toque à pedra que o moleiro percebia se esta era boa para fazer uma moagem de qualidade.

Fazem parte da utensilagem usada pelo moleiro, os picos para picar as mós, as pás da farinha, a peneira, as vassouras, a balança, os rolos, as cunhas e uma grade de madeira para deslocamento e assentamento da pedra andadeira aquando da picagem.

³ Nome atribuído às lentilhas, com que engrossavam a comida dos animais. Esta informação foi obtida através da entrevista com o Sr. Clarimundo Araújo, da Beiragrande.

1.2 Os moinhos de rodízio identificados nas linhas de água do concelho

Mapa 3 – Material de construção dos moinhos, Concelho de Carrazeda de Ansiães, inventário 2012

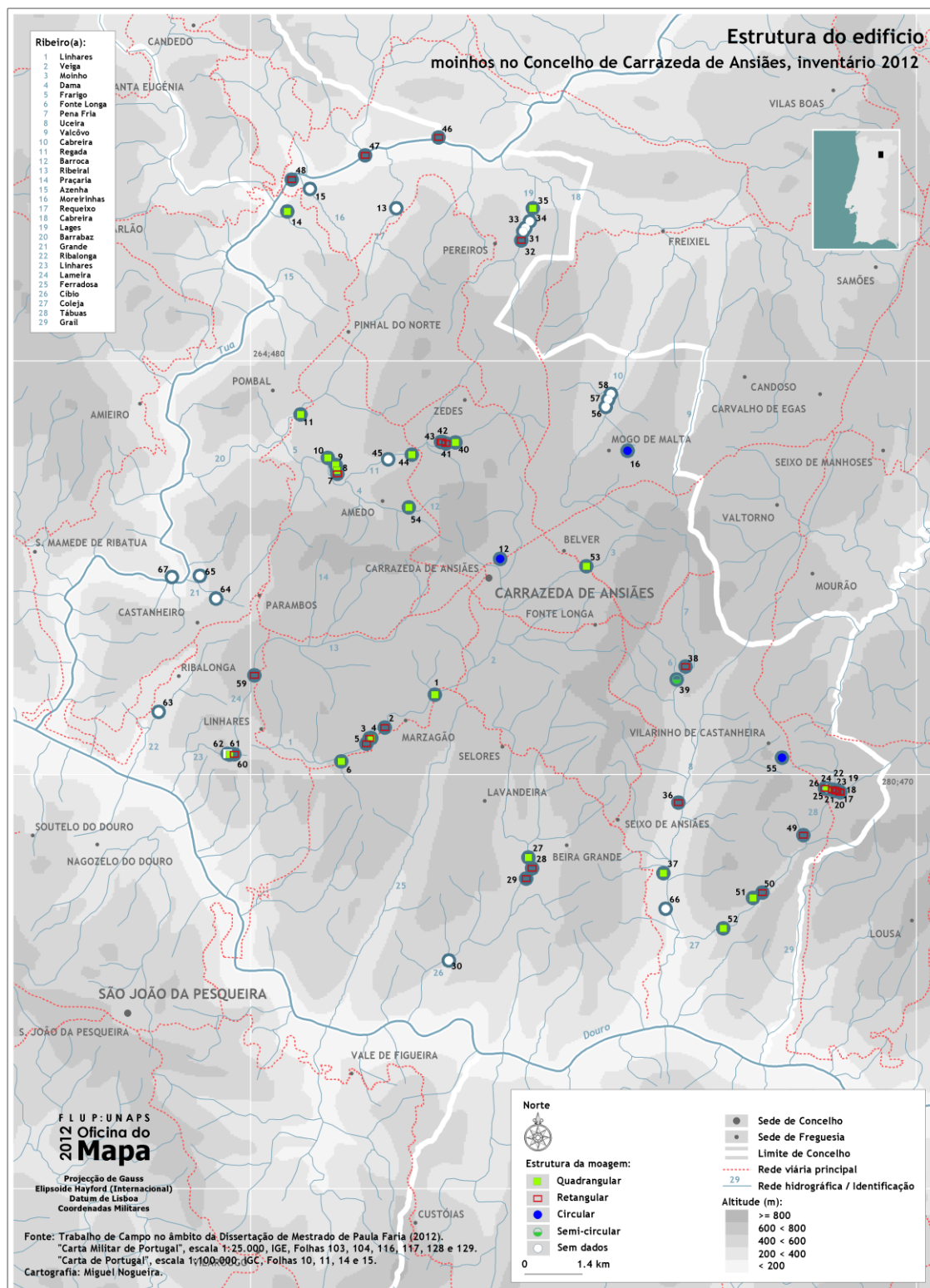


As construções das moagens de rodízio e de vento são de alvenaria e o granito, material abundante no concelho, é a matéria-prima mais utilizada. Nas azenhas do rio Tua, o material de construção das paredes bastante grossas, é o xisto.

O assentamento tanto o granito quanto o xisto é em pedra seca, e as paredes interiores dos edifícios não apresentam qualquer reboco. A escolha da pedra de granito depende da resistência exigida, os blocos de granito mais resistentes são colocados nas padieiras e ombreiras de portas e janelas, nos cubos e levadas. São os pontos mais cuidados das construções, por exigência construtiva. O material de cobertura identificado em alguns edifícios conservados, é a telha de meia cana. A estrutura onde assenta a cobertura é de madeira de castanho, pinho ou freixo, matéria-prima abundante no local.

No moinho de vento recuperado, a cobertura é de forma cónica em madeira de castanho. No interior as madeiras utilizadas variam devido à exigência de construção e funcionalidade.

Mapa 4 – Estrutura do edifício, moinhos no Concelho de Carrazeda de Ansiães, inventário de 2012



Representa diferentes plantas das estruturas moageiras, estas variam consoante a tipologia da moagem. As azenhas de roda vertical implantadas na margem esquerda do

rio Tua, são de planta retangular com parede quebra-mar. Esta parede com formato típico é observável em três azenhas. Tem como funcionalidade proteger a estrutura da correnteza das águas invernais, quando o caudal do rio sobe. As azenhas não apresentam cobertura mas, permanecem as marcas que revelam terem sido de duas águas.

Os moinhos de vento, implantados no cimo de morros graníticos e em terreiros abertos, apresentam uma estrutura de planta circular, a cobertura é inexistente em dois moinhos sendo um terceiro recuperado, apresenta a cobertura em forma cónica. Estão expostos aos ventos dominantes.

Os moinhos de rodízio, são construídos nas margens das ribeiras/os. O predomínio de uma ou outra margem para a implantação da moagem deve-se a vários fatores: acesso ao moinho, local com desnível para que a água captada na linha de água num ponto mais alto, possa ser facilmente conduzida pela levada até ao cubo. A planta das construções é variável, uns apresentam planta retangular, outros quadrangular, apenas um apresentava a planta semicircular. A cobertura na maioria das moagens é inexistente, nas que foi possível identificar cobertura, predominava a de uma água que, em geral acompanha o declive onde está assente a moagem. As moagens de maior dimensão apresentam cobertura com duas ou mais águas. As linhas de água que fazem trabalhar os rodízios, escorrem entre vales muito encaixados, o que dificulta, na maior parte, o acesso ao moinho. Estas moagens, estão dependentes das estações chuvosas para laborar, tem um caudal de menor dimensão que, no geral, seca durante o verão.

A dimensão das moagens é ditada pelo número de engrenagens do mecanismo.

Moinhos na Ribeira da Veiga

Próximo da aldeia de Marzagão corre a ribeira da Veiga, a sua nascente é em Carrazeda no lugar da Veiga, corre ao longo de vários quilómetros e vai tomando no seu percurso o nome dos lugares por que passa, até desaguar na margem direita do rio Douro junto ao Túnel da Rapa. Nela se encontram implantados nove moinhos de rodízio.

Moinho Alveiro ou Minhalveiro

Acesso fácil. Saindo da aldeia de Marzagão em direção a Linhares, pela estrada municipal nº 632, percorre-se cerca de 716 metros até encontrar uma abertura nos rails. A estrutura moageira encontra-se próxima da estrada.

O moinho do Minhalveiro, fica situado no lugar do Chão do Motor, a alguma distância da aldeia. É formado por um núcleo com duas casas: o moinho e a habitação do moleiro. São construções em alvenaria, em pedra granítica. O edifício da moagem é de formato quadrangular, está em ruínas, sem telhado. Laborava com um casal de mós alveiras, daí o nome de “Minhalveiro”. Tem o cubo, a levada está imperceptível. A casa do moleiro é de formato retangular, com uma porta. O telhado é de uma água e está conservado. Não há memórias da sua desativação. Também não sabemos quem é o proprietário.

• Moinhos de Moinhos em Marzagão

Na mesma ribeira, no lugar dos Moinhos em direção à aldeia de Linhares encontramos dispostos, em sentido longitudinal à ribeira, cinco moinhos, muito próximos uns dos outros, implantados na margem esquerda⁴.

Acesso fácil. Saindo da aldeia de Marzagão em direção a Linhares, pela estrada municipal nº 632, percorre-se cerca de 716 metros até encontrar uma abertura nos rails. A estrutura moageira encontra-se próxima da estrada.

Moinho de rodízio. Paredes de alvenaria de pedra granítica em formato rectangular. Duas divisórias num só piso à cota do terreno natural. Dois casais de mós. Uma lareira. [A divisória mais pequena destinava-se a abrigar o jumento que transportava os cereais]. Telhado de uma água. O sistema de fornecimento de água era feito por levada que transportava a água aos cubos. Não temos conhecimento do seu proprietário.

Acesso fácil. Cerca de 830 metros do início da estrada municipal nº 632 que liga Marzagão a Linhares, encontra-se o moinho na proximidade da estrada.

Edifício em alvenaria, de pedra granítica, de formato rectangular com duas divisórias: uma destinava-se ao abrigo de um animal, a outra à moagem, onde ainda existe a lareira e uma tarimba para descanso do moleiro. Identificámos no mesmo espaço dois casais de mós. O telhado é de uma água. A água era canalizada para os dois cubos por uma estrutura de pedra, a tradicional levada. O proprietário Sr. Alberto Pereira, recebeu-o por herança de seu pai que foi moleiro e foi habitar o moinho quando casou. O atual dono nunca foi moleiro, tem memórias muito vagas do moinho trabalhar, há mais de sessenta anos. As pedras andadeiras, removeu-as para o quintal da casa de habitação da aldeia, disse-nos serem de origem francesa, servem de tampo a uma mesa improvisada. Na envolvente do moinho, faz hortas tal como no tempo do seu pai.

⁴ A descrição dos 5 moinhos segue o sentido de montante para jusante.

Acesso fácil. Cerca de 1141 metros do início da estrada municipal nº 632 que liga Marzagão a Linhares, encontra-se o moinho na proximidade da estrada.

Conjunto de duas estruturas molinheiras situadas em terreno de declive com ligação entre os edifícios de formato quadrangular. As paredes destes edifícios são em alvenaria de pedra granítica e telhados de uma só água e um piso. Em cada estrutura fixava-se um casal de mós. A primeira estrutura incluía duas divisões, uma para a moagem e outra para cómodo de algum animal. No exterior, em frente aos moinhos, encontra-se uma pia em granito que servia de bebedouro. A segunda estrutura também se destinava à moagem e tinha ligação com a primeira. A água, saída da loja do primeiro moinho, entrava por uma caleira em pedra e era conduzida até ao cubo do segundo moinho, havendo desta forma um aproveitamento da água. Estes dois edifícios estão destelhados e com muita vegetação no seu interior. Na envolvente, os campos são cultivados. A levada está destruída, não sendo possível fazer a sua reconstituição. Não soubemos quem é o proprietário.

Acesso fácil. Cerca de 1420 metros do início da estrada municipal nº 632 que liga Marzagão a Linhares, encontra-se o moinho na proximidade da estrada.

Edifício em alvenaria de pedra granítica, formato retangular com dois compartimentos. Na divisória destinada à moagem encontramos um casal de mós e uma lareira. As paredes interiores do edifício são rebocadas a barro vermelho. O telhado de uma só água. Conserva o cubo. A levada foi destruída para dar melhor acesso no cultivo dos campos da envolvente ao moinho.

Em consulta efetuada ao Tombo de propriedades do Morgadio da Senhora da Graça, no Arquivo Distrital de Bragança, da informação colhida, soube-se que foi emprazado a um casal da aldeia de Marzagão um moinho, consta na escritura de foro de 1684. Este confrontava com a ribeira de Linhares e com o caminho público, numa terra que chamavam o “pousadouro” e com um outro moinho. Pela toponímia, não identificamos quais os moinhos que a carta de emprazamento alude. No entanto, ficamos com o conhecimento que nesta data existiam moagens na ribeira de Marzagão.

- **Moinhos na Ribeira de Linhares**

Acesso fácil. Cerca de 1664 metros do início da estrada municipal nº 632 que liga Marzagão a Linhares, encontra-se o moinho na proximidade da estrada.

Edifício de formato quadrangular em granito, completamente derruído. É possível ver no seu interior o que resta de um casal de mós. Junto da parede no exterior encontra-se encostada uma mó andadeira muito gasta pelo uso. Não há vestígios do cubo nem da levada. Este moinho pela sua localização pertence à freguesia de Linhares. Na sua envolvente cresce muita vegetação.

A edição de 1982 da carta militar de Carrazeda de Ansiães, assinala três estruturas moageiras em ruínas, perto da confluência da ribeira da Lameira com a ribeira de Linhares, no lugar do Rodo. As estruturas assinaladas ficam a alguma distância da aldeia de Linhares, na margem esquerda da ribeira do mesmo nome, a bacia hidrográfica é no rio doutro.

Acesso mediano. O acesso para o moinho faz-se tomando a EM 633 direção Parambos – Linhares. Ao entrar na aldeia de Linhares, junto da estrada, virar à direita no primeiro caminho de terra. Percorrer cerca de 297m até ao primeiro cruzamento, virar à direita, caminhar cerca de 226m e ao encontrar o segundo cruzamento, seguir pela esquerda. Sempre a descer, percorrer 597m, passar a ponte de cimento até encontrar uma bifurcação. Aqui virar no caminho (estreito) à direita até ao moinho, são 310m.

O primeiro edifício de planta quadrangular com paredes de alvenaria em pedra granítica, com três divisórias, sem telhado. Apresenta um piso à cota do terreno natural onde se fixavam dois casais de mós. No cabouco do moinho apresenta duas lojas nas quais funcionavam dois rodízios. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água ao cubo. A represa era feita a jusante, no leito da ribeira.

A cerca de cinquenta metros do moinho anterior, apresenta-se outro edifício moageiro de planta quadrangular com paredes de alvenaria em pedra granítica, sem telhado. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água ao cubo. A represa era feita a jusante, no leito da ribeira. Não há acesso ao interior do moinho.

É possível observar o cubo de um outro moinho que, fica distante do anterior cerca de uns trinta metros. A estrutura que albergava a moagem está coberta por vegetação não sendo possível fazer uma leitura.

Em época recente, entre 1928 a 1943, encontra-se nos livros de registo de indústria do Município o pedido de concessão para alguns moinhos das freguesias de Linhares e Marzagão. Estes documentos informam-nos que os moinhos estiveram em atividade neste período, desconhecendo-se quando cessaram a laboração.

- **Moinhos na Ribeira do Frarigo**

Na proximidade da aldeia de Paradela, anexa da freguesia de Pombal, situam-se quatro moinhos na margem direita da ribeira do Frarigo. A existência de moinhos na ribeira do Frarigo já vem de longa data, e como memórias da sua permanência, temos os relatos do pároco de Amedo nas Memórias Paroquiais 1758. *“E também indo deste lugar do Amedo para o lugar das Arcas, se passa outro ribeiro a que chamam o ribeiro das Arcas o qual tem seu princípio nas concelheiras de Zedes e correndo de Nascente para*

o Poente se junta antes do sítio do Frarigo com o dito ribeiro Dama e assim nelles juntos se acham moinhos de moer pão centeio...” (Capela, J.V, 2007, p.344).

O acesso para este conjunto de moinhos fazia-se por caminho de terra, mas deixou de ser transitável desde que os moinhos deixaram de funcionar. O transporte dos cereais era feito em carroças e no dorso de animais. Temos informação que os moleiros que aqui trabalhavam iam buscar o grão a casa dos fregueses, de aldeia em aldeia. Noutros casos eram os fregueses que se deslocavam aos moinhos.

Acesso mediano. O caminho faz-se a partir do centro da aldeia de Paradela por um caminho de terra até ao cruzamento onde corre a ribeira são 896 m. Vira à direita por um caminho de terra com passagem de veículos motorizados, percorre 421m até junto do moinho.

Edifício bastante destruído. Construção em alvenaria de pedra granítica com planta rectangular. Ainda é visível a levada. O açude era feito no leito do ribeiro. A água era canalizada pela levada em terra, junto a uma parede, a cerca de 500 metros do moinho. Na envolvente do moinho existe um forno de secar figos, assim como vinhas e lameiros cultivados. Este moinho implantado no ribeiro do Frarigo é o mais distante da aldeia de Paradela. As Memórias Paroquiais de 1758 referem a existência de moinhos neste ribeiro, mas não informam da localização ou caracterização dos mesmos. Fomos informados por populares que pertence à família Lebre.

Acesso mediano. O caminho faz-se a partir do centro da aldeia de Paradela por um caminho de terra até ao cruzamento onde corre a ribeira são 896 m. Vira à direita por um caminho de terra com passagem de veículos motorizados, percorre 327m até junto do moinho.

Edifício e levada destruídos. Estrutura de alvenaria em pedra granítica com formato quadrangular. É perceptível o cubo. Pensamos que o seu dono ou o arrendatário, seja a pessoa que em 1929 tirou a concessão para moagem no município de Carrazeda dando o nome Manuel António Botas, no Lugar do Frarigo, num moinho com uma pedra. A data da concessão foi passada no mês de Novembro 1929 e foi anualmente pedida até 1936, como constam nos livros de registo para o comércio e indústria do Município de Carrazeda de Ansiães. A data da concessão foi passada no mês de Novembro 1929 e foi anualmente pedida até 1936, como constam nos livros de registo para o comércio e indústria do município de Carrazeda de Ansiães.

Acesso mediano. O caminho faz-se a partir do centro da aldeia de Paradela por um caminho de terra até ao cruzamento onde corre a ribeira são 896 m. Vira à direita por um caminho de terra com passagem de veículos motorizados, percorre 175m até junto do moinho.

Conjunto de dois edifícios, ambos de construção em alvenaria de pedra granítica. O edifício destinado à moagem está derruído, sem telhado, é de planta quadrangular. Uma parte da levada está conservada, assim como o cubo. O outro edifício, de planta

quadrangular, era habitação do moleiro e família, não sabemos se permanente. Com dois pisos e telhado de quatro águas. Está conservado. O dono deste moinho foi António Luiz Barata. Constan nos livros de registo de concessão para o comércio e indústria do município, que o mesmo pediu a concessão para uma moagem com duas pedras, no dia dois de janeiro de 1929. Este pediu anualmente a concessão até 1943 (faltam os registos dos anos 1941/42). Estes edifícios encontram-se envoltos em vegetação.

Acesso mediano. O caminho faz-se a partir do centro da aldeia de Paradela por um caminho de terra até ao cruzamento onde corre a ribeira são 896 m. O moinho situa-se antes do cruzamento, à direita.

Conjunto de vários edifícios em alvenaria de pedra granítica. A estrutura de moagem, de planta quadrangular, está completamente destruída, sem possibilidade de fazer uma leitura do seu interior. Está coberta de vegetação e do caminho ainda se vê a loja do moinho, vazia. O outro edifício que servia de habitação ao moleiro, de planta retangular e telhado de quatro águas, encontra-se conservado. Tem uma varanda em madeira pintada e janelas envidraçadas. Junto deste edifício existem ruínas de outras estruturas. A captação da água para a moagem era feita no ribeiro e encanada pela levada em pedra dentro de uma parede até ao cubo. Este situava-se junto da porta de acesso à moagem. O dono, moleiro António Augusto Rebelo, pediu a concessão para a indústria da moagem de duas pedras, em dois de janeiro de 1929. Sem registos para o ano 1941/2, encontramos-lo até 1943. Esta informação foi colhida nos livros de registo para o comércio e indústria no Arquivo da câmara municipal de Carrazeda de Ansiães.

- **Moinho do Ribeiro do Barrabáz**

Acesso fácil. Saindo da estrada municipal 314-1 em direção ao Pombal, vira-se à esquerda pela calçada romana. O moinho fica a 400m da estrada.

Edifício de planta quadrangular, em alvenaria de pedra granítica e porta em madeira. Telhado de uma água de telha canelada, bem conservado. No seu interior, bastante exíguo, ainda se encontra a mó fixa. Foi usado na sua construção uma grande pedra que se encontra no local, servindo esta de parede, e na qual se levantaram as restantes. Este moinho localiza-se perto da aldeia de Pombal. Muito bem implantado, próximo do moinho passam duas vias importantes: a estrada alcatroada e uma calçada que os populares apelidam de romana (esta é interior e de acesso mais direto à aldeia de Pombal). Foi-nos dito por habitantes mais idosos da aldeia que o moinho ainda trabalhou até aos anos sessenta. Os mesmos informaram que nas proximidades não há conhecimento de outro moinho. Nos registos de concessão de indústria aparece, em dois de janeiro 1929, um pedido para concessão de moagem em nome de José Sebastião. Não temos informação que nos permita saber se se trata do proprietário ou arrendatário do moinho. Este pedido foi renovado até 1943.

- **Moinho da Ribeira do Requeixo**

Acesso mediano. Saindo no nó da aldeia de Pinhal do Norte IC5, vira na EN 314-1 em direção à aldeia de Brunheda, a um quilómetro vira à direita para a EM 630 em direção Codeçais percorre 1200m, vira à direita até ao moinho.

Edifício de construção em alvenaria de pedra granítica, muito destruído. A edificação deste moinho de rodízio está situada num vale muito encaixado, alimentado por um ribeiro a que os populares dão o nome de Requeixo. O açude e a levada são inexistentes. Este moinho fica distante da aldeia de Codeçais e do lugar da Sentrilha.

- **Moinho do Ribeiro das Vinhas**

Acesso fácil. Tomar a EM 314-1 em direção a Brunheda. A partir do centro da aldeia continuar a estrada alcatroada em direção à antiga estação ferroviária da Brunheda. Este percurso é de 981m, de seguida virar à esquerda por um caminho de terra. A 30 metros desta entrada corre o ribeiro, na margem direita fica o moinho.

Edifício derruído. Estrutura em pedra granítica de planta quadrangular, crescem olmos no seu interior. Detetamos o cubo na parede da estrutura e da levada não há vestígios. Esta moagem de rodízio ficava muito próximo da aldeia de Brunheda. O atual proprietário informou não ter memória deste funcionar, tendo adquirido o moinho por herança. O ribeiro a que chamam das vinhas seca no verão. Com as obras na estrada ficou isolado, sem acesso ao mesmo.

- **Moinho do Ribeiro da Moreirinha**

Sem acessos. Este moinho fica no ribeiro da Barroca à direita da EM 314-1 em direção à estação ferroviária de Brunheda.

Há vestígios de uma construção molinheira. Os locais dizem ter sido um moinho de rodízio e que funcionou até aos anos sessenta. Acrescentaram que nesta moagem se farinavam cereais e outros grãos: fava e lentilha para engrossar a comida dos animais. Está situado no ribeiro da Barroca, totalmente derruído e coberto pela vegetação. Com as plantações de vinhas em patamares, o acesso ao local ficou barrado.

- **Moinhos do Ribeiro do Couto**
- **Moinhos de Moinhos**

O ribeiro do Couto, corre de inverno numa fenda rochosa nos arrabaldes da aldeia de Vilarinho da Castanheira. No lugar dos “Moinhos”, numa extensão de aproximadamente 500m ao longo do ribeiro, laboraram um núcleo de dez moinhos, há mais de cinquenta anos. Para aqui, se mudava parte da população da aldeia durante os meses de inverno quando o tempo atmosférico permitia pluviosidade suficiente para acionar simultaneamente vários casais de mós. A farinha destinava-se ao consumo da população da aldeia e dos arredores. Deste núcleo de dez moinhos, a Junta de Freguesia de Vilarinho da Castanheira adquiriu dois e recuperou-os. Tentaram reproduzir a construção primitiva⁵.

Acesso mediano. Segue a EN 324 e antes de chegar à aldeia de Vilarinho da Castanheira virar à esquerda no cruzamento em direção à Lousa. Após percorrer 2340m, virar à direita e tomar o caminho em terra em direção aos moinhos. Pelo caminho encontra-se placas de sinalização para os moinhos. O percurso entre o caminho de terra e os moinhos é de 1345m.

Estrutura de construção em alvenaria de pedra granítica, de planta retangular. Telhado de duas águas conservado, uma porta. Tem no seu interior um conjunto de casal de mós e acima destas tem a tremonha. No exterior, na loja do moinho, podemos observar o rodízio completo, o cubo e a levada em alvenaria. Local com muito arvoredos.

Estrutura de construção em alvenaria de pedra granítica, de planta retangular. Tem telhado de duas águas e uma porta, uma pequena janela para dar claridade junto do casal de mós. O interior do edifício está rebocado com barro vermelho. Tem uma lareira. Tem suspensa a tremonha. No exterior, na loja do moinho, podemos observar o rodízio e a focinheira pela qual saía a água que o fazia girar. Apresenta o cubo e a levada da água em patamar de terra. Existe em frente ao moinho outro edifício de uma água, servia este como abrigo a um animal.

Formado por duas estruturas derruídas. Estas construções são em alvenaria de pedra granítica. Numa funcionava a moagem e a outra servia de habitação ou arrumos. Foram construídas em cima de rochas. O cubo, intacto, é de forma quadrangular e na sua direção estão tombadas algumas pedras que faziam parte da levada. Pela destruição em que se encontram os edifícios foi impossível perceber quantas mós laboravam.

Estrutura em alvenaria de pedra granítica e planta retangular, muito destruído. Do cimo da parede fizemos a leitura do interior, percebemos que funcionou um casal de mós. O edifício está destelhado, não sendo possível perceber de quantas águas era a sua construção. No exterior e junto à parede está o cubo e parte da levada. A água vinha do moinho de cima e entrava na levada deste.

⁵ Na descrição deste conjunto de moinhos não se especificou o acesso a cada um já que eles se encontram muito próximos uns dos outros.

Estrutura de planta retangular em alvenaria de pedra de granito, muito destruído. Tem duas divisórias. Esta estrutura está destelhada e com vegetação em redor. Do cimo dos cubos, observamos o interior e vimos dois casais de mós, também elas tombadas nos escombros da loja do moinho. A levada já não existe.

Estrutura de planta retangular em alvenaria de pedra granítica com duas divisórias. Sem telhado. Vêem-se nos escombros dois casais de mós. Tem o cubo em pedra de forma quadrangular e parte da levada.

Edifício muito derruído. Estrutura de construção em alvenaria de pedra granítica, de forma rectangular e com duas divisórias. Sem telhado. A divisória onde assentava um casal de mós ruiu para a loja do moinho. Na outra divisória vemos na parede um forno de cozer pão ainda com ombreiras e padieira em granito, conservado. O interior deste é em forma cónica e usaram na sua construção pedaços de telha. Tem por cima do forno uma pala de pedra. No exterior, o cubo encontra-se bastante danificado e não se vê a levada.

Estrutura em alvenaria de pedra granítica completamente destruída. O que identifica esta estrutura como sendo um moinho é o cubo, no amontoado de pedras. Não se vê a levada.

Estrutura em alvenaria de pedra granítica, de planta quadrangular, sem telhado. O açude deste moinho foi construído numa parte da ribeira onde foi possível concentrar a água que através da levada, também destruída, levava a água aos cubos. Estes eram dois a par, um de forma cilíndrica e outro quadrangular, ambos em granito. Deduzimos que esta moagem tivesse dois casais de mós, pelo facto de ter dois cubos.

Estrutura de planta retangular, em alvenaria de pedra granítica. Este moinho está destelhado, tem uma porta e um cabanal à entrada. Do cimo da parede do moinho vimos no seu interior um casal de mós e uma janela de parede que dá para o ribeiro. Este é o último moinho deste núcleo de dez. Neste local onde está implantado o moinho o ribeiro concentra muita água no leito. No exterior, tem o cubo de forma quadrangular, em granito, não sendo possível perceber a levada. Na envolvente ao moinho as terras são cultivadas, tem um poço de água para rega.

Como nota final, resta dizer que alguns destes moinhos e fornos tiveram concessão para a indústria no período que abrange 1929 e 1943. A 1ª edição da carta militar de Carrazeda, assinala seis moagens.

- **Moinhos do Ribeiro do Graíl**

Acesso mediano. Saindo do centro da aldeia da Beiragrande a sul, pela EM 632-3, percorre-se 600m e vira-se na segunda entrada à direita. Esta entrada dá acesso a um

caminho de terra que nos leva até ao moinho, o que perfaz um total de 750m. Este trajeto pode ser percorrido, em parte, de carro, o restante caminho faz-se a pé.

No lugar dos Pontões encontra-se um edifício de moagem derruído. Estrutura em alvenaria de pedra granítica, de formato quadrangular. Sem telhado, este era de uma só água. No interior restam os vestígios de terem funcionado dois casais de mós. No exterior, junto da parede do moinho ficam os dois cubos em formato quadrangular e parte da levada; esta trazia a água de um açude feito na ribeira num ponto mais alto, com desnível necessário para que a água viesse alimentar o moinho. O proprietário do moinho é Manuel Pinto.

Acesso mediano. Saindo do centro da aldeia da Beiragrande a sul, pela EM 632-3, percorre-se 600m e vira-se na segunda entrada à direita. Esta entrada dá acesso a um caminho de terra que nos leva até ao moinho, o que perfaz um total de 600m. Este trajeto pode ser percorrido, em parte, de carro, o restante caminho faz-se a pé.

No lugar dos Pontões existe uma estrutura de planta retangular em alvenaria de pedra granítica. Está destelhado, foi de duas águas. Tem uma porta, dois armários de parede no seu interior. No meio dos escombros vêem-se dois casais de mós e uma coluna ao alto no centro do edifício, presume-se que servia para assentar a estrutura do telhado. No exterior do edifício estão os cubos num plano superior. A levada está destruída e imperceptível. Nas lojas do moinho funcionavam dois aparelhos motores, os rodízios. A água que daí saía seguia para o ribeiro, que corria junto do moinho. O moleiro que explorou o moinho foi o Sr. Fiel Araújo, já falecido.

Acesso mediano. Saindo do centro da aldeia da Beiragrande a sul, pela EM 632-3, percorre-se 600m e vira-se na segunda entrada à direita. Esta entrada dá acesso a um caminho de terra que nos leva até ao moinho, o que perfaz um total de 750m. Este trajeto pode ser percorrido, em parte, de carro, o restante caminho faz-se a pé.

No lugar da Ponte da vila encontramos uma estrutura de planta retangular em alvenaria de pedra granítica, na margem esquerda do ribeiro. Tem o telhado de uma água, conservado. Tem uma porta, na padieira tem gravado no granito o ano de 1764, e nas ombreiras tem uns desenhos que identificamos com o dono do moinho, que nos informou serem uns signos “Simão”. No interior do moinho conserva as duas pedras, uma alveira e outra negreira em granito. Conserva o local da lareira, na parede onde esta se situava ainda há vestígios negros do fumo provocado pelas lenhas aqui queimadas. A tremonha a um canto, em madeira e comida pelo bicho, quase se desfaz quando tocada. Na parede junto da porta, num ferro cravado na parede pendem as argolas que apertavam na engrenagem do aparelho motor. O espaço onde existiu uma cama está ocupado com feno. No exterior, a loja do moinho está vazia. A levada, alimentada pelo açude feito no leito do ribeiro, está destruída. Esta ainda ficava distante do moinho, foi construída num patamar oblíquo até aos cubos, em granito e de forma quadrangular. A alguns metros do moinho, junto de uma parede foi feita uma construção muito tosca, tem um pio em pedra, era aqui que recolhiam o cavalo. Neste local encontramos peças soltas do rodízio, as penas. Clarimundo António Araújo, filho e neto de moleiro herdara

o moinho depois de seu pai falecer, é filho único. Foi o último moleiro a trabalhar na aldeia e no moinho, este ficou inativo desde 1966, quando partiu como emigrante para a Alemanha. Recorda que este moinho só tinha uma pedra e que para ser mais rentável, ele e o pai, transferiram um cubo de um moinho que ficava a montante deste por estar inativo e pertencer a uns familiares com quem negociaram a compra do mesmo. Lembrou que, o pai dele ainda tinha umas “sortes” no dito moinho e que por isso o negócio foi facilitado. Com dois cubos e duas pedras, moíam centeio, trigo, aveia e “algarrobas”. Na pedra do trigo não moíam outros cereais. O senhor Clarimundo passou a explicar como trabalhava o moinho: deu nome a cada peça da engrenagem e como funcionava; falou de cereais, de farinha e de quantidades produzidas e da maquia tirada por alqueire. Lembrou de tempos difíceis, do inverno e de constipações apanhadas no moinho, do transporte dos cereais e dos fregueses das aldeias; da reparação da engrenagem e do trabalho de moleiro, no moinho e no campo.

No lugar do Seixo dos Corvos, na margem esquerda da ribeira do Síbio, hidronímia da ribeira neste lugar, a jusante do anterior moinho, fica o moinho do Sr. Pombinho. O Sr. António Costa, “o Brasileiro”, natural da Beiragrande, foi o nosso guia no percurso ao Seixo dos Corvos, pela falta de acessos não foi possível chegar ao moinho. Do local até onde foi possível chegar, vêem-se ao longe umas estruturas caiadas de branco, apontou ser esse o local de implantação do moinho.

- **Moinhos da Ribeira das Lages**

Na aldeia de Pereiros, na ribeira das Lages existiram cinco moagens. Das informações colhidas junto dos habitantes mais idosos da aldeia, disseram não ter memória do seu funcionamento. O Sr. César Augusto Felgueiras, natural de Pereiros foi o nosso guia improvisado até aos moinhos, por terrenos declivosos e acidentados, deu indicação dos proprietários de todas as moagens e da toponímia onde estas se situam. Não conseguimos fazer a ficha de campo de três moagens, os acessos até junto das mesmas são impraticáveis, devido à vegetação que cresce espontaneamente em seu redor, e ao longo dos caminhos. Das cinco moagens, apenas identificamos duas estruturas que passamos a descrever.

Acesso fácil. Do centro da aldeia tomar a direção da igreja, rumo à ponte das Olgas, até encontrar um caminho à esquerda a 386m findo. Deste caminho ao moinho são 400m.

Casa de moinho destruída no lugar dos Moinhos. De planta retangular em alvenaria de pedra granítica, com três divisórias, sem telhado. No seu interior não existem vestígios de pedras de moagem. A loja do moinho está vazia de qualquer engrenagem. O açude era no leito da ribeira, este foi construído em terra e pedra e percorre uma grande extensão. O edifício é propriedade da família de Joaquim Alves Moreira.

Acesso difícil. Do centro da aldeia tomar a direção da igreja, rumo à ponte das Olgas, até encontrar uma bifurcação a 819m. Seguir o trilho da esquerda e voltar a virar à esquerda a 350m. Deste caminho ao moinho são 150m.

O moinho no lugar dos Alvarianos, é um edifício de planta quadrangular e paredes em alvenaria em pedra granítica. Na sua edificação aproveitaram uma rocha, que em parte serviu de parede ao edifício. Tem o telhado de uma água, conservado. Junto à porta encontra-se gravado na parede a data 1933, não sabemos se é o ano de construção do edifício. No interior do moinho ainda se observa o casal de mós. Da levada não foi possível fazer leitura, está destruída. O cubo, encostado ao moinho, está encaixado na parede, muito oblíquo. O represamento da água era feito a montante no ribeiro. O proprietário é José Frade.

- **Moinhos da Ribeira da Osseira**

É do conhecimento dos habitantes da aldeia do Seixo, que na ribeira da Osseira existiram três moinhos, deste conjunto restam dois. Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco da freguesia, redator do inquérito das Memórias dá informação que nesta ribeira havia doze moinhos e dois pisões. Como não informa do local da sua implantação, sondamos os habitantes locais sobre os mesmos, que responderam, desconhecerem as construções.

Foi na aldeia do Seixo de Ansiães com a ajuda de um conhecedor do terreno, o Sr. João Fontes, que iniciamos o percurso nas margens do Ribeiro da Osseira até ao rio Douro. O percurso pelas margens da ribeira é de difícil acesso. A densa vegetação num vale muito encaixado, dificulta o percurso, assim como o abandono em que se encontram os patamares antes cultivados, nas margens desta linha de água. Sobem pelas oliveiras silvas e outras trepadeiras, crescem giestas, caem muros. Ao longo da ribeira adensam-se olmos e choupos e outras árvores. Neste local impera um microclima – calor e humidade, propiciando o crescimento de abundante flora que desconhecemos as espécies.

Saindo da aldeia do Seixo de Ansiães em direção à Senhora da Ribeira que fica a sul. Virar no primeiro caminho de terra à esquerda. Este percurso é muito difícil pelo zigzague de caminhos e cruzamentos entre os vinhedos. O trajeto até ao primeiro moinho é de 4808m.

O Moinho da Presa Má, o primeiro que inventariamos, está em ruínas. Estrutura de formato retangular em alvenaria de pedra granítica, com duas divisórias, já sem telhado. No interior contámos dois casais de mós. No exterior estão os dois cubos, a levada não a identificámos. O moinho pertence à família Cordeiro do Seixo.

Acesso difícil e longo. Saindo da aldeia do Seixo de Ansiães em direção à Senhora da Ribeira que fica a sul. Virar no primeiro caminho de terra à esquerda. Este percurso é muito difícil pelo zigzague de caminhos e cruzamentos entre os vinhedos. Até chegar ao moinho o percurso é de 8159m.

O Moinho Novo, edifício de planta quadrangular de duas divisórias com paredes em alvenaria de pedra granítica. Telhado de uma água. Apresenta um piso à cota do terreno natural onde se fixavam dois casais de mós. No cabouco do moinho tem duas lojas, vazias. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada, que não identificámos. Apresenta o cubo. Neste moinho foi moleiro Luís Eduardo Nunes, tem 96 anos e vive na aldeia do Seixo de Ansiães. A moagem teve concessão industrial entre 1929 e 1943, uns anos depois o moleiro imigrou para o Brasil, ficando a moagem inativa. Esta informação foi prestada pelo filho, o nosso guia neste percurso. O moinho está situado na margem direita da ribeira. O moinho é propriedade dos sobrinhos do antigo moleiro.

- **Moinhos da Ribeira da Fontelonga**

Acesso difícil. Do centro da aldeia tomar a direção oeste pelo caminho alcatroado até encontrar uma rotunda com quatro saídas. Virar na terceira à direita por um caminho de terra. Até ao moinho o percurso pode ser feito de carro, são 1852m

No lugar dos Temões, situa-se na ribeira de Fontelonga na margem direita. O edifício de moagem é de planta retangular com paredes de alvenaria em pedra granítica, uma divisória, com telhado de uma água. Apresenta o piso à cota do terreno natural onde se fixavam dois casais de mós. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água ao cubo. Faz parte outro edifício de planta retangular em granito com telhado, onde o dono disse ter servido para guardar cereais. A levada é inexistente, o cubo está conservado.

No arrolamento de propriedades do morgadio da Senhora da Graça, este possuía na Fontelonga em 1683, um casal muito grande, estava disperso entre casas de habitação e terrenos agrícolas no lugar dos Temões, no qual referem existir um moinho. Descrevem, terras essencialmente de cereal, lameiros, pouca vinha, mas muitos castanheiros. Era um prazo de vida e pagava o foreiro, anualmente, 30 alqueires de centeio. Não sabemos se se trata do mesmo moinho, que identificamos no lugar “Temões”. Ao longo da ribeira, no lugar dos Temões não encontramos outro moinho.

- **Moinho da Ribeira da Pena Fria**

Acesso difícil. Do centro da aldeia tomar a direção oeste pelo caminho alcatroado, até encontrar uma rotunda com quatro saídas. Virar na terceira à direita por um caminho de terra. Até ao moinho o percurso pode ser feito de carro, são 2683m.

No lugar do Ribeiral, freguesia de Fontelonga corre a ribeira da Penafria. Na margem direita está implantado um moinho muito derruído. Edifício de planta semicircular, de

construção em alvenaria de pedra granítica. Não tem telhado e parte das paredes estão tombadas. Apresenta o cubo num plano superior, da levada não há vestígios.

- **Moinhos da Ribeira da Regada**

Na ribeira da Regada. Deparamo-nos com um conjunto de quatro moagens, num local em que a ribeira corre em leito pouco profundo de grandes penedias graníticas. Acompanhou-nos neste trabalho de campo a D^a Arminda Nascimento da aldeia das Areias, de 70 anos. Levou-nos aos moinhos, descreveu os lugares pela toponímia e hidronímia, assim como nos forneceu o nome dos proprietários dos mesmos.

Acesso mediano. Na rotunda perto da zona industrial em Carrazeda de Ansiães, seguir pela EM 631 em direção à aldeia das Areias, virar à direita por baixo da ponte, são 3694m. Tomar um caminho de terra que vai dar aos moinhos, são mais 1080m. Este percurso pode ser feito de carro.

Estrutura de planta quadrangular, no lugar da Carva, em alvenaria de pedra granítica. Foi alvo de obras recentes no telhado. Tem uma placa em cimento de uma água, duas portas e três seteiras nas paredes para iluminação do interior. No cabouco do moinho tem duas lojas vazias. A levada curva em pedra de granito, tem uma altura de quase dois metros. O cubo quase na vertical, em forma quadrangular e de granito, recebe a água da levada. O açude era feito no leito da ribeira. Este moinho está desativado, nele funcionaram dois casais de mós. Este moinho está desativado, pertence à família Martins das Areias.

Edifício de planta retangular, situado no lugar da Secaperna, em alvenaria de pedra granítica, com uma divisória. Na parede do edifício existe uma seteira. Está destelhado, tem uma porta. No seu interior encontramos nos escombros dois casais de mós. No exterior estão assentes dois cubos. Da levada não há vestígios. Na envolvente do moinho proliferam lameiros nos quais apascentam gado. Pertence ao Sr. Antero das Areias.

No lugar da Secaperna, está instalado na margem direita da ribeira um edifício de moinho de formato retangular em alvenaria de pedra granítica, com duas divisórias. Sem telhado. No exterior do edifício vê-se a loja do moinho. Esta estrutura apresenta um cubo, no seu interior crescem árvores. Não percebemos quantas pedras de moagem funcionavam. A água entrava na levada depois de alimentar o moinho que ficava acima deste. Um moinho em ruínas. Pertence à família Oliveira.

Também na Secaperna e a seguir ao moinho de cima, na margem direita da ribeira está o moinho de Francisco Bernardo da aldeia de Zedes. Edifício de planta retangular em alvenaria de pedra granítica. Está sem telhado, tem uma porta lateral. Implantado na margem direita da ribeira, era alimentado pela levada, desta não há vestígios. O cubo está conservado. Funcionava com um casal de mós.

Acesso mediano. Na rotunda perto da zona industrial em Carrazeda de Ansiães seguir pela EM 631 em direção à aldeia das Areias, seguir em frente a 3784m virar à esquerda. Tomar um caminho de terra que vai dar ao moinho que fica distante da estrada 206m. Este percurso pode ser feito de carro.

Edifício de planta retangular com paredes de alvenaria de pedra granítica, com uma divisória, sem telhado. Apresenta um piso à cota do terreno natural onde se fixavam dois casais de mós. O sistema de fornecimento de água, baseava-se na tradicional levada que transportava a água aos cubos. A levada com mais de cinquenta metros de comprimento alimentava o moinho, foi em parte destruída com as obras da estrada. Não sabemos situar o açude. Este antigo moinho está próximo da estrada e na sua envolvente tem um enorme prado, no qual fazem de verão fardos de fenos para alimentação de gado. É proprietário do moinho, João Sousa da aldeia das Areias.

O moinho no lugar da Sotinha, fica na margem esquerda da ribeira da Regada, laborou em tempos com uma só pedra. Pela falta de acessos não o visitamos. Deste moinho falou-nos D^a Arminda Nascimento, disse estar desativado há mais de cinquenta anos. O proprietário, José Joaquim Lopes era o moleiro. Os incêndios de verão, neste local, têm contribuído para a degradação do edifício.

• **Moinhos da Ribeira das Tábuas**

Na povoação de Pinhal do Douro, situavam-se na margem da Ribeira das Tábuas quatro moinhos de rodízio. Estas moagens farinavam os cereais dos fregueses do Pinhal do Douro e das aldeias próximas. O transporte dos cereais, estava a cargo dos moleiros, que no dorso de burros e cavalos o levavam para os moinhos, através dos íngremes e estreitos carreiros de terra. Outras vezes, o cliente deslocava-se ao moinho transportando o cereal, e de regresso levava a farinha. O Sr. Alfredo Nogueira de 70 anos, habitante do Pinhal do Douro, fez a visita connosco aos moinhos.

Acesso fácil. Sair do centro da aldeia de Vilarinho da Castanheira em direção a Pinhal do Douro pela EM 624, fazendo um percurso de 2454m. Virar à direita por um caminho de terra com acesso pedonal até ao moinho são cerca de 626m.

O moinho da ribeira das Tábuas é um edifício de planta retangular em alvenaria de pedra granítica. Com três divisórias, numa delas estava instalada a moagem. Funcionava com dois casais de mós. O edifício está muito destruído, sem telhado e com muita vegetação no seu interior. O cubo está imperceptível devido á derrocada das paredes, assim como a levada. Esta estrutura era habitação permanente e moagem. Este moinho fica entre duas aldeias. O moinho é da família Correia.

Acesso mediano. Saindo do centro da aldeia de Pinhal do Douro em direção a Vilarinho da Castanheira pela EM 624, percorrer cerca de 545m. Virar à esquerda na segunda

entrada por um caminho de terra, daqui até ao moinho são 565m com acesso pedonal público.

O moinho do Poço Grande é um edifício de planta retangular, em alvenaria de pedra granítica. Telhado de uma água, conservado. Apresenta um piso à cota natural onde estão fixas duas mós. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água aos cubos. Ainda conserva os dois rodízios. Ainda conserva os dois rodízios. A levada está destruída. O açude era feito na ribeira, acima do moinho, onde dava ponto.

Esta moagem está situada na margem esquerda da ribeira das Tábuas. É propriedade de Miguel Rabaçal. O seu avô, Norberto Gordinho, já falecido, era o dono e moleiro da moagem. O atual dono, informou-nos que não tem memórias do moinho funcionar, disse que o avô fora pai de catorze filhos, dos quais, onze vivos. Que dividia o tempo no campo e na moagem. Na aldeia tinha a habitação permanente com um forno de cozer pão. Este moinho está desativado há mais de cinquenta anos. Norberto Gordinho, o moleiro, pediu anualmente a concessão para a indústria desde 1929 a 1943.

Acesso difícil. Tomar a EM 624 a partir do centro da aldeia de Pinhal do Douro em direção a Vilarinho da Castanheira é cerca de 545m. Virar à esquerda na segunda entrada por um caminho de terra com acesso pedonal público. O percurso até ao moinho é de 836m.

Edifício de planta quadrangular, em alvenaria de pedra granítica. Telhado de uma água, derruído. Apresenta um piso à cota natural. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água ao cubo. A levada está imperceptível. Existe um outro edifício, está conservado.

O moinho da Pereira está implantado na margem esquerda da ribeira, destruído. A planta é quadrangular em alvenaria pedra granítica, sem telhado. Trabalhava com uma mó. A captação da água era feita no leito da ribeira acima do moinho. A uns metros acima deste, há uma estrutura de planta retangular que servia de habitação ao moleiro, tem telhado e uma porta em madeira. Na envolvente ao moinho há terrenos agrícolas. A proprietária do moinho é Serafina Meireles Rei.

Acesso difícil. Tomar a EM 624 a partir do centro da aldeia de Pinhal do Douro em direção a Vilarinho da Castanheira, são cerca de 75m. Virar à esquerda no primeiro caminho de terra. Depois de 3270m sempre a descer, entrar num segundo caminho pedonal e virar à direita, são cerca 827m até ao moinho.

O moinho da Galega é um edifício de planta quadrangular, em alvenaria de pedra granítica. Telhado de uma água, conservado. Apresenta um piso à cota natural onde está fixa um casal de mós. O sistema de fornecimento de água baseava-se na tradicional levada que transportava a água ao cubo. Apoiada na estrutura, construíram uma parede para que a água ao sair da loja do moinho não corresse livremente e inundasse os

campos onde faziam as hortas. O açude era feito na ribeira, esta é formada por grandes concavidades rochosas onde era represada a água. A levada conduzida através de uma parede, levava a água ao cubo. Cândido Gordinho, proprietário do moinho, é filho do moleiro do moinho do Poço Grande. A moagem está desativada há muitos anos.

- **Moinho do Ribeiro do Moinho**

No ribeiro do Moinho, na freguesia de Belver está implantada ao ribeiro uma moagem de rodízio. No moinho do ribeiro do Moinho, recorda Manuel António Fernandes, de 88 anos habitante da aldeia, estar desativado há mais de 70 anos. A Junta de Freguesia de Belver, adquiriu por compra este imóvel que deseja recuperar.

Acesso fácil. À saída de Carrazeda de Ansiães em direção a Vila Flor pela EN 214 percorre-se cerca de 1250m. Virar à direita na EM 627 para Belver, em estrada alcatroada pelo centro da aldeia até à igreja paroquial de Belver, são 1400m. Voltar à esquerda por um caminho de terra até ao moinho são 80m.

O moinho do ribeiro do Moinho é um edifício de planta quadrangular em alvenaria de pedra granítica, com telhado de uma só água, conservado. Tem uma porta, virada a norte, coberta de vegetação. A sul, na parede do edifício, do lado do ribeiro tem uma seteira para dar iluminação ao interior e por baixo desta fica a loja do moinho, vazia. Trabalhava com um casal de mós. Perto do moinho existe um tanque de lavar no próprio leito do ribeiro. O açude onde represavam a água era feito no leito do ribeiro a alguma distância do moinho, em terreno com desnível. A água era transportada por uma levada de terra junto a uma parede, que por sua vez entrava numa outra levada em pedra de granito. Esta segunda levada era construída em cima de uma parede que conduzia a água ao cubo. Este fica situado junto da porta do moinho.

- **Moinho do Ribeiro Dama**

O moinho da aldeia do Amedo, fica situado no centro do povoado, num pequeno terreno do lado de baixo da estrada, na rua da Escola Primária. Corre o ribeiro Dama à direita do edifício da escola onde se situava o açude. Encanada por baixo da estrada, a água, continua o percurso à qual se junta a água de um regato, engrossando este que alimentava o moinho na margem esquerda do Dama.

Acesso mediano. Na rotunda junto à zona industrial de Carrazeda de Ansiães, tomar a direção da aldeia do Amedo pela EM 631 e percorre-se cerca de 500m. Virar à esquerda no CM 1136 para Amedo, seguindo o percurso até ao centro da aldeia, 1375m por estrada alcatroada. Chegados à rua da escola primária, continuar a estrada durante cerca de 200m. O moinho fica junto do ribeiro do lado de baixo da estrada, em frente à escola a 25 metros.

Edifício de construção em alvenaria de pedra granítica, com telhado de uma água de telha canelada, conservado. A porta e a loja do moinho não se vêem com a vegetação. O moinho fica situado no centro do povoado. Corre o ribeiro Dama à direita do edifício da escola onde se situava o açude. Encanada por baixo da estrada, a água continua o percurso à qual se junta a água de outro ribeiro, engrossando este que alimentava o moinho na margem esquerda. Na parede está construída a levada e o cubo em pedra. Lembram os habitantes e vizinhos do moinho que este deixou de funcionar como moagem há mais de oitenta anos. Há uns anos atrás, vinham habitar o moinho os pobres da aldeia que não tinham abrigo.

- **Moinho da Ribeira da Lameira**

A edição de 1982 da carta militar do concelho de Carrazeda, assinala esta moagem no lugar dos moinhos na margem esquerda da ribeira da Lameira. Não conseguimos saber há quanto tempo deixou de funcionar o moinho. O atual proprietário é Elísio Pereira da aldeia de Misquel.

Acesso fácil. Tomar a EM 633, no lugar de São Pedro, aldeia de Parambos, e seguir a estrada em direção à aldeia de Linhares. Depois de passar a ponte, continuando pela EM 633, percorrer cerca de 800m até encontrar um caminho à direita junto de um pinhal. Desse caminho até ao moinho são 120m.

No lugar dos Moinhos, na margem esquerda da ribeira da Lameira, existe um edifício de moagem de planta retangular, de construção de alvenaria em pedra granítica, com duas divisórias e duas portas. Telhado de uma só água destruído. Apresenta um piso térreo à cota do terreno natural. Tem um cubo. A levada está destruída, a loja do moinho está coberta de vegetação. No afloramento rochoso, em frente ao edifício, tem embutido na parede um pequeno forno. Não foi possível saber quantas mós trabalhavam no moinho pelo facto de não termos acesso ao interior.

- **Moinho da ribeira de Ribalonga**

Situava-se na margem esquerda da ribeira de Ribalonga – freguesia de Ribalonga um pequeno moinho do qual não há vestígios. Aqui, vinham os habitantes da aldeia moer os cereais, é a única linha de água que passa próximo da aldeia. Esta ribeira, seca no verão. Tem como bacia hidrográfica o rio Douro.

- **Moinhos da Ribeira Grande**

Na freguesia de Castanheiro, informou-nos a D^a. Maria Evaristo de 74 anos, natural da freguesia de Castanheiro, que nos lugares da Montã e dos Moinhos corre a Ribeira Grande. Que tem memórias de quando era nova e trabalhava nos campos, ver os vestígios de moagens, uma em cada lugar que mencionou. Hoje, alguns destes terrenos estão abandonados, e dos moinhos nada existe.

Nos registos de licenças passadas para a Indústria de moagem, que se encontram no Arquivo Municipal. Encontramos um pedido de concessão para uma azenha a motor na aldeia de Castanheiro, no ano de 1939, a licença foi passada a António José dos Santos.

- **Moinhos da Ribeira da Cabreira**

No limite da freguesia de Mogo de Malta, corre a ribeira da Cabreira a oeste. Informou-nos o Sr. Jorge Trigo, Presidente de Junta da Freguesia que, funcionaram há muito, três estruturas de moagem ao longo da ribeira, informações colhidas junto de habitantes mais idosos da aldeia. Esta linha de água é muito pequena e seca no verão.

Disse também, que a Cabreira, tem muitas parcelas de terra abandonadas, e por este motivo este local é pouco frequentado. É local de floresta, pouco se cultiva neste vale muito agreste. Os acessos às moagens estão inacessíveis pelo arvoredo que barrou os caminhos. Existe um caminho de terra que ainda é transitável mas, não para os ditos moinhos. Corroborou que, os caçadores há alguns anos atrás falavam nas ruínas das moagens, e que desconhece o lugar de implantação das mesmas. O lugar da Cabreira com as moagens, são hoje um lugar de memória dos mais idosos, aqui vinham farinar os cereais que colhiam nas proximidades da aldeia.

1.3 Moinhos de água de roda vertical – As Azenhas

O moinho de roda vertical, é conhecido em Portugal por azenha devido a esta palavra ter origem árabe – acenia ou azenha, em apoio da razão linguística, segundo os autores do livro Sistemas de Moagem (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.80). Terá sido introduzido no sul do país, onde os árabes permaneceram por um período mais longo, sendo utilizado na vida rural, na qual deixaram muitas marcas. Embora esta teoria careça de fundamentação, são unânimes ao afirmarem que a sua generalização se deve a partir do domínio árabe.

Os moinhos de roda vertical, as azenhas, apresentam-se sob dois tipos: *de propulsão superior ou de copos, copeiras ou de queda, e propulsão inferior ou média, ou azenhas de palhetas, de rio ou de corrente* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.169).

As azenhas de propulsão superior ou de queda, são aquelas em que a roda recebe a água que cai de um nível superior, através de uma caleira em pedra ou madeira que a faz girar. Este volume de água é normalmente pequeno, é o aproveitamento das águas de ribeiro de montanha em que o desnível acentuado do terreno permite a instalação deste tipo de moagem. Quando se verifica a necessidade de parar o engenho, este tem um mecanismo para desviar a água que cai sobre a roda, o *pejadouro* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.170). A caleira, em madeira, é manobrável de dentro do moinho. Nestas azenhas, a roda move uma só mó devido ao caudal de água não ser abundante, principalmente no verão. As azenhas de propulsão inferior, de palhetas de rio ou de corrente, estão instaladas nas margens de rios com alguma dimensão ou no meio dos mesmos, em pequenas ilhas. A roda está situada para que a água corra sob ela, fazendo-a girar. A água do rio corre em declive não muito acentuado mas, com volume fortíssimo, próprio de rios importantes. No rio Douro, no limite do concelho de Carrazeda, existiram azenhas instaladas no meio do rio, já não observáveis, pois ficaram submersas aquando da construção da hidroelétrica da Valeira. Temos conhecimento deste património através das cartas militares que as identificam, na 1ª edição 1945 da Carta Militar de 1/25000, do Concelho de Carrazeda de Ansiães.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, os párocos das freguesias de Ansiães e Castanheiro, Linhares, Marzagão, Pinhal do Norte, Pombal e Vilarinho da Castanheira (Capela, J.V, 2007, pp. 347, 356, 363, 368, 370, 377), referem a existência das azenhas nos rios que delimitam o concelho, ao mesmo tempo que referem os moinhos dos ribeiros, prova que, ao tempo, entendiam ser importante fazer a distinção entre moinhos e azenhas. Os moinhos instalados nos ribeiros que secavam durante o verão, apenas trabalhavam no inverno, enquanto as azenhas implantadas nas margens dos rios Douro e Tua podiam laborar todo o ano.

Esta tipologia de moagem é mais eficiente, instalada onde a força motriz provocada pela correnteza das águas dá mais impulso à roda fazendo-a girar a grande velocidade que, por sua vez aciona a engrenagem que dentro da azenha transforma uma quantidade maior de cereal em comparação com os moinhos de rodízio.

1.3.1 Azenhas do rio Tua

No leito do rio era formado o açude, construção feita com as pedras do próprio rio que concentrava um enorme volume de água e a desviava para um canal em pedra, a gola. No verão, quando o nível de água desce é possível fazer a travessia de uma à outra margem através deste muro de pedra, o açude. Quando a azenha está a meio do rio este serve de acesso. As azenhas do rio podem ser permanentes ou temporárias.

No rio Tua foram identificadas três azenhas, dispostas no sentido longitudinal ao leito, Implantadas na margem esquerda do rio, estão muito distantes umas das outras. Todas estas estruturas estão em ruínas, mostram um edifício grandioso, de planta retangular e parte circular. A pedra utilizada na construção é o xisto, matéria-prima abundante no local. As ombreiras e padieiras das portas e postigos são de granito, material mais resistente e adequado a estas partes da estrutura.

Sobressaem nas três azenhas os poderosos quebra-mar em quina, voltados para montante do rio. Esta parede maciça construída em pedra de xisto, tem como finalidade aguentar a estrutura no embate da força da corrente. As coberturas já não existem. No entanto, as paredes frontais mostram que os telhados das moagens eram de duas águas. Passamos a enumerá-las de montante para jusante.

- **Azenha de Cima**

Acesso mediano. Sair no nó do IC5 no Pinhal do Norte. Virar na EN 314-1 em direção à Brunheda a 1000m, seguir pela direita para a EM 630 em direção a Codeçais. A 3500m na direção da estação ferroviária de Codeçais virar à esquerda, a que se segue outro percurso de terra de 1665m até à estação. Depois, atravessa a linha férrea até à azenha.

A Azenha de Cima como é conhecida, é uma estrutura de construção em xisto, de planta rectangular e parte circular, com quebra-mar. Tem três portas, uma pequena janela. Está sem telhado, este era de duas águas. No interior do edifício existiram três casais de mós. Funcionou com três rodas verticais. Na padieira da porta tem gravado as datas 1879-1939. O açude é pouco visível, é no rio.

A azenha fica próxima da estação de Codeçais, pertence à família Mesquita, que prestou informação sobre a moagem, na aldeia de Codeçais a 10 de Março do corrente ano. Verificamos nos Livros de Comércio e Indústria do Município⁶, que esta azenha teve

concessão para moagem entre 1933 - 1943, tendo sido, o pedido de concessão feito por várias pessoas. João Evaristo Gonçalves, funcionário aposentado da estação ferroviária de Codeçais, recorda que esta moagem moía todo o ano, todo o tipo de cereal, em maior quantidade o trigo e o centeio. Tinha muitos fregueses, muitos vinham de fora do concelho aqui moer pão. Os moleiros que aqui trabalhavam eram assalariados, pela descrição do nosso entrevistado, já todos falecidos. Faziam também de barqueiros, na travessia de pessoas, cargas e animais. Esta Azenha trabalhou até 1963/64, ficando até hoje abandonada⁷.

- **Azenha de Baixo**

Acesso difícil. Sair no nó do IC5 no Pinhal do Norte. Virar na EN 314-1 em direção à Brunheda a 1000m, e seguir pela direita para a EM 630 em direção a Codeçais, a 2380m. Vira à esquerda por um caminho de dificuldade acentuada com a extensão de 1990m até à azenha. Antes de chegar à azenha atravessa a linha férrea.

Situa-se esta moagem no lugar do Macurro. É uma estrutura de construção em xisto, de planta rectangular e parte circular com parede quebra-mar; sem telhado, de duas águas. Funcionou com dois casais de mós. Não há vestígios da roda vertical. Tem uma porta e uma pequena janela. Tem gravado na padieira da porta a data 1927. Faz parte outro edifício em alvenaria de granito, xisto e tijolo, de grandes dimensões que serviria como habitação ao moleiro. Alimentada pelo açude levemente oblíquo, localizado a montante desta. A água aqui represada era conduzida para o canal ou gola onde trabalhava uma roda, esta já não existe.

Nas ombreiras de granito da porta, tem gravado dois círculos com uma cruz dentro de cada um, numa outra pedra uma ferradura, debaixo deste desenho 1889. Pela pesquisa que efetuamos para nos elucidar sobre o significado dos símbolos gravados, percebemos que se tratava de cruces, “marcas” de propriedades (Moraes, C, 2006, p.405). A cruz é idêntica á da Ordem de Malta. Estas cruces, são vistas em vários locais do concelho. Um outro edifício que servia de habitação ao moleiro está adjacente à azenha. Esta casa, em alvenaria de planta rectangular, com várias divisórias, já sofreu umas obras de beneficiação que a descaracterizou. Está implantada a uns metros acima do moinho, num patamar. Na envolvente da moagem, em patamares, há terras de cultivo de vinha, olival e algumas fruteiras. Os habitantes da aldeia de Codeçais recordam que esta moagem funcionou até aos anos sessenta.

⁶ Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães. Livros de registo de “Imposto de Comércio e Indústria”, ano de 1928. Pesquisa efetuada no Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães, com a colaboração da Dra. Margarida Saavedra.

⁷ Entrevista efetuada na aldeia de Codeçais ao Sr. João Evaristo Gonçalves no dia 10 de março de 2012.

- **Azenha da Sobreira**

Acesso mediano. Sair no nó do IC5 no Pinhal do Norte. Virar na EN 314-1 em direção à Brunheda até à povoação, são 2300m. Depois de sair da aldeia virar à direita pela estrada em direção à estação ferroviária da Brunheda, a distância é de 2201m. Atravessa a linha férrea, até à azenha são mais 550m.

Estrutura de construção em xisto, de planta retangular e parte circular, parede em quebra-mar. O telhado foi de duas águas, está destruído. Trabalhou com dois casais de mós. Tem a roda vertical, semidestruída. Tem uma porta e uma pequena janela. A azenha da Sobreira ou da Estação da Brunheda como era conhecida, é propriedade da família Sequeira Mesquita⁸. A moagem está implantada no leito do rio, tem um açude de margem a margem, levemente oblíquo. Este engenho era movido por uma roda vertical, de ferro, colocada numa estreita gola paralela à parede da moagem. A roda toda empenada ainda se pode observar no mesmo local.

Nas ombreiras de granito da porta tem gravadas umas cruces, idênticas às da Azenha de Baixo. Desta moagem, contou-nos D^a Maria Pinheiro Gomes, natural da Brunheda⁹, que a azenha esteve em funcionamento até 1957. Teve vários moleiros, que trabalhavam para o dono da moagem. Eram conhecidos por alcunhas, o último a trabalhar na azenha era da aldeia, tinha um moço como ajudante. A freguesia era muita, devido à proximidade da estação. Recorda D^a. Maria Pinheiro Gomes, que em invernos muito chuvosos, o nível da água subia muito e a moagem ficava submersa. A garotada formava um grupo e iam observar de um ponto alto, a morte dos ratos. Estes, enormes e gordos alimentados pelo grão na azenha, trepavam até ao telhado, quando a água chegava até aqui, eles iam rio abaixo levados pela corrente. Da estação ao moinho existe um trilho em terra, depois há que atravessar a linha férrea para chegar à azenha. O aspeto geral da azenha é de abandono e degradação. Na margem, próximo da mesma existia uma barca de passagem.

- **Azenha da Alvela**

Informou-nos o Sr. Presidente de Junta do Castanheiro, Sérgio de Castro que, no limite da freguesia de Castanheiro onde passava a linha do Tua. No lugar a que chamam Alvela, a montante do apeadeiro de Castanheiro, na margem esquerda do rio, existem umas pedras de moagem que pertenceram a uma azenha já desaparecida. Constatamos que a construção da hidroelétrica do Tua, vai submergir o lugar do Alvela onde ficava a azenha, da qual não há memórias.

⁸ Entrevista efetuada na aldeia da Brunheda a D^a Maria Pinheiro Gomes no dia 28 de abril de 2012.

⁹ Entrevista efetuada na aldeia da Brunheda a D^a Maria Pinheiro Gomes no dia 28 de abril de 2012.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, os relatos do pároco da Freguesia de Castanheiro, menciona haver no rio Tua “*moinhos e azenhas de moer pão*” (Capela, J.V, 2007, p.353). No entanto, não diz se estavam implantadas no limite da sua freguesia.

Nos registos de licenças passadas para a Indústria de moagem, que se encontram no Arquivo Municipal. Encontramos um pedido de concessão para uma azenha a motor na aldeia de Castanheiro, no ano de 1939, a licença foi passada a António José dos Santos.

A engrenagem motora das Azenhas de rio

Pelo estado de degradação e despojamento em que se encontram as azenhas acima mencionadas, foi de todo impossível fazer uma descrição das peças que constituíam a engrenagem motora, as madeiras e outros materiais utilizados na construção das mesmas. Apoiados na obra dos autores “Sistemas de Moagem”, estudo que muito ajudou na compreensão destes testemunhos presentes, e na análise feita ao que ainda resta das estruturas, vamos tentar reconstituir, dando uma visão muito linear do funcionamento de uma azenha.

Nas azenhas de rio ou de propulsão inferior, como já foi mencionado atrás, as suas rodas trabalham dentro de canais ou golas de pedra, por cujo fundo inclinado, a água corria velocemente. Nas azenhas inventariadas só uma apresentava a roda em ferro, já toda empenada e com falta de peças, a qual não conseguimos descrever por estar demasiado danificada. Nas três moagens, funcionaram cinco rodas e sete casais de mós.

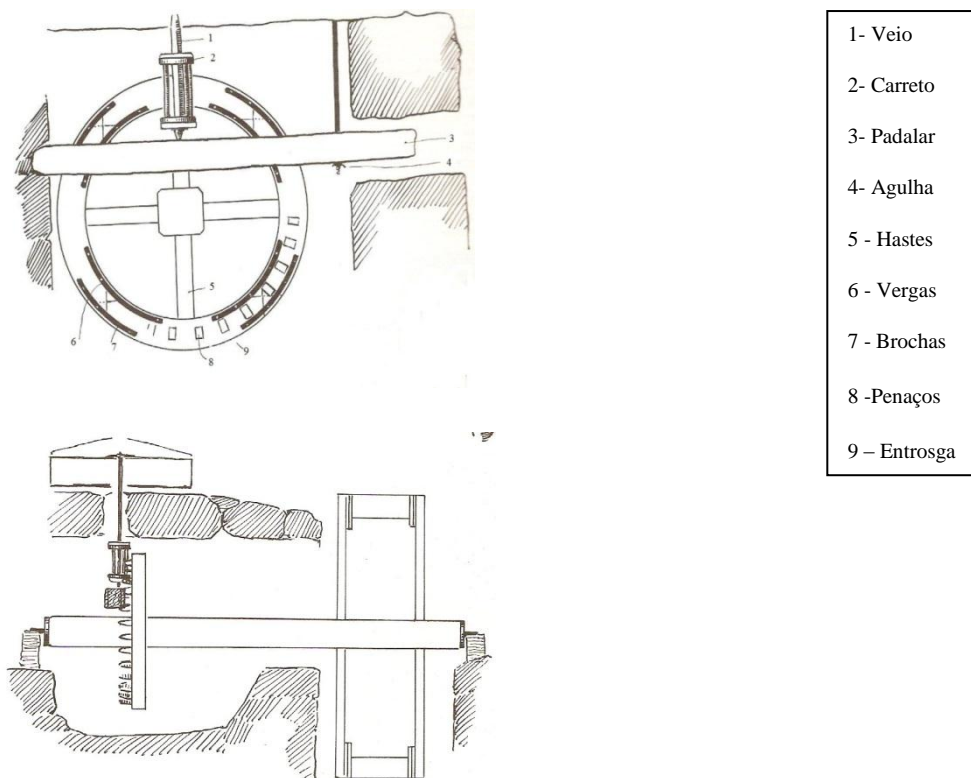
A azenha é formada por dois pisos, onde estão instaladas as moendas, este piso pode ser térreo ou sobradado. O piso inferior, onde se situa a engrenagem motora de uma ou mais rodas, é designado por *caboucos ou lojas da azenha*. Nas azenhas, a chegada e o escoamento final da água tem lugar do mesmo lado do edifício onde se situa a roda (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.205), fato que podemos constatar nas azenhas por nós inventariadas.

Na gola encontra-se instalada uma ou mais rodas, dependendo da arquitetura do edifício. Como se constata na Azenha de Cima, este edifício albergou três rodas, que funcionavam ao mesmo tempo.

“A roda é construída em madeira, tem dois pares de braços, apertados nos orifícios do eixo por cunhas grandes” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.191). Na

borda da gola, parede maciça em pedra, apoiava o eixo da roda, na extremidade oposta o eixo gira dentro da azenha, na loja ou cabouco.

“O eixo da roda, que entra na azenha através de um postigo, tem aí, aplicada a entrosga, cujos dentes engrenam nos fuseis do carreto” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.191).

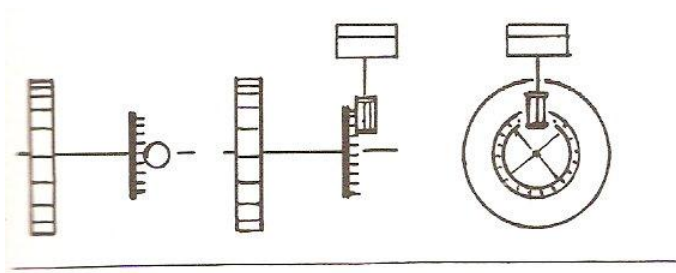


Des. 102. (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B, 1983, p.197)

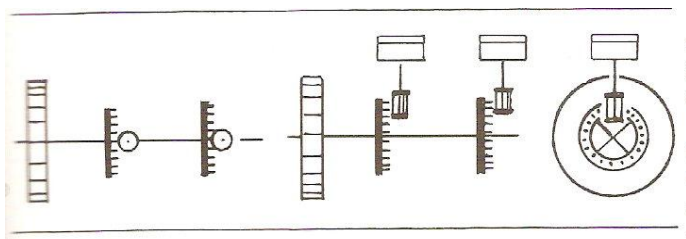
“O veio do carreto gira na rela de aço, embutida no urreiro – a ponte. Os movimentos verticais da ponte são transmitidos diretamente pelo aliviadouro, estes são em ferro, com tarracha” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.191).

“Cada roda move geralmente um só entrosga, que por sua vez aciona uma só pedra de moagem. Porém, há rodas que movem duas entrosgas situadas num mesmo eixo, acionando outras tantas moendas” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.191).

O que parece ser aplicável ao caso de duas azenhas do Tua, pelo facto de apresentarem uma roda e na moagem funcionarem dois casais de mós. Na descrição da Azenha de Cima, o edifício da moagem tem três postigos onde estava colocado em cada um uma roda, no interior contamos três casais de mós.



a) Uma roda move uma mó



b) Uma roda move duas mós

Des. 98 a) e b) (Oliveira, E.V.; Galhano, F.; Pereira, B, 1983, p.191)

No interior dos edifícios, identificamos como dissemos, as mós andadeiras e as dormentes cobertas pela vegetação. Junto das portas encostadas à parede e no chão a reforçar as lajes da calçada, vimos muitas mós gastas pelo uso, o que é explicável, pois, o trabalhar constante das pedras com rotações mais velozes obrigava o moleiro a fazer picagens amiudadas e a substituir as mesmas com regularidade.

Vimos já, que no piso superior ficavam colocadas as pedras da moagem, assim como outros objetos indispensáveis à moagem: a tremonha, na qual o moleiro despejava o grão a ser moído, e os acessórios a ela associados, o canelo e o chamadouro. Em redor das pedras a resguardá-las, assenta o cambeiro, construído em madeira. Os picos, as vassouras, as pás, as peneiras, são objetos indispensáveis no dia-a-dia do trabalho do moleiro.

Nas azenhas, o dia de trabalho tinha um período de pausa, para descanso do moleiro e para que as pedras arrefecessem, o rodar constante aquecia-as tanto que por vezes estragava a farinha. Na memória dos que conviveram com o funcionamento das azenhas, foi dito, que pelo rio chegava, em barcas, o grão e também pelo comboio da linha do Tua, apanhando os fregueses nas estações e apeadeiros. Outra forma de transporte era feita no dorso dos animais de carga ou de carroça, percorrendo longos e sinuosos caminhos até às azenhas.

1.4 Moinhos de Vento

Segundo os autores do livro *Sistemas de moagem*, “na europa em geral o regime dos ventos é muito variável” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.224), por este motivo apetrecharam o velame dos moinhos de forma a obedecer a um princípio mecânico especial, em que todo o edifício, ou pelo menos a parte onde se encontra o velame, pudesse rodar, a fim, deste ficar frente ao vento, de qualquer quadrante que soprasse.

Segundo os mesmos autores, “os moinhos de vento situam-se sempre em pontos altos, em colinas de pequena altitude, ou em terrenos planos e abertos, de modo a ficarem sujeitos aos ventos, a cujo quadrante de adaptam conforme a variação destes, por meio de um sistema rotativo, localizam-se geralmente no meio de um terreiro circular” (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.251).

No concelho de Carrazeda de Ansiães, identificamos três moinhos de vento. Segundo as nossas pesquisas, é pouco frequente encontrar moinhos de vento em terras do interior transmontano. Neste estudo, não foi possível, pela falta de registos iconográficos ou orais reconstituir a história das três moagens movidas pela energia eólica. Assim como, assinalar as transmissões de propriedade, as construções ou até reparações. Não percebemos os valores coletáveis, ou se eram explorados pelos proprietários ou rendeiros, e se trabalhavam com uma ou duas mós.

No entanto, a recolha de informação sobre os mesmos que foi efetuada junto dos locais, no intuito de saber a sua história, foi infrutífera. Das informações colhidas junto dos habitantes do Concelho com mais idade, disseram não ter memórias do funcionamento das moagens, habituaram-se à presença das estruturas em ruínas, das quais nunca procuraram conhecer a sua história.

Como nas embarcações à vela, também os moinhos de vento aproveitam a mesma fonte de energia recorrendo a uma técnica semelhante para assegurarem o seu funcionamento. Tal como o marinheiro, também o moleiro deve medir a direção e intensidade do vento e manobrar as velas para dele tirar o máximo rendimento. Para tal, utiliza o cata-vento que está estrategicamente no tejadilho do moinho. Os moleiros, são conhecedores das técnicas de captação de energia eólica, preveem tempestades, perscrutadores atentos dos

fenómenos naturais. Dos três moinhos identificados, e pela análise do conjunto, estão situados em áreas que em tempos ficavam a alguma distancia do aglomerado habitacional.

Estes edifícios revelam a humanização da paisagem, em que, na sua tipologia, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais, como: geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais. As áreas em que estão implantados e a funcionalidade que serviram.

A tipologia destas estruturas define a sua diferenciação regional, também pelos materiais locais que utiliza. Associados a estes fatores, apercebemo-nos de um ajustamento às peculiaridades climáticas do meio e as implicações mais ou menos indiretas que estas determinam. Nos moinhos de vento, a vela no exterior, que faz mover a engrenagem, é ajustada à variabilidade dos ventos, daí o formato cilíndrico do edifício e a robustez das paredes que, suporta o velame que se movimenta à volta do edifício.

As estruturas por nós identificadas, do seu aspeto exterior, como à disposição do interior são estruturas de formato de planta circular de forma cilíndrica, são moinhos de torre fixa do tipo mediterrâneo. Esta tipologia constitui a forma mais característica do moinho de vento português, em que apenas o tejadilho é móvel, o resto do edifício é de pedra, de espessas paredes. Têm uma porta, e uma ou duas janelas, a altura é variável, a porta abre-se do lado contrário daquele donde sopra o vento dominante da região.

A pedra de granito, pela sua constituição dura e resistente ganhou ampla utilização como material de construção. Devido também à sua abundancia no concelho, o granito, foi utilizado na construção dos aglomerados populacionais, nos muros, nos edifícios religiosos, nos pelourinhos, aflora nas zonas planálticas.

O granito, recurso natural da região foi utilizado também na construção dos moinhos. As paredes cilíndricas dos moinhos de vento são feitas de pequenos blocos toscos de granito. São do mesmo material as ombreiras e padieiras das portas e janelas, em blocos maiores de pedra, mais ou menos aparelhada. O estado de ruína em que fomos encontrar estas estruturas, que delas apenas resta a estrutura exterior, não nos deixa outra hipótese senão imaginar como seriam no passado.

Pela leitura histórica do espaço, apercebemo-nos que o perímetro das aldeias cresceu, ocupando espaços que provavelmente há cem anos atrás eram os arrabaldes do povoado. Hoje, o casario está na envolvente dos moinhos. Um bom moinho era o resultado da boa escolha do local para a sua implantação, sítio onde os ventos sopravam favoravelmente. A facilidade de acessos permitia o transporte de pessoas e animais á moagem, assegurando ao moleiro uma freguesia fiel.

A planta do edifício é desenhada segundo a sua função, exprime também o ambiente natural, o meio geográfico, a ruralidade, uma cultura. É acima de tudo uma longa evolução, eles resumem a experiência de gerações de gentes da terra. Funcionaram como uma ferramenta adaptada ao trabalho do homem do campo; este transmite-a tal como os seus antepassados a conceberam e realizaram, são um verdadeiro instrumento agroindustrial.

1.4.1 Moinho de Vento de Carrazeda de Ansiães

Acesso fácil. Na Rua Luís de Camões vira à direita na entrada Norte pela rua Moinho de Vento. Este percurso é de 278m a partir da estrada nacional nº 214 até ao moinho que está a uma altitude de 750m.

O moinho de Vento, deu o nome à rua onde está implantado. Edifício de planta circular, de construção feita em blocos de pedra granítica, bem aparelhada. Situado num promontório granítico a 750m de altitude, na entrada a norte da vila de Carrazeda. Esta edificação foi em tempos muito recuado um moinho de vento. Colhemos esta informação através de uma ficha de inventário do Património Histórico, realizado nos anos oitenta pelo setor da Cultura do Município de Carrazeda de Ansiães. O inquérito feito, presume-se que a dois populares já idosos da vila, recolhia as memórias da edificação e laboração desta unidade fabril. Assim, se interpreta que este moinho tivesse sido construído por volta do ano 1900 e que funcionara aproximadamente durante uma década. Foi adquirido pela autarquia há menos de uma década, tendo esta procedido à recuperação deste imóvel em Abril do corrente ano. Não havendo memórias materiais de desenho do edifício antigo, foi feita uma adaptação da tipologia de Moinho de vento de torre fixa, de sarilho e capelo rotativo.

Através do *inquérito*¹⁰ elaborado pelo sector da Cultura do Município junto de dois habitantes de Carrazeda, e que não está datado, obtivemos alguma informação. Poder-se-á assim entender pelo mesmo, que a data provável da construção do moinho seja de 1900. Afirmaram os inquiridos que o moinho só funcionou alguns anos, deram conta da existência de uma moagem a motor na Vila de Carrazeda. Contaram que no moinho trabalhavam, o moleiro proprietário da moagem e um empregado. Que ao moinho,

¹⁰ Documento constante do processo de intenção de classificação patrimonial fornecido pelo Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães.

vinham os locais moer os cereais que colhiam nas terras circunvizinhas. O abandono da moagem deveu-se à saída do proprietário para outra terra fora do concelho, na qual foi trabalhar na mesma profissão.

Há uns anos atrás, em 2004, o moinho foi adquirido pela Câmara Municipal a um particular. No corrente ano, foi recuperado, por fazer parte de um património material e imaterial que está a desaparecer. Por se tratar de um símbolo identitário na região, foi desejo da autarquia transmitir este legado cultural. Os seus potenciais pedagógicos e turísticos têm vindo a ser valorizados com o intuito de atrair pessoas de fora de Carrazeda que o queiram visitar e, deste modo divulgar outros patrimónios. Não pode deixar de parecer estranho que esta estrutura tenha sido eleita como identitária do concelho. Há ruínas de 3 moinhos de vento num total de 64 moinhos hidráulicos. Estes moinhos que não parecem ser anteriores aos inícios do século XX e, eventualmente, resultado de experiências de algum proprietário que tentou retirar partido de uma nova fonte energética, não podem ser considerados como elementos narrativos principais da história do concelho e contribuintes de forma vinculada para a sua identidade.

O espaço dedicado a esta estrutura pode parecer exagerado neste capítulo, mas justifica-se pelo facto de não existir no arquivo camarário no processo de requalificação a memória descritiva do moinho. A terminologia usada pelos carpinteiros, a identificação das peças constituintes e os materiais adequados foram inquiridos junto dos técnicos com o intuito de comparar com os estudos consultados.

1.4.2 Estrutura e engrenagem do moinho de vento

Na recuperação do edifício do moinho de Carrazeda de Ansiães, mantiveram a primitiva e robusta construção de planta circular em pedra granítica, *com cerca de 4,10m de diâmetro e 3,60m na altura*. Conserva a porta, e duas janelas em madeira de castanho e, uma abertura na parede por cima da porta que serve para dar claridade. *As paredes, tem 0,70cm de espessura*¹¹. Na sua recuperação, e por se desconhecer como funcionava a rotação do tejadilho na sua forma original, foi adaptado um sistema, por meio de um sarilho interior, como é *predominante no Alentejo e Algarve* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p 251).

Como em todos os moinhos de torre fixa, aqui, o tejadilho é cónico feito em madeira de castanho. O *pião* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.251), peça que fica no cume do tejadilho é de madeira de freixo, cobre a união das madeiras neste ponto.

¹¹ Inquérito do Património Histórico – Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães



Capelo do moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

Esta estrutura, assenta num forte anel de madeira, a que chamam o *frechal de cima* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.251), este munido de 28 rodas em madeira de sobro desliza sobre uma calha aberta no capeado da parede, a esta abertura de forma circular na pedra de granito, tem o nome de frechal de baixo.



Frechais no moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

Na reconstrução da estrutura, os artífices perceberam¹² que esta tinha sido alteada, visto encontrarem uma abertura idêntica na parede a 0,70cm abaixo, disseram ter sido a abertura de um primeiro frechal de baixo. Deduzimos que este alteamento fosse para tirar maior rendimento da moagem, pois, permitia melhor captação dos ventos.

¹² Contactámos o carpinteiro chefe desta obra, Senhor Pragal, para nos elucidar sobre o processo e fizemos a descrição com a sua ajuda técnica. Trabalho de campo durante o mês de Maio de 2012.

O tejadilho ou teto do moinho, tem o nome de *capelo* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.251), é formado por barrotes que em baixo se apoiam no frechal de baixo, tem uma abertura alteada para a saída do mastro, tem o nome de *cavalete* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.260). Esta estrutura é toda construída em madeira de castanho por ser resistente às variações de temperatura e á água.

No exterior do moinho, o mastro sai pela abertura do cavalete no tejadilho do moinho, tem de comprimento 8.50m, é construído em madeira exótica, câmbala. O velame, constituído por quatro velas triangulares de pano, dispostas em cruz, é o sistema mais corrente por se encontrar na quase totalidade dos moinhos de torre. As velas, montadas em quatro pares de varas, inseridas no mastro em dois grupos de quatro, um mais à frente e outro sensivelmente mais atrás, em posição desencontrada; e presas por cordas e dispostas cada uma delas em seu par de varas, uma do grupo da frente, ao qual se prende o pano, e a outra, do grupo de trás. Depois de armadas, as velas, lembram as pás de uma hélice.

Todas as varas devem ter peso sensivelmente igual, para que não haja desequilíbrio e possa rodar o velame todo por igual. As pontas das oito varas são ligadas, a toda a volta por cordas formando um octógono. Cada vara mede 4m, são de pinho tratado. Tem mais quatro varas travessas em madeira de castanho. O pano das velas triangulares, é de tecido resistente usado nas velas das embarcações.

No interior do moinho, tem um piso sobradado no qual assenta o casal de mós. No sobrado existe um alçapão em madeira pelo qual se faz o acesso ao rés-do-chão térreo onde está fixa parte da engrenagem que se prolonga do sobrado. Este espaço tem de altura 0,30cm.

Tem um varandim suspenso, que percorre a parede interior, mede 0,80cm de parede e 1,70m de altura. As madeiras utilizadas na sua construção são o freixo e o castanho. No varandim, movimenta-se o *sarilho* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.275) que faz girar o tejadilho. Esta peça que tipifica a estrutura, é formada por quatro braços em cruz; o eixo está montado no frechal de cima, entre dois barrotes da armação, do lado de saída do mastro, é acionado pelos quatro braços em cruz; a corda, amarrada por uma extremidade enrola no eixo do sarilho, e passa por duas cordas que correm com o gancho que prende em argolas de ferro que dão pelo nome de *arganéis* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.275), cravados nas pedras da parede, a outra

extremidade prende nos arganéis do frechal de cima. Dando ao sarilho, a corda, enrolando no eixo, encurta, e, firmada entre o braço do sarilho e o arganel da parede, puxa o capelo, que roda até os dois arganéis ficarem na mesma linha, assim, mudando o gancho que prende no arganel da parede para o seguinte, também na parede, a rotação do capelo vai até ao ponto desejado. O sarilho, aqui, foi feito em madeira de freixo. Para chegar ao varandim é utilizada uma escada em madeira de pinho.



Sarilho no moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

Dentro do moinho, a rotação do mastro impulsiona a *entrosga* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.275), esta peça tem 32 dentes, e de diâmetro 1,20m é construída por várias madeiras – sobre, freixo e áli, esta é exótica. O *carrete* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.275), construído por 8 varas de oliveira brava, situado em frente à entrosga para que este possa rodar em torno dela, acompanhando a rotação do tejadilho e mastro de acordo com a orientação do vento.



Entrosga e carrete no moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

O eixo do carrete forma o veio de cima; em aço, mede 3 m que, unido à segurelha em ferro, encaixa e levanta a mó andadeira acionada pelo veio. Este prolonga-se para baixo; atravessa uma bucha em madeira de freixo que se encontra no olho da mó dormente, e gira na *rela* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.275), peça construída numa liga de metais, fixada no *urreiro* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.253), um suporte em madeira de sobro fixo, por baixo do sobrado.

O aliviadouro (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.253), comanda as deslocções verticais que regulam a aproximação das mós. Está assente no sobrado e é de rosca metálica.



Aliviadouro no moinho de vento recuperado Carrazeda de Ansiães

O casal de mós, formado pelo pouso ou dormente, é a pedra que está assente no sobrado é a mais pesada e, pela mó andadeira, que roda por cima desta. Vieram de Bucelas de um moinho desativado, são de pedra de calcário e tem de diâmetro 1,20m.

Em redor das mós existe um resguardo em madeira, o *cambeiro* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.258), com uma abertura em frente junto das mós, tem

como finalidade impedir que a farinha se espalhe está assente no sobrado, foi construído em castanho. O grão corre da *tremonha* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.258), que parece uma pirâmide invertida, para caleira também em madeira, o *canelo* (Oliveira, E.V; Galhano, F; Pereira, B, 1983, p.278), que um pau faz vibrar; esta vibração é regulada pelo girar da mó andadeira na qual assenta uma ponta, a outra é presa ao canelo. Estes objetos são em madeira de castanho. A tremonha está assente no cambeiro, protegidas por este estão as mós.



Tremonha e veio no moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

Faz parte dos objetos utilizados no moinho: uma balança decimal; uma pá de moleiro; uma vassoura; os picos em ferro para picar as pedras; uma peneira; um candeeiro; rolos de madeira para deslocar as pedras e um suporte em madeira, cavalete, para assentar a mó de cima aquando da picagem.



Utensílios usados pelo moleiro no moinho de vento recuperado – Carrazeda de Ansiães

- **O moinho de Vento do Vilarinho da Castanheira**

Acesso fácil. Tomar a EM 624 para a aldeia de Vilarinho da Castanheira. No largo principal da aldeia virar por uma rua calcetada à direita para o largo da feira, são cerca de 274m, chegando aqui subir a rua do castelo e percorrer 100m. À esquerda está situado o moinho em ruínas.

Implantado na Rua do Castelo, a moagem é um edifício de planta circular, com paredes de alvenaria de pedra granítica. Apresenta um piso térreo à cota do terreno natural onde assenta o edifício. Está em ruínas. É a única estrutura deste conjunto de moagens que tem gravado na parede do edifício uma data, e que atribuímos ser a da construção [1905]. Está implantado num morro granítico. No lugar onde foi erguida a moagem, fora aproveitada a rocha, esta foi escavada, serviu de alicerces à estrutura. Ao reparar no edifício em ruínas, tem-se a perspetiva que emerge de entre as fragas. A moagem é propriedade de Fernando Mesquita.

- **Moinho de Vento do Mogo de Malta**

Acesso fácil. Segue-se a estrada nacional nº 214 rumo à povoação de Mogo de Ansiães. Vira-se em direção à aldeia de Mogo de Malta, com destino à ermida da Sra. da Saúde. O moinho fica à direita, na rua da Nogueira, junto à calçada de Mogo de Malta. A distância da EN até junto do moinho é de 1030m.

A moagem que se situa no lugar de Cabeça Gorda, na aldeia de Mogo de Malta, é uma estrutura de construção em alvenaria de pedra granítica. Moinho de planta circular, sem cobertura, com uma porta virada a poente e uma janela a norte. Situa-se numa zona planáltica. O edifício é propriedade da família Girão.

Parte III

1. Proposta de visita a três núcleos de moagem

Importa, por fim, traçar algumas perspetivas que se nos afiguram importantes para o futuro próximo: a dinamização através de visitas guiadas aos moinhos. A experiência ganha com o trabalho desenvolvido e os seus resultados, permite-nos proceder a continuação do estudo para a divulgação do património molinológico. As razões a invocar que fundamentariam tal afirmação poderiam ser muitas. Interessa-nos sobretudo apontar as mais evidentes – as mais reconhecíveis pelo senso comum e as que se prendem mais particularmente com ações turísticas, mas não só. Pretende-se sublinhar o valor patrimonial e histórico, condição necessária para, em conjunto com fatores diversos, particularmente os que as estratégias de desenvolvimento local incluem, num tecido económico marcado por uma realidade agrícola distinta do passado e por serviços, se poder apostar na valorização e defesa dos valores que o meio rural produziu.

A proposta de escolha destes três diferentes núcleos, deve-se ao facto destes apresentarem realidades diferentes, em parte, ao da maioria dos núcleos moageiros por nós inventariados. Como já foi dito, o local de implantação dos moinhos era escolhido pelas características geográficas do lugar. Na atualidade, para dinamizar estes locais e mostrar outros pontos de interesse que atraiam o visitante, é nossa intenção abrir esse leque de recursos, não só dos moinhos que se pretende divulgar mas também da sua envolvente.

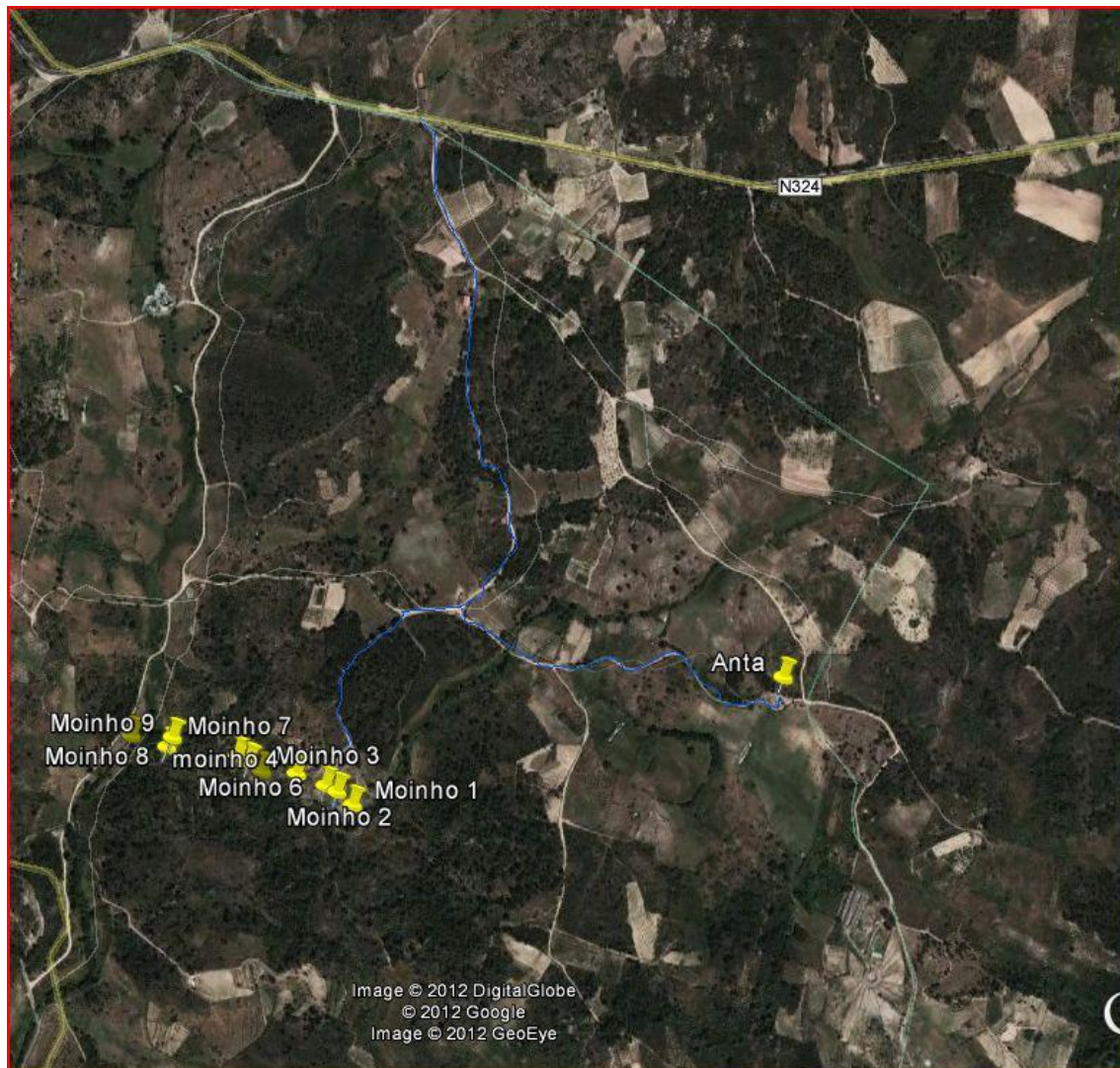
Assim, conjugamos nestes conjuntos que apresentamos: moagens; percursos pedestres; paisagens naturais; paisagens humanizadas. E tantas outras realidades como: da fauna, da flora e dos aromas, só contatáveis com uma visita ao local.

1.1. Núcleo moageiro de Vilarinho da Castanheira

Núcleo de dez moagens, situadas no lugar do Couto, em Vilarinho da Castanheira. Neste conjunto moageiro é possível observar dois moinhos de água, de rodízio,

recuperados. Os edifícios albergam no seu interior as mós e seus aparelhos motores, assim como outros acessórios indispensáveis ao trabalho realizado no moinho. No exterior, junto dos edifícios são observáveis as levadas e os cubos, peças fundamentais que canalizam a água ao interior das moagens.

O visitante é convidado a sentir o espírito do lugar, a viajar no tempo. Num espaço de 500m pode observar as formas arquitetónicas dos edifícios. Anexos aos moinhos, pode observar o abrigo de animais – a casa do burro que transportava os cereais/farinhas. Dentro de alguns dos moinhos há vestígios de fornos de cozer pão. Além deste património material, tem a paisagem luxuriante que cresce ao longo das margens do ribeiro do Couto. Toda a envolvente dos moinhos permite, apesar das transformações ocorridas, observar como o pinhal, os campos agrícolas, rebanhos no pasto representavam uma complementaridade de recursos para a aldeia, bem perto. No caminho terá ainda a possibilidade de ver uma eira comunitária, onde se separavam o grão da palha. No percurso para os moinhos fica sinalizada a Anta do Vilarinho, monumento megalítico, conhecida por Pala da Moura, enquadrada num espaço natural.

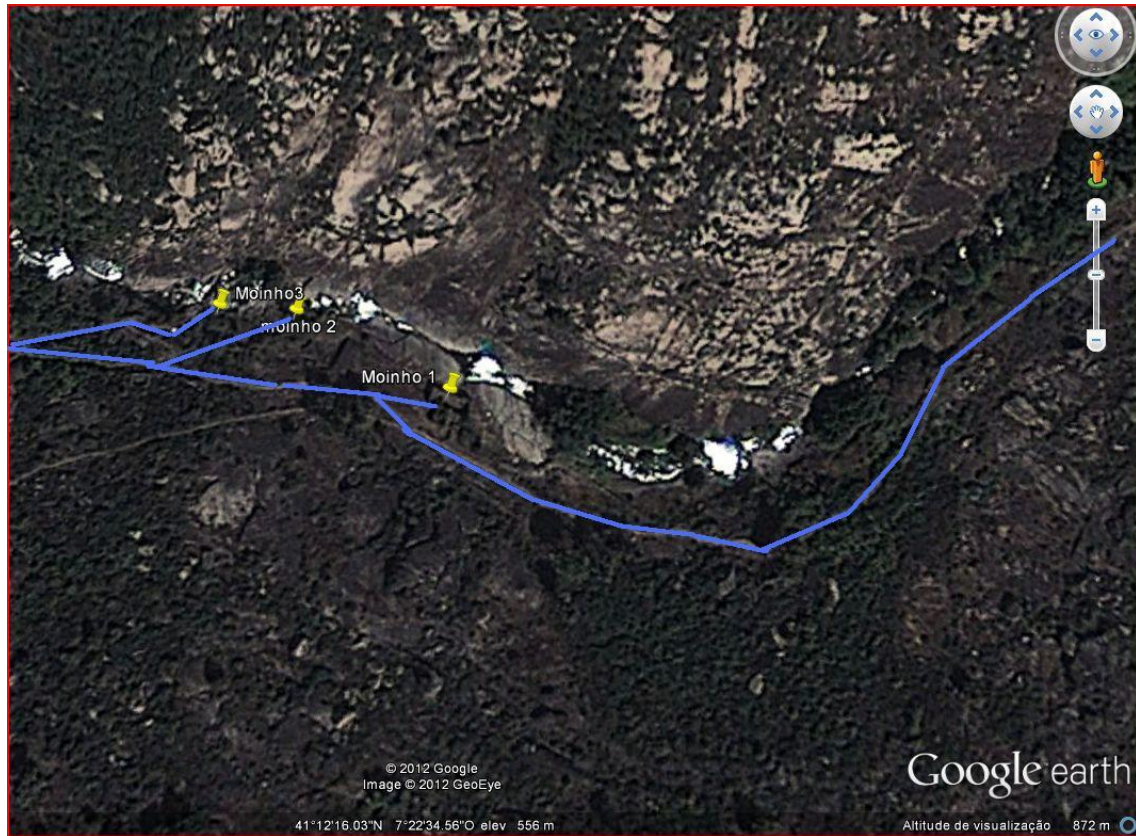




1.2. Núcleo moageiro de Linhares – Rodo

No lugar do Rodo, freguesia de Linhares foram assinalados três edifícios de moagem. Saindo da aldeia para o local de implantação dos moinhos de rodízio, o visitante pode desfrutar de paisagens rurais: campos de hortícolas e vinhas. No percurso tem a capelinha de S. Gonçalo. Passando uma pequena ponte, o panorama paisagístico transforma-se, o caminho segue por trilhos muito apertados sempre a descer, junto à ribeira. Entrando num vale muito encaixado de grandes penedias, depara-se com uma paisagem bucólica, moinhos e ribeira formam um todo. Em patamares vêem-se pequenos talhões onde se fabricam umas hortas de legumes muito viçosos, outrora dos moleiros!

No verão, a ribeira leva pouca água sendo possível o visitante deslumbrar-se com a beleza do leito da ribeira: espelhos de água que ocupam as concavidades rochosas formadas pela força das águas invernais. Os populares apelidam estas fendas rochosas de “banheiras naturais”, nas quais muitos tomaram banhos quando crianças. Pode neste lugar, o visitante, desfrutar da caminhada fazendo uma paragem nos moinhos junto da ribeira.



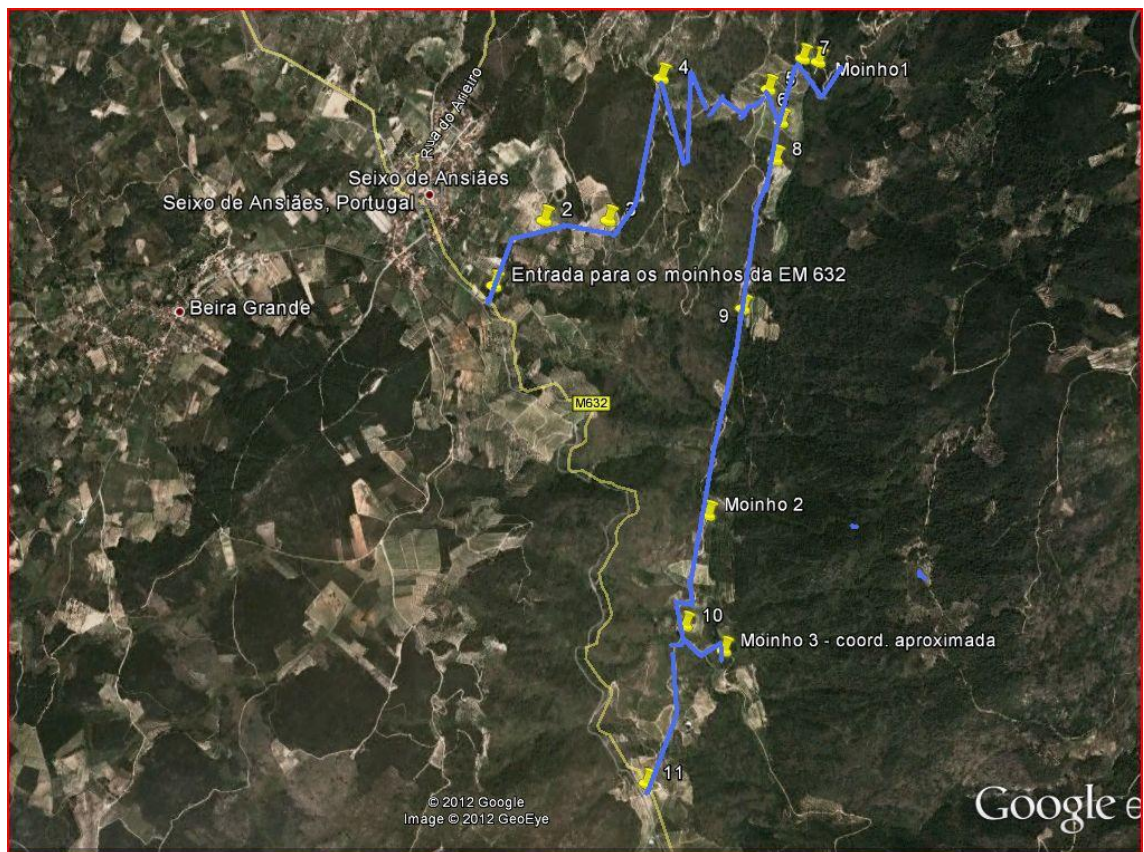
Fotografia do leito da ribeira de Linhares - Rodo



Fotografia de moinho e ribeira de Linhares - Rodo

1.3. Moinhos e paisagem vinhateira do Douro – Seixo de Ansiães

A partir da aldeia do Seixo de Ansiães com a ajuda de um conhecedor do terreno, o visitante que aprecie longas caminhadas, pode, num ziguezague entre vinhedos, desfrutar da paisagem típica do Douro. Caminhando junto da margem esquerda da ribeira da Osseira, sempre a descer, vai encontrando no percurso e inseridos na paisagem, três moinhos de rodízio. O acesso pelas margens da ribeira é difícilimo, a densa vegetação num vale muito encaixado, dificulta o percurso. Ao longo da ribeira adensam-se olmos e choupos e outras árvores. Neste local impera um microclima – calor e humidade, propiciando o crescimento de abundante flora que desconhecemos as espécies. Neste trajeto, após a época das chuvas, o caminhante pode deparar-se com a “Fraga da Ôla”, maciço rochoso altíssimo do qual cai grande quantidade de água, formando uma nuvem de gotículas no ar. A sul o visitante tem a Senhora da Ribeira, as quintas nas encostas e o rio Douro.



Fotografia dos vinhedos na Senhora da Ribeira – Seixo de Ansiães

Conclusão

A Carta Europeia do Património Arquitectónico afirma serem Património Arquitectónico da Europa os monumentos mais importantes, e *os conjuntos de construções mais modestas das cidades antigas e aldeias tradicionais inseridas nas envolventes naturais ou construídas pelo homem*; e mesmo sem edifícios excepcionais *podem apresentar especial atmosfera que os qualifica como obras de arte, diversificadas e articuladas* (Carta Europeia do Património Arquitectónico, 1975).

A mesma Carta afirma o valor deste património como *expressão da História* que ajuda *a compreender a importância do passado na nossa vida; contribui para um ambiente equilibrado e completo, indispensável à vida dos cidadãos.*

Confirma a emergência da salvaguarda do nosso património arquitectónico para que possa *ser transmitido às gerações futuras na sua plena autenticidade e variedade como uma parte essencial da memória da humanidade (...) e parte da consciência do homem (...) acerca do capital de insubstituível valor espiritual, cultural, social e económico*

Entendemos ser possível, desejável e imprescindível que os poderes locais – públicos e particulares, possam promover o desenvolvimento regional por via do Turismo Natural e Cultural, organizando uma Rota do Património Molinheiro de Carrazeda, voltada para o Futuro, buscando no «*engenho e na arte*» dos que sulcaram e fizeram germinar a terra, com as técnicas e os recursos que desenvolveram, novas energias para viver dignamente.

Em Carrazeda de Ansiães o Património Cultural Molinheiro - material e imaterial, tende a desaparecer no meio rural onde se insere. Daí a emergência deste trabalho na sua identificação e proposta de divulgação dos conjuntos edificados, saberes ancestrais da arte da moagem, construção de sistemas hidráulicos, conhecimento e domínio técnico e operacionalidade das correntes hídricas e seu aproveitamento, coabitação moinho/moleiro, transporte de matérias-primas e da farinha ligaram-se de modo a permitirem a vida de comunidades neste território. O que resta poderá vir a desaparecer completamente. Tal representa um empobrecimento da identidade das populações de Carrazeda, uma perda de elementos da memória social.

Neste espaço geográfico em concreto essa memória também é constituída pelos moinhos de rodízio, pelas azenhas, pelos açudes e levadas, com as casas do moleiro, os terrenos na envolvente do moinho, os lameiros e hortas, e evidentemente pelas ribeiras/os, o rio e os caminhos íngremes. Um sistema aparentemente simples, que representou ao longo da história uma relação vital da prática agrícola e cerealífera, indústria e habitação. Nalguns dos espaços de implantação podem ainda observar-se fornos de cozer pão, que enriqueciam o leque de atividades produtivas e de socialização.

Estes moinhos perderam a sua funcionalidade. No século XX Orlando Ribeiro, que investigou a produção de cereais, refere o centeio uma cultura predominante nos planaltos do Nordeste ainda no século XX: *cultiva-se nas áreas elevadas e nos solos mais pobres, onde é o único cereal. O acompanha por toda a parte as instalações humanas, na encosta ou na montanha.* (Ribeiro, O, p. 60) Mas a partir de determinado momento desapareceu a cultura dos cereais para dar lugar aos pomares, e com isso desapareceu a referência que poderia sugerir a explicação imediata destas estruturas para quem já só conhece as moagens elétricas. Os moinhos ficaram na paisagem a testemunhar séculos de modos de vida. No inventário estabelecido, passível de leitura na cartografia produzida, intentámos registar e tentar descrever os contextos de cada uma destas construções para que quem por lá passar possa entender o conjunto. É de referir que no inventário efetuado apenas foram encontrados moinhos de cereal, não sendo detetado nos mesmos espaços moinhos para azeite.

Nos desígnios político e económicos da administração local encontra-se inscrito o aproveitamento dos recursos naturais, edificados e imateriais do concelho com vista a gerar riqueza através da atração de pessoas de fora a Carrazeda. Também para estes foi elaborada esta proposta, concretizada nos três casos-tipo aqui apresentados. Servem como tubo de ensaio de uma experiência que se pode multiplicar no futuro, quando em relação a todos os outros núcleos de moinhos, vier a desenhar os percursos de visita, explorando os elementos envolventes. Um apaixonado pelos moinhos andarà quilómetros para visitar mais um exemplar. Para todos os outros, a ida ao moinho será tanto mais interessante e atraente quanto mais atenção for chamada para os outros elementos da envolvente destas estruturas. O moinho existiu como elemento inserido numa economia determinada e constitui-se como elemento organizador de certos espaços. Quem tinha que ir ao moinho, fazia certos caminhos, deparava-se com

determinadas realidades, conhecia, numa relação nem sempre de lazer, nem livre de esforço e risco, a força da natureza e dos homens que a tentavam dominar. Hoje uma visita aos moinhos poderá representar a redescoberta da natureza.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

FONTES MANUSCRITAS

AMCA – Arquivo Municipal de Carrazeda de Ansiães

Livros de registo de “Imposto de Comércio e Indústria” concelho de Carrazeda de Ansiães Livro nº 1 – 1928 a 1939; Livro nº 2 – 1939 a 1943

Inquérito do Património Histórico - Moinho de vento de Carrazeda de Ansiães

ADBGC - Arquivo Distrital de Bragança

Tombo de Propriedades da Casa de Ribalonga 1684, PT/ADBGC/FAM/CSP/lvA/ fls. 2/Cx1

FONTES IMPRESSAS

CARTA EUROPEIA DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO. Estrasburgo: Conselho da Europa, 1975. Disponível em WWW:<URL: <http://www.igespar.pt/media/upluads/cc/car-taeuropeiapatrimonioarquitectonico1975.pdf>

COLUMBANO Pinto Ribeiro de Castro - *Mappa do estado actual da Província de Tras-Os-Montes*, 1796. Publicado em MENDES, José Maria Amado, 1981

COSTA, António Carvalho da 1706-1712 – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes (<http://purl.pt/434>)

MORAIS, João Pinto de, Magalhães, António de Sousa Pinto, *Memórias de Ansiães* (transcrição de Ricardo Paninho) publicado em Morais, João Pinto de, 1997

Forais de Ansiães – publicados em Silva, J.R., 1997

Foral Manuelino 1510 – publicado em Silva, J.R., 1997

INAG (Instituto Nacional da Água). Disponível em WWW:<URL: <http://www.inag.pt>>.

Inquirições de D. Afonso III, para o concelho de Vilarinho da Castanheira em 1258 – publicadas em Morais, C., 2006

Memórias Paroquiais do Concelho de Carrazeda de Ansiães, 1758 – publicadas em Capela, J. V., 2007

Moinhos de Baságueda. Disponível em WWW:<URL: <http://www.beira tv.pt>>.

Tombo de Propriedades da Comenda de S. Salvador de Ansiães de 1727 – publicado em Morais, C., 2006

Bibliografia

ABRANTES, Joaquim Roque, 1985 - *Património etnográfico afectado pela barragem do Torrão - Moinhos de água; engenhos de linho; pesqueiras; barcas de passagem*. Lisboa Instituto Português do Património Cultural - Departamento de Etnologia,

BALLART, Josep, 1997 - *El Património Histórico Y Arqueológico : Valor y Uso*, Barcelona, Ariel Património Hist,

CAPELA, José Viriato, 2007 – *As Freguesias do Distrito de Bragança nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.

CAVACO, Carminda, SIMÕES, José Manuel, 1998 – *Água, desenvolvimento e bem-estar*. Lisboa.Ed. Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (GPPAA), ISBN: 972-8029-23-3

CARTA EUROPEIA DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO. Estrasburgo: Conselho da Europa, 1975. Disponível em WWW:<URL: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/car-taeuropeiapatrimonioarquitectonico1975.pdf>

CHOAY, Françoise, 2008 – *Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70.

CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte, 1987 – Inquéritos promovidos pela coroa no século XVIII in *Revista de História Económica e Social*: Livraria Sá da Costa. Nº 21.

CONNERTON, Paul, 1999 – *Como as sociedades recordam*, 2ª Ed. Oeiras: Celta Editora.

COSTA, António Carvalho da, 1706-1712 – Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes . Disponível em WWW:<URL: <http://www.purl.pt/434>>

DIAS, Jorge, 1990-1993 – *Estudos de antropologia* / Jorge Dias. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Vol. I e II.

FONSECA, Helder, 1981 - O Senhorio de S. Marcos e a comunidade rural de Vale de Azares no Século XVIII in *Revista Portuguesa de História*. tomo XIX, p.182- 270

GONÇALVES, Inês, 2009 – *Moinhos de Cabeceiras de Basto – Apontamentos de conservação [em linha]. [consult. em 2012-02-14]. Disponível em WWW:<URL:<http://museuterrasbasto.wordpress.com/2011/02/25/moinhos-de-cabeceiras-de-basto/>*

GUIMARÃES, Joaquim Gonçalves, 2000 – Os Moinhos do Côa – Introdução ao seu estudo in *CÔAVISÃO: Cultura e Ciência* nº2, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. Disponível em WWW:URL: [http:// www.cmfozcoa.pt/ index.php/cultura/.../78.../292-coa-visão-n-2](http://www.cmfozcoa.pt/index.php/cultura/.../78.../292-coa-visão-n-2)

HISTÓRIA ECONÓMICA DE PORTUGAL - 1700-2000 / org. Pedro Lains, Álvaro Ferreira da Silva. – vol.II : O século XIX. Lisboa : ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2005 — ISBN 972-671-139-8

HISTÓRIA DE PORTUGAL, 1998- dir. José Mattoso. Vol. VII O Estado Novo (1926-1974), coord. Fernando Rosas.. Editorial Estampa. s/L.. ISBN 972-33-1398-7

MARQUES, A. H. de Oliveira, 1978 – *Introdução à Agricultura em Portugal : A questão cerealífera durante a Idade Média*. 3ª Ed. Lisboa.Edições Cosmos.

MARTINS, C.A, 2005, A agricultura in Pedro Lains e Álvaro Ferreira da Silva (org), *História Económica de Portugal, 1700-2000*, vol II, O Século XIX, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2005

MATOS, Rogério Guimarães – *Património à prova de água: Apontamento para a salvaguarda das Azenhas e Açudes nas margens do Rio Ave, Vila Nova de Famalicão – Trofa*. Câmara de Vila Nova de Famalicão. ISBN: 978-989-2012-24-1

MENDES, José Maria Amado, 1981 - *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII segundo um manuscrito de 1796*, Coimbra, INIC e CHSCUC.

MONTEIRO, Henrique Jorge Coutinho de Almeida, 1997 – *A população portuguesa por 1700*. FLUP. (tese de mestrado policopiada)

MORAIS, Cristiano de, 2006 - *Por Terras de Ansiães: Estudos Monográficos*, vol. 1., Carrazeda de Ansiães, Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, ISBN 972-95129-65

MORAIS, João Pinto de, Magalhães, António de Sousa Pinto, *Memórias de Ansiães*, (manuscrito de 1721, transcrição de Ricardo Paninho), Carrazeda de Ansiães, Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, 1997

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando, 1994 - *Arquitetura tradicional Portuguesa*, Lisboa : Publicações D. Quixote. ISBN: 972-20-0959-1

OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim, 1983 - *Tecnologia Tradicional Portuguesa : Sistemas de Moagem*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

PERALTA, Elsa; ANICO, Marta, 2006 – *Património e Identidade*. Oeiras: Celta Editora.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann, 1988 - *Geografia de Portugal. 2º vol : O ritmo climático e a paisagem* ; organização, comentários e actualização de Suzanne Daveau : Lisboa : Edições Sá da Costa.

RIBEIRO, Orlando, 1998 – *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico : Esboço de relações geográficas*. 7ª Ed. Lisboa : Livraria Sá da Costa Editora. ISBN: 972-569-320-7

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann 1991– *Geografia de Portugal 4º vol: A Vida Económica e Social*; organização, comentários e actualização de Suzanne Daveau. Lisboa : Edições Sá da Costa.

SERRÃO, Joel 2002– *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV. Porto Livraria Figueirinhas

SILVA, João Ribeiro, 1997 - *Ansiães e seus forais*, Carrazeda de Ansiães, Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães.

SILVANO, Filomena, 2003 - Patrimonialização do Espaço e Afirmção Identitária. Construção Cultural de Paisagens na Área Metropolitana de Lisboa In *Almadan. Arquitectura, Património, História Local*, 2ª Série, nº 12, Dezembro.

SOEIRO, Teresa, 2006 – *O ocaso das moagens do Rio Sousa no Município de Penafiel*. Penafiel : Museu Municipal de Penafiel.

TAVARES, Virgílio, 19 – *Conheça a Nossa Terra*, Carrazeda de Ansiães. Ed. Autor.

VAN BATH, Bernard Slicher, 1960 – *História Agrária da Europa Ocidental 500-1850*, Lisboa. Editorial Presença.

VITERBO, Sousa, 1896 - “Archeologia Industrial Portuguesa. Os Moinhos” in *Archeologo Português*, Vol. II, nº 8 e 9. Imprensa Nacional, Lisboa. Pp. 193-204